

A Extensão que fizemos, a Extensão que faremos: um novo tempo para a Universidade Pública na sociedade brasileira

Obra de caráter memorialista e de registro institucional das edições das Mostras de Ações de Extensão de 2016-2023

ANA LÍVIA DE SOUZA COIMBRA E
FERNANDA CUNHA SOUSA
(ORG.)

VOL. 5



Ana Livia de Souza Coimbra
Fernanda Cunha Sousa
(Organizadoras)

**A Extensão que fizemos, a Extensão que faremos:
um novo tempo para Universidade Pública na sociedade brasileira**

Obra de caráter memorialista e de registro institucional das edições da
Mostra de Ações de Extensão de 2016-2023

Volume V
Mostra de Ações de Extensão – 2021



Juiz de Fora
2024

© Editora UFJF, 2024

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa da editora.

O conteúdo desta obra, além de autorizações relacionadas à permissão de uso de imagens ou textos de outro(s) autor(es) são de inteira responsabilidade do(s) autor(es) e/ou organizador(es).



Reitor

Marcus Vinicius David

Vice-reitora

Girlene Alves da Silva

Pró-reitora de Extensão

Ana Livia de Souza Coimbra

Pró-reitora Adjunta de Extensão

Fernanda Cunha Sousa

Equipe editorial

Ana Livia de Souza Coimbra

Fernanda Cunha Sousa

Aline Emy Fuguhara

Renata Miranda de Freitas Alencar

Sadalla Lopes Xavier Pifano

Samuel Fontainha do Nascimento

Thamirys Silva Magalhães Gonçalves

Revisão

Fernanda Cunha Sousa

Anelise de Freitas

Beatriz Jobim Péres Senra

Projeto gráfico

Ericsson Gabriel Reis Alves

Melissa Gilberto Marques

Paulo Henrique Costa Totti

Diagramação

Samuel Fontainha do Nascimento

Paulo Henrique Costa Totti

Coimbra, Ana Livia de Souza.

A extensão que fizemos, a extensão que faremos: um novo tempo para a universidade pública na sociedade brasileira / Ana Livia de Souza Coimbra, Fernanda Cunha Sousa. – Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, 2024. v. V.

Dados eletrônicos (1 arquivo: 8mb)

ISBN: 978-85-93128-85-1

Obra de caráter memorialista e de registro institucional das Mostras Científicas de 2016 a 2023.

1. Extensão Universitária - UFJF. 2. Transformação social. I. Coimbra, Ana Livia de Souza. II. Sousa, Fernanda Cunha. III. Título.

CDU: 378.4:371.33

DOI: 10.34019/ufjf.ebook.2021.00046

Pró-reitoria de Extensão
Rua José Lourenço Kelmer, s/n – Campus Universitário – São Pedro, Juiz de Fora/MG –
36036-900
secretaria.extensao@ufjf.br
Telefone: (32) 2102-3971

Filiada à ABEU



Conselho editorial

Alexandre José Pinto Cadilhe de Assis Jácome

Ana Maria Stephan

Ana Rosa Costa Picanço Moreira

Andréia Francisco Afonso

Andreia Rezende Garcia Reis

Charlene Martins Miotti

Cláudia de Albuquerque Thomé

Danielle Guedes Andrade Ezequiel

Gislaine dos Santos

Gustavo Taboada Soldati

Jordan Henrique de Souza

Josane Gomes Weber Oliveira

José Amarante Santos Sobrinho

Katia Teonia Costa de Azevedo

Luciana Holtz

Luiz Carlos Lira

Marco Aurélio Kistemann Junior

Marconi Fonseca de Moraes

Mayra Barbosa Guedes

Neil Franco Pereira de Almeida

Neiva Ferreira Pinto

Otávio Eurico de Aquino Branco

Raquel Tognon Ribeiro

Reinaldo Duque Brasil Landulfo Teixeira

Rodrigo Christofolletti

Samuel Rodrigues Castro

Schirley Maria Policario

Silvina Liliana Carrizo

Simone Sales Marasco Franco

Tatiana Franca Rodrigues Zanirato

Tereza Pereira do Carmo

Thais Fernandes Sampaio

Willsterman Sottani Coelho

V Mostra de Ações de Extensão e III Congresso de Extensão – 2021

Comissão organizadora:

Pró-reitora de Extensão: Prof^a. Ana Livia de Souza Coimbra

Pró-reitora Adjunta de Extensão: Prof^a. Juliana Goulart Soares do Nascimento

Gerente de Ações de Extensão: Diogo Mendes Rodrigues

Coordenação Acadêmica - Campus Governador Valadares: Prof^a. Alexandra Paiva Araújo
Vieira

Coordenação Geral do Evento: Aline Araújo Rocha Nery, Devani Tomaz Domingues, Profa.
Juliana Goulart Soares do Nascimento e Magali Soares da Silva

Dedicamos os volumes deste e-book a todos aqueles que acreditam no poder transformador da educação e da extensão na sociedade. Agradecemos aos incansáveis extensionistas, que dedicam seu tempo, conhecimento e paixão para levar o saber acadêmico além dos muros da UFJF, impactando vidas e comunidades inteiras.

Uma menção especial aos dedicados bolsistas e estudantes envolvidos nessas ações de extensão, cujo entusiasmo e comprometimento são a fonte de energia e sucesso por trás de cada projeto e programa. Seu desejo de aprender, crescer e contribuir para um mundo melhor é inspirador.

E, é claro, aos verdadeiros beneficiários de todo esse esforço – as pessoas cujas vidas são tocadas e transformadas pela extensão universitária. São vocês que validam a importância desse trabalho, que nos lembram diariamente que a educação tem um propósito maior: o de construir uma sociedade mais justa, inclusiva e iluminada.

Que este e-book possa servir como um tributo a todos os envolvidos, um testemunho das realizações alcançadas e um incentivo para continuar trilhando o caminho da Extensão, em que a UFJF e a sociedade se transformam mutuamente. Juntos, estamos construindo pontes entre o mundo acadêmico e a sociedade para um futuro mais brilhante para todos.

Organizadoras

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas.
Pessoas transformam o mundo.”

Paulo Freire (*Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.84)

Sumário

Prefácio da V Mostra de Ações de Extensão – 2021

Juliana Goulart Soares do Nascimento e Ana Livia de Souza Coimbra..... 9

Apresentação

Marcus Vinicius David e Girlene Alves da Silva 11

Educação

Ambientes para o brincar dos bebês

Ana Rosa Costa Picanço Moreira, Andressa Lodron, Marcelle Telles e Nathália Gurgel... 12

Caravana da Matemática: a matemática que vai até você pelas redes sociais

Beatriz Casulari da Motta Ribeiro, Reginaldo Braz Batista, Sandro Rodrigues Mazorche, Valéria Mattos da Rosa, Aline Toledo Leite, Geovanna Vilela Avelar, Letícia Naves de Souza e Sara Cristina dos Santos..... 16

Desafios de ensinar a ginástica artística no ensino remoto

Camila Soares do Valle e Roseana Mendes 23

Empreduca: levando educação empreendedora a alunos de escolas públicas em Juiz de Fora/MG

Humberto Weber Fernandes, Isabella de Almeida Fernandes, Nayara Walesca Conceição de Medeiros, Vinícius Cordeiro Martins e Priscila Vanessa Zabala Capriles Goliatt..... 27

Ensino de química para surdos: adaptações ao ambiente remoto para formação continuada de intérpretes e professores

Gabriel Eduardo Costa Pereira, Kevin Lopes Pereira e Ivoni de Freitas Reis..... 33

Experiências no projeto Voleibol UFJF: núcleos de iniciação esportivo-sociais durante a pandemia de COVID-19

Vitória Aparecida Santos de Campos, Júlia Ribeiro de Oliveira e Maurício Gattás Bara Filho 38

Experiências virtuais de comunicação intercultural e diálogo epistêmico pelo bem viver em tempos de pandemia

Abab Nino Souza Félix Pereira Batista, Shirley Djukurnã Krenak e Reinaldo Duque Brasil Landulfo Teixeira..... 43

Novas abordagens: projeto de extensão “Sorriso Canal Digital”

Amanda Vargas Trindade Roela, Andreza Soares Silva, Vitor Venancio Moreira Rodrigues e Rodrigo Furtado de Carvalho 50

O Brasil tem fome: leituras freireanas na EJA para construção de outros currículos

Victória de Souza e Silva e Mariana Cassab 56

| | |
|---|------------|
| “O ensino das Artes Marciais como contribuição para a formação humana”: limites e possibilidades em tempos de pandemia Luís Felipe Terra Daiello de Oliveira Filho, André Luis Ferreira Miranda, Jerônimo Dutra Pereira Batista Lopes e Jennifer Aline Zanela..... | 62 |
| O esporte enquanto projeto de extensão no CAP João XXIII: perspectivas em decorrência da pandemia de COVID-19 | |
| Ana Karolina Oliveira da Silva, Pedro Henrique Alves de Souza, Jennifer Aline Zanela, André Luis Ferreira Miranda e Jerônimo Dutra Pereira Batista Lopes..... | 68 |
| O início de uma história do projeto “Ginástica de Trampolim: uma oportunidade” | |
| Bruna Tagliate Teles Pereira | 74 |
| Polo interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão sobre o processo de envelhecimento | |
| Estela Saléh da Cunha e Anna Cláudia Rodrigues Alves | 80 |
| Popularização da Histologia através do Instagram | |
| Isabela Coimbra Ladeira Morais, Hiolanda Gomes Piler Dornelas, Paula Gabrielle Dias Lopes, David Henrique Rodrigues, Ana Leticia de Oliveira Figueiredo Alessandri e Márcia de Carvalho Vilela | 89 |
| Problematizando a organização de ambientes para a infância em tempos de pandemia | |
| Ana Rosa Costa Picanço Moreira, Bruna de Paula Santos Pereira e Eduarda Paula da Silva..... | 95 |
| Programa Incluir: uma abordagem na formação docente | |
| Larissa Gontijio Simas e Mylene Cristina Santiago | 100 |
| Projeto Avance: interligação entre demanda social e Universidade | |
| Roberta Cavalcanti Pereira Nunes, Mariana Aid Ramos Costa, Larissa Silveira Berberick e Isabella Ferreira dos Reis | 105 |
| Química, fotografia e arte para todos – divulgação de conhecimento durante a pandemia | |
| Bárbara Lúcia de Almeida, Arthur Girardi Carpaneze e Flávia Santos Freitas Rosa..... | 115 |
| Revista “Nós da Escola”: possibilidade de construção e fortalecimento de vínculos | |
| Mariana Dominato Abrahão Cury, Ana Rosa Costa Picanço Moreira, Camila Israel Gomes Joviano, Eliza Kelly Grosman Amorim, Maria Tereza Aguiar Parreira, Marina Salomé Campos, Pedro Hugo Vilanova Fernandes Nogueira e Sarah Elen Souza Oliveira | 121 |
| Transformando Poupadores em Investidores: alternativas vantajosas, boa rentabilidade e risco controláveis | |
| Keven de Oliveira Ornelas, Lucas Fernandes de Souza Costa, Luis Paulo Santos Camargo e Adriano Freitas de Azevedo | 126 |
| Utilização de recursos virtuais no ensino de conteúdos para a tutoria Enem no contexto do COVID-19 | |
| Arthur Soares Mesquita, Laura Maria Rezende Ribeiro, Lucas dos Santos Silva, Matheus Lucas de Souza Costa e Rosilene de Oliveira Pereira | 132 |

Prefácio da V Mostra de Ações de Extensão - 2021

A V Mostra de Ações de Extensão e III Congresso de Extensão da UFJF foram realizados entre os dias 25 e 29 de janeiro de 2021. Pela primeira vez, os eventos aconteceram na modalidade virtual, em virtude da Pandemia, e simultaneamente em ambos os *campi*.

A riqueza trazida por esse momento foi a participação conjunta de todas as equipes dos dois *campi*, possibilitando uma troca ainda maior e mais rica. Mas fazer um evento dessa natureza totalmente virtual foi um desafio, já que as marcas da extensão universitária são a presencialidade, a troca e o diálogo. E sabemos que nem todos os segmentos que participam das ações de extensão na condição de beneficiários têm acesso ao meio virtual. Por isso, não se perdeu de vista, em momento algum, a percepção de que um evento totalmente *online* foi uma excepcionalidade.

A programação incluiu a apresentação das ações realizadas no contexto da pandemia de COVID-19, trazendo para o debate desafios, dificuldades e resultados alcançados por ações desenvolvidas a partir de março de 2020.

O Congresso de Extensão Universitária da UFJF constituiu um espaço de atualização e discussão acerca das principais questões sobre a extensão universitária no país, em especial, naquele momento. O objetivo foi qualificar o debate para o contínuo aprimoramento da política de extensão na instituição, fortalecendo sua dimensão acadêmica, social e de gestão.

A programação geral reuniu palestras, mesa redonda, rodas de conversa, submissão de vídeos, minicursos/oficinas, transmissões ao vivo (*lives*) e envio de relatos de experiência para divulgação no *site* da PROEX.

O tema desta edição, “Extensão Universitária e Isolamento Social: desafios e novas perspectivas”, propiciou espaços para discussão das políticas públicas de extensão, mas também para encontros, trocas e partilhas de saberes. Permitiu ainda à comunidade interna e externa conhecer melhor os serviços desenvolvidos junto à cidade nesse período tão difícil, ao mostrar um pouco das ações desenvolvidas por meio da Extensão, eixo institucional que tem a missão de viabilizar a construção de um conhecimento decorrente do diálogo.

Em contexto inédito de tantas incertezas, possibilitou-se a reflexão e o debate por meio da participação de uma das vozes mais atuantes durante a crise do novo coronavírus no Brasil: a pneumologista e pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Margareth Dalcolmo, que ministrou a palestra “O enfrentamento à pandemia de COVID-19 e a função social das universidades públicas”.

A pró-reitora de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Cláudia Mayorga, também esteve presente e ministrou a palestra “Princípios e Metodologias: limites e possibilidades da extensão universitária na modalidade remota”, que ressaltou a necessidade de reinvenção das universidades para atuação no contexto de pandemia, convidando à reflexão, ao diálogo sobre o que foi a extensão universitária neste contexto e o que seria a extensão após a pandemia.

Assim, debatemos a democratização do acesso às tecnologias, o desenvolvimento da pandemia de COVID-19 em nosso país, quais as condições de

enfrentamento e que dilemas colocam impedimentos à imunização da população brasileira naquele momento.

A pergunta que perpassou todos os debates era: como a extensão pode contribuir neste contexto, considerando que também estava submetida às medidas do isolamento social? E o que se pôde reforçar foi o avanço da extensão nos últimos anos e sua capilaridade junto à sociedade em diversas áreas: cultura, educação, saúde, tecnologia, comunicação, dentre outras, e por isso, seu papel estratégico naquele momento para alcançar as pessoas.

Outro ponto importante foi o debate sobre o uso das tecnologias, que é anterior à pandemia, mas que se intensificou neste contexto. As universidades precisaram se repensar para lidar com o contexto de pandemia, e com as ações extensionistas não foi diferente. Foi enfatizada a necessidade de que a extensão universitária seguisse atuando e fazendo uso das tecnologias naquele momento, mas sempre com a percepção de que não existe solução única e de que devíamos olhar de forma crítica para as tecnologias, sem desconsiderar que estas possibilitam algum tipo de interação fora da perspectiva do controle, se aliadas a experiências criativas, evitando ideias reducionistas.

O que se pôde perceber foi que os trabalhos apresentados foram transpassados pela preocupação com a vida, pela valorização do pensamento científico e pela capacidade da atuação extensionista naquele contexto.

Os trabalhos premiados, os que receberam certificado de menção honrosa e os que submeteram seus relatos de experiência para apreciação na área temática de “Educação”, com aprovação da comissão editorial desta obra, compõem este volume para o qual convidamos à leitura.

Juliana Goulart Soares do Nascimento¹
Ana Livia de Souza Coimbra²

¹ Professora do Departamento de Administração do *campus* de Governador Valadares. Doutora em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais (CEPEAD/UFMG). Pró-reitora Adjunta de Extensão (2020-2021).

² Professora Titular do Departamento de Política de Ação do Serviço Social da Faculdade de Serviço Social da UFJF. Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pró-reitora de Extensão da UFJF desde abril de 2016. Presidente do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) de junho de 2018 a junho de 2019; do FORPROEX regional.

Apresentação

A publicação deste e-book faz parte de um conjunto de ações, que visam dar visibilidade ampliada à articulação entre o conhecimento produzido na Universidade e as demandas da sociedade, demonstrando como a produção acadêmica pode ser aplicada e construída em uma relação direta com a comunidade. Os textos que compõem este compilado demonstram a excelência de nossa instituição no campo extensionista.

A extensão universitária desenvolvida na UFJF tem avançado qualitativa e quantitativamente, consolidando-se como espaço de aprendizagem reconhecido institucionalmente. Assim, supera-se a concepção assistencialista do fazer extensionista com ações, as quais têm como foco a relevância social da ação de extensão, direcionando a política extensionista a programas e projetos, que considerem o compromisso social e o papel da Universidade frente às realidades que nos cercam e das quais fazemos parte.

Mesmo em contexto tão adverso, como o que vivenciamos recentemente, seguimos buscando formas de propiciar esse diálogo transformador e participativo. Parceria importante tanto para a comunidade universitária como para os diferentes segmentos sociais, os quais fazem da Universidade um espaço vivo, crítico e participativo, necessário para a formação dos estudantes, que irão contribuir para a superação de situações sociais desiguais tão intensificadas nos últimos anos. Assim, a comunidade extensionista compartilha os saberes produzidos no ambiente acadêmico com as comunidades dos territórios onde a UFJF se insere.

É preciso considerar que a prática da extensão como um componente curricular, cumprimento da Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, do Conselho Nacional de Educação, será desenvolvida em um contexto ainda de dificuldades orçamentárias.

Mas, a despeito de todos os problemas, novos horizontes abrem-se como o fortalecimento das relações interinstitucionais; como a ampliação das relações com representações de diferentes setores da sociedade, em especial com aqueles que, de outro modo, seriam privados de muitos de seus direitos fundamentais.

Estamos diante de um desafio, o qual demanda um novo saber e um novo fazer acadêmico capazes de formar profissionais de diversas áreas, que terão a oportunidade, via prática extensionista, de refletir e contribuir para a melhoria das condições de vida, a garantia de direitos e a transformação social. Os trabalhos presentes demonstram que a UFJF está pronta para desenvolver, com extrema competência, seu papel neste novo tempo que se inicia para a extensão universitária no Brasil.

Marcus Vinicius David
Reitor da Universidade Federal de Juiz de Fora

Girlene Alves da Silva
Vice-reitora da Universidade Federal de Juiz de Fora

Ambientes para o brincar dos bebês¹

Ana Rosa Costa Picanço Moreira²

Andressa Lodron³

Marcelle Telles⁴

Nathália Gurgel⁵

¹Espaços brincantes na UFJF para e com bebês. Projeto de Extensão.

²Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenadora do projeto. E-mail: anarosamaio6@gmail.com.

³Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista do projeto de extensão. E-mail: andressalodronn@gmail.com.

⁴Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista do projeto de extensão. E-mail: marcellet418@gmail.com.

⁵Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária do projeto de extensão. E-mail: nathmgurgel@gmail.com.

Ambientes para o brincar dos bebês

1 INTRODUÇÃO

O brincar é uma atividade vital para os bebês, a qual está presente ao longo da infância, em diferentes épocas e sociedades. De acordo com Queiroz, Maciel e Branco (2006), o brincar é considerado uma atividade essencial para o desenvolvimento infantil em diversos agrupamentos sociais e em diversas culturas. No entanto, quando nos referimos àqueles que se encontram na primeiríssima infância, os bebês, o brincar não é visto como uma atividade importante para a sua constituição psíquica.

Assim, não é raro encontrarmos bebês “presos” em berços ou outro dispositivo de controle e contenção dos movimentos, e em áreas internas, durante grande parte do dia, seja em casa, seja em instituições de educação coletiva. Do mesmo modo, existe, hoje, a tendência de antecipar experiências escolares aos bebês e crianças pequenas, ensinando-lhes conteúdos com o intuito de acelerar o desenvolvimento cognitivo, geralmente, a partir de práticas, que não fazem sentido para eles. Gobbato (2011) chama atenção para a necessidade de o adulto desenvolver uma escuta sensível para as múltiplas linguagens desses bebês para conhecer as suas formas de participação.

Estudos recentes têm discutido as capacidades lúdicas dos bebês e crianças bem pequenas (0 a 2 anos de idade) e o papel dos adultos de organizar contextos, os quais favoreçam essa atividade (Coutinho, 2009; Guimarães, 2011).

Por essas razões, entendemos a importância de planejar e organizar circunstâncias, em que favoreçam o brincar livre e espontâneo e a exploração de materiais diversificados. Para a Abordagem Emmi Pikler (Falk, 2011), o papel dos adultos é o de organizar um ambiente seguro e desafiador, onde objetos de diferentes características de forma e conteúdo são disponibilizados aos bebês, respeitando os seus interesses e suas necessidades, de modo que eles possam brincar livremente, sejam sozinhos ou em pequenos agrupamentos.

Partimos do pressuposto de que os bebês são sujeitos de seu desenvolvimento e que brincam desde muito cedo. Primeiramente, brincam com o corpo do adulto que cuida dele e, na medida em que vai crescendo, brinca com o próprio corpo e, depois, com os objetos que lhes são ofertados. À medida que aumenta o tempo em que o bebê permanece desperto, ele começa a experimentar diversas posições e movimentos com seu corpo, e as possibilidades de exploração do mundo se ampliam. Assim, o bebê aprende que é capaz de pegar-soltar objetos, sacudi-los, esfregá-los etc, ou seja, ele percebe que seus movimentos produzem efeitos sobre os objetos e que pode controlá-los e controlar o seu corpo.

Para Vigotski (2008), a brincadeira é uma atividade que permite à criança a apropriação da cultura e a se inserir no universo humano. Como atividade simbólica, o brincar propicia aos bebês a apropriação das significações produzidas pela humanidade e, ao mesmo tempo, a atribuição de novos sentidos a esses significados. O desenvolvimento infantil está, pois, extremamente vinculado à apropriação da cultura. Assim, cabe ao adulto criar condições de ação dos bebês, possibilitando-lhes novas formas de participação na cultura.

Este relato de experiência está vinculado ao projeto de extensão “Espaços Brincantes na UFJF para e com bebês”, o qual não pode ser desenvolvido na sua proposta original em razão da pandemia da COVID-19. No entanto, com base nos princípios teóricos e no entendimento da importância de fazer chegar à comunidade, especialmente, famílias e educadores, a discussão sobre o papel da brincadeira no desenvolvimento infantil, a equipe do projeto redimensionou as ações originais em dois momentos: (1) grupo de estudo e (2) produção e divulgação de vídeos.

2 METODOLOGIA

A primeira etapa da ação foi destinada ao estudo dos preceitos teóricos e metodológicos de Lev Vigotski e Emmi Pikler a partir de encontros virtuais semanais, de duração de uma hora e meia, utilizando o aplicativo Meet. Discutimos alguns textos em diálogo com vídeos de curta duração, os quais pudessem favorecer a compreensão dos conceitos e ideias ligadas ao movimento livre, brincar autônomo e organização de ambientes.

Vale destacar que, em alguns desses encontros, tivemos a participação de uma mestrandia do Programa de Pós-graduação em Educação da UFMG, que estava desenvolvendo uma pesquisa com bebês e adotara o mesmo referencial teórico. Essa experiência enriqueceu as discussões, além de ter sido uma oportunidade de diálogo com outra universidade.

A partir das discussões, começamos a refletir sobre como poderíamos desenvolver ações de extensão mais próximas do projeto no contexto da pandemia. Assim, o segundo momento voltou-se para a produção de vídeos que pudessem abordar a importância das ações brincantes na primeira infância. Os vídeos versaram principalmente sobre a organização de espaços/ambientes e a seleção de objetos do cotidiano doméstico e elementos da natureza.

Inicialmente, foi elaborado pelos estudantes um roteiro para a gravação dos vídeos. Esse roteiro foi discutido e enriquecido com fotos dos objetos, que foram utilizados no projeto. Nossa intenção era compartilhar os vídeos nas redes sociais do grupo de pesquisa e estudos “Ambientes e Infâncias” (GRUPAI), do qual somos integrantes, para famílias e educadores de creche. Até agora, foram produzidos dois vídeos: o primeiro foi divulgado na Semana Mundial do Brincar, em maio, e o outro foi divulgado no final do ano de 2020.

Procuramos discutir nos vídeos como a participação dos adultos é essencial no desenvolvimento dos bebês e crianças bem pequenas, seja na organização de ambientes, os quais propiciem o desenvolvimento da autonomia, seja observando e interferindo o mínimo possível. Apresentamos alguns objetos não estruturados, que podem ser oferecidos para os bebês durante o seu brincar livre, devido a muitos familiares acreditarem que, para brincar, é necessário o uso de objetos industrializados, tais como casinha, ursinho de pelúcia, bonecas e carrinhos.

Além disso, consideramos as fases, pelas quais os bebês e crianças passam, na construção de ambientes para o brincar, uma vez que esses precisam oferecer segurança e conforto e também serem capazes de favorecer o desenvolvimento psicomotor e simbólico e promover novas capacidades.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente o projeto não foi como esperávamos. Expectativas foram criadas para os encontros presenciais potencializados com rodas de conversa com os responsáveis pelos bebês, como em 2019. Porém, ficamos satisfeitas com o trabalho realizado, acreditando que foi possível atingir um quantitativo importante de familiares e educadores através das redes sociais (Youtube e Instagram), além da possibilidade de aprofundar alguns conceitos e ideias.

Entendemos que essa experiência constituiu-se em um significativo aprendizado, o qual provocou a invenção, a autoria e o fortalecimento do trabalho em equipe.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. O estudo das relações sociais dos bebês na creche: uma abordagem interdisciplinar. *Zero a seis - Revista Eletrônica editada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas de Educação na Pequena Infância*, Centro de Ciências da Educação – UFSC, v. 11, n. 19, 2009.

FALK, Judit. (org.) *Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy*. ed.2. Araraquara: Junqueira & Marin, 2011.

GOBATTO, Carolina. Os bebês estão por todos os espaços!: um estudo sobre a educação de bebês nos diferentes contextos da vida coletiva da escola infantil. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GUIMARÃES, Daniela. *Relações entre bebês e adultos na creche: o cuidado como ética*. São Paulo: Cortez, 2011.

QUEIROZ, N.L.N.; MACIEL, D.A.; BRANCO, A.U. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 16, n. 34, p. 169-179, ago. 2006.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A brincadeira e seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais*, jun. 2008.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Quarta aula: a questão do meio na pedagogia. *Psicologia*. USP, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 681-701, 2010.

Caravana da matemática: a matemática que vai até você pelas redes sociais¹

Beatriz Casulari da Motta Ribeiro²

Reginaldo Braz Batista³

Sandro Rodrigues Mazorche⁴

Valéria Mattos da Rosa⁵

Aline Toledo Leite⁶

Geovanna Vilela Avelar⁷

Letícia Naves de Souza⁸

Sara Cristina dos Santos⁹

¹Caravana da Matemática: A Matemática que vai até você. Projeto de Extensão.

²Departamento de Matemática – Instituto de Ciências Exatas da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenadora da ação de extensão. E-mail: beatriz@ice.ufjf.br.

³Departamento de Matemática do Instituto de Ciências Exatas da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Vice-coordenador da ação de extensão. E-mail: reginaldobraz@ice.ufjf.br.

⁴Depto de Matemática – Instituto de Ciências Exatas da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Colaborador docente. E-mail: sandro.mazorche@ufjf.br.

⁵Depto de Matemática – Instituto de Ciências Exatas da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Colaboradora docente. E-mail: valeria.rosa@ufjf.br.

⁶Graduação em Matemática pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista de treinamento profissional. E-mail: alineleite@ice.ufjf.br.

⁷Graduação em Ciências Exatas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista da ação de extensão. E-mail: geovannaavelar@ice.ufjf.br.

⁸Graduação em Matemática pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista de treinamento profissional. E-mail: leticianaves@ice.ufjf.br.

⁹Graduação em Ciências Exatas – Matemática pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista da ação de extensão. E-mail: sara.santos@ice.ufjf.br.

Caravana da Matemática: a matemática que vai até você pelas redes sociais

1 INTRODUÇÃO

A Matemática é uma ciência que se destaca por sua abrangência. Por um lado, é base de avanços científicos e tecnológicos. Por outro lado, é ferramenta essencial ao exercício da cidadania já que habilidades e competências próprias do conhecimento matemático auxiliam indivíduos na leitura crítica de contextos sociais, econômicos e políticos.

Portanto, preocupa verificar que o Brasil apresenta um quadro paradoxal em que uma pujante pesquisa em Matemática (Viana, 2018) contrasta com o fato de que apenas 4% dos estudantes dominam conteúdo da disciplina (Viana, jan 2018). Cabe destacar que por dominar o conteúdo compreendemos:

A aquisição de atitudes cuja utilidade e alcance transcendem o âmbito da própria Matemática, podendo formar no aluno a capacidade de resolver problemas genuínos, gerando hábitos de investigação, proporcionando confiança e desprendimento para analisar e enfrentar situações novas. (Brasil/PCNEM, 1999, p. 40)

Compreender o porquê dessa disparidade passa por entender a relação dos alunos com a matemática, o que os motiva ou desmotiva. Nesse sentido, concordamos com D'Ambrósio:

Primeiro, alunos passam a acreditar que a aprendizagem de Matemática se dá através de um acúmulo de fórmulas e algoritmos. [...] Segundo, os alunos acham que a matemática é um corpo de conceitos verdadeiros e estáticos, do qual não se duvida ou questiona, nem mesmo nos preocupamos em compreender porque funciona. (D'Ambrósio, 1989, p. 1)

Colaborar para mudar o quadro atual do ensino da disciplina é papel da universidade pública e a extensão universitária é uma ferramenta valiosa para promover essas mudanças. Isso, claramente, passa por uma mudança da visão existente da Matemática, buscando uma aprendizagem significativa, como proposta por Ausubel (Ausubel *et al.*, 1980), em contraponto à aprendizagem mecânica. Nesse contexto, propusemos a criação da *Caravana da Matemática*, um projeto de extensão, o qual se caracteriza pela popularização do conhecimento matemático através de atividades realizadas por alunos e professores do Departamento de Matemática nas escolas da grande Juiz de Fora e também no Centro de Ciências da UFJF.

A popularização da ciência é uma ferramenta poderosa para a promoção da Alfabetização Matemática, pois pode ser entendida, segundo Germano e Kulesza (2007), como a ampliação do conceito de divulgação científica, já que acrescenta a problematização da comunicação ciência/público baseada nos interesses e nas necessidades sociais coletivas. As atividades propostas ao público nas ações do projeto baseiam-se não só na ideia de popularizar a ciência, mas ainda na intenção de que os

alunos desenvolvam o gosto pela matemática. Como posto por Bassanezi, “acreditamos que esse gosto desenvolve-se com mais facilidade quando é movido por interesses e estímulos externos à Matemática, vindos do ‘mundo real’” (Bassanezi, 2010, p. 15). Nesse sentido, as atividades propostas pelo projeto, palestras, jogos, esquetes teatrais e desafios, são participativas e contextualizadas.

O projeto está ativo desde 2018 e já atendeu 66 escolas contemplando um público estimado em mais de 3.500 estudantes, fora os professores e outros profissionais da educação, em Juiz de Fora e cidades vizinhas. Nos dois primeiros anos de ação, o projeto cumpriu vários de seus objetivos: contribuiu para a melhoria do ensino de Matemática, auxiliou na formação dos bolsistas envolvidos e estreitou laços entre universidade e comunidade.

Em 2020, a pandemia paralisou as atividades presenciais da Universidade. Era a hora da *Caravana da Matemática* se reinventar! A saída encontrada foi atuar pelas redes sociais (usando o Facebook e o Instagram). A migração para o ambiente virtual apresentou desafios, mas também abriu caminho para novas experiências e revelou novas potencialidades do projeto. Em particular, o projeto ganhou em abrangência, atingindo novos públicos. Alcançamos mais de 2 mil seguidores no Facebook e quase 800 no Instagram, com uma audiência oriunda de diversas partes do país. Embora ainda acreditemos que a força da proposta original do projeto esteja nas visitas às escolas, a experiência durante o ano de 2020 nos mostrou que as redes sociais podem ser uma excelente plataforma para a promoção da disseminação do conhecimento.

2 METODOLOGIA

Originalmente, as ações presenciais de divulgação científica da Caravana da Matemática nas escolas e no Centro de Ciências da UFJF consistiam de palestras e atividades interativas, como desafios, jogos e peças de teatro curtas, que cumpriam a ideia de tornar os alunos e professores agentes e não somente espectadores das atividades. Dessa forma, nas redes sociais, nossa ideia foi transferir o espírito das atividades para postagens capazes de disseminar conhecimento matemático de forma divertida e atraente.

Utilizando as plataformas *Facebook* e *Instagram*, com intuito de chamar atenção do público, as postagens foram feitas com ilustrações preparadas especialmente para cada texto. Por sua vez, cada texto foi elaborado pelos membros do projeto com linguagem menos formal, porém sem abrir mão do rigor da informação a ser divulgada. Os temas das postagens foram diversos, de pequenas curiosidades diárias, passando por desafios semanais e breve biografias, até resultados matemáticos notáveis, surpreendentes e inusitados.

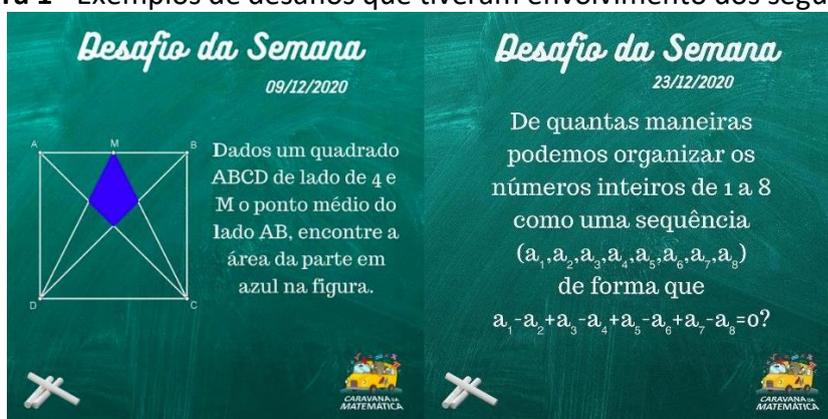
É importante destacar que, mesmo com o novo formato do projeto, mantemos, de forma remota, as atividades de pesquisa e elaboração de atividades, porém adequando-as para as redes. Em especial, a formação dos bolsistas como criadores de atividades de divulgação não foi interrompida pela pandemia.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

A participação mais ativa da Caravana da Matemática nas redes sociais começou em maio de 2020, inicialmente com postagens no *Facebook* e, em seguida, também no *Instagram*. Tais postagens podem ser divididas, essencialmente, em três tipos: desafios, mini biografias e textos de divulgação.

Os desafios são postagens em que o público é convidado não somente a testar sua proficiência nas áreas básicas da Matemática, como também explorar a criatividade na resolução de um problema proposto toda semana com a solução dada na semana seguinte. Notamos um bom engajamento com essas publicações, com interação do público seja apresentando soluções, seja participando de discussões sobre o tema. Avaliamos que esse tipo de postagem fornece um mote para abordar temas e técnicas de Matemática, assim como para reforçar o poder da linguagem da Matemática na resolução de problemas.

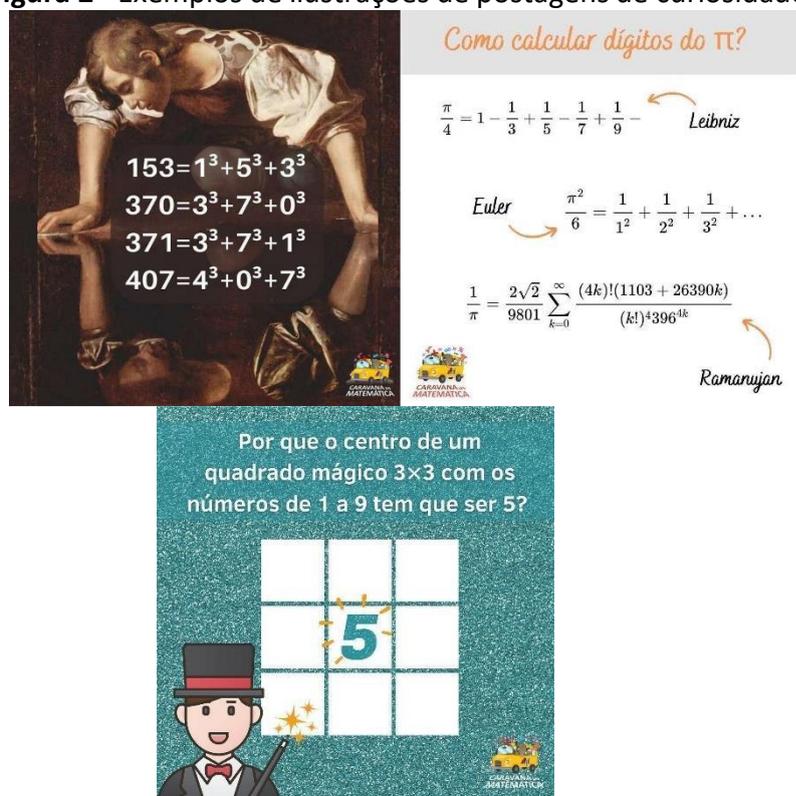
Figura 1 - Exemplos de desafios que tiveram envolvimento dos seguidores



Fonte: equipe do projeto.

Com as postagens de Biografias de Matemáticos buscamos apresentar os nomes que contribuíram para a disciplina. Mais do que prestar devida homenagem a grandes nomes, os textos buscam fazer justiça a nomes importantes e talvez desconhecidos pelo público em geral. Buscamos ainda humanizar e mostrar a diversidade de uma ciência construída por homens e mulheres das mais diversas partes do mundo. Em particular, as biografias de matemáticos brasileiros atingiram um grande público: por exemplo, a última biografia publicada foi da professora Maria Laura Mouzinho Leite Lopes, a primeira doutora em matemática do Brasil, e obteve cerca 200 compartilhamentos no *Facebook*, atingindo um público estimado de 32.000 pessoas.

Figura 2 - Exemplos de ilustrações de postagens de curiosidades



Fonte: equipe do projeto.

As demais publicações abordam curiosidades matemáticas e problemas em aberto com enunciados simples, cujos históricos e possíveis implicações de suas soluções foram apresentados. A ideia desses dois tipos de publicações é instigar o público e mostrar que conceitos já conhecidos podem ter relação com problemas práticos ou ainda não resolvidos. Ainda, com problemas em aberto, buscamos mostrar que matemática está em constante construção, combatendo a ideia errada de que a Matemática é um corpo de conhecimento acabado.

As ações na rede atingiram um público de perfil diferente do proposto pelo projeto: a maior parte dos seguidores tem entre 18 e 44 anos e é aluno de graduação (em geral, licenciando em Matemática), aluno de pós-graduação ou professor de Matemática. É claro, no entanto, que a divulgação científica para esse público é bastante relevante, agindo como formação de professores como divulgadores em sala de aula (presencial ou virtual).

As estatísticas do *Instagram* e *Facebook* também nos mostram que, além de Juiz de Fora e região, há seguidores de outros estados, além de Portugal, Angola, Moçambique, Peru e Colômbia, entre outros países. Ainda, a estimativa total de pessoas alcançadas pelas postagens no *Facebook* ultrapassa a casa dos 60.000. Assim, embora o *Instagram* não apresente esse tipo de estatística, é seguro concluir que, nos nove meses de ações *online*, a Caravana da Matemática atingiu muito mais pessoas do que conseguiria prever.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos desafios apresentados, é inegável que esses meses de dedicação à divulgação científica *online* foram de muito aprendizado. Pudemos ter contato com uma linguagem e um público diferentes do imaginado anteriormente. No entanto, a velocidade de consumo de informação *online* e o relativo esquecimento ao qual são condenadas as publicações antigas são pontos que nos preocupam. O que podemos fazer para manter os seguidores interessados e, mais do que isso, como motivá-los a compartilhar essas informações? Essas são algumas questões que norteiam nosso planejamento para a continuidade das ações virtuais. Uma ideia a ser posta em prática é catalogar o conteúdo produzido e disponibilizá-lo em uma plataforma que permita a consulta a qualquer momento.

Uma vantagem da ação *online* é o aumento da abrangência territorial do projeto. Pudemos ter contato, ainda, com outros projetos de extensão de universidades federais e estaduais, divulgando nosso trabalho, como, por exemplo, em uma *live* com o projeto *Jogos & Matemática* da UNIRIO, que contou com a audiência de várias partes do país. Para a continuidade do projeto, planejamos promover outras *lives* e produzir vídeos que possam tornar a divulgação científica ainda mais atraente.

A experiência nos permitiu ainda verificar que existe uma rede de perfis sobre Matemática formada prioritariamente por professores e licenciandos, que foram criados com propósitos variados: como vitrine para canais no *Youtube*, para resoluções de exercícios ou para publicação de curiosidades. Estar dentro dessa rede é importante para acompanhar como e que tipo de conteúdo é disseminado, além de colaborar para produzir e divulgar informação de qualidade.

Em resumo, acreditamos que 2020 tenha sido um ano de muito aprendizado para a Caravana da Matemática, mas que ainda temos muito o que aprender sobre a divulgação científica *online*. Além disso, como todos, esperamos que as atividades presenciais possam retornar com segurança o mais breve possível, porém pretendemos manter as atividades virtuais por achar que há potencialidades a serem exploradas.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D. & HANESIAN, H. *Psicologia Educacional*. Rio de Janeiro: Editora Interamericana, 1980.

BASSANEZI, Rodney Carlos. *Ensino e aprendizagem com modelagem matemática: uma nova estratégia*. ed. 3. São Paulo: Contexto, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - Parte III (PCNEM)*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencian.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

D'AMBRÓSIO, Beatriz. Como ensinar matemática hoje? Temas & Debates. *Revista da Sociedade Brasileira de Educação Matemática*, Brasília, Ano II, n. 2, p. 15-19, 1989.

GERMANO, Marcelo; KULESZA, Wojciech. Popularização da Ciência: uma revisão conceitual. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, Florianópolis, v. 24, n. 1, ago 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/%25x>. Acesso em: 20 jan. 2021.

VIANA, Marcelo. Brasil sobe da 5ª divisão à elite da pesquisa matemática. *Jornal Folha de São Paulo*. fev. 2018. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marceloviana/2018/02/brasil-sobe-da-5a-divisao-a-elite-da-pesquisa-matematica.shtml>. Acesso em: 20 jan. 2021.

VIANA, Marcelo. Nem 4% dos nossos jovens dominam a matemática. *Jornal Folha de São Paulo*. jan. 2018. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marceloviana/2018/01/1948546-nem-4-de-nossos-jovens-dominam-a-matematica.shtml>. Acesso em: 20 jan. 2021.

Desafios de ensinar a ginástica artística no ensino remoto¹

Camila Soares do Valle²

Roseana Mendes³

¹Iniciação à Ginástica Artística. Projeto de Extensão.

²Graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista do Projeto de Extensão Iniciação à Ginástica Artística - CAP João XXIII. E-mail: camilasvalle@yahoo.com.br.

³Colégio de Aplicação João XXIII - Coordenadora do Projeto de Extensão Iniciação à Ginástica Artística. Email: Roseana.mendes@ufff.br.

Desafios de ensinar a ginástica artística no ensino remoto

1 INTRODUÇÃO

O esporte é fenômeno social e manifestação elaborados pela humanidade e por ela vivenciados e transformados continuamente. Como manifestação cultural de diferentes grupos sociais, ele agrega, fortalece, educa, inclui, mobiliza, organiza e permite; entre outras características incorporadas e defendidas como possibilidades e benefícios do esporte na vida dos sujeitos. Foi forjado pela humanidade e construído ao longo dos anos. Reúne um conjunto de conhecimentos e habilidades organizados e sistematizados pedagogicamente, de acordo com as necessidades da sociedade. O esporte alcança diferentes públicos em suas três dimensões: esporte educacional, esporte participação e esporte rendimento (Tubino, 2001). Para que ocorra a democratização do esporte oferecido para crianças e jovens, esse deve voltar-se para a participação de todos, de forma agregadora, lúdica e reflexiva.

A Ginástica Artística permite que crianças e jovens apropriem-se de movimentos inabituais, os quais motivam e revelam atividades corporais através do movimento gímico. Uma prática esportiva educativa e integradora oportuniza conhecimentos inerentes ao esporte; à promoção da saúde; à formação e ao fortalecimento de cidadania, à participação social e à inclusão. A modalidade esportiva apresenta-se com o potencial de proporcionar experiências desportivas desafiadoras, envolvendo seus praticantes. Podem ser praticadas desde os níveis recreativos até os níveis de competição (João e Filho, 2002; Feeney, 1993).

O desenvolvimento do controle do próprio corpo faz da Ginástica Artística uma modalidade de base. Ela pode preparar a criança para atividades posteriores e auxiliar em situações de outras modalidades, como a queda durante a partida de basquetebol, por exemplo, contribuindo para a aquisição de outras habilidades esportivas (Nunomura; Nista-Piccolo, 2005; Sawasato; Castro, 2006; Andrade, 2010). Diferentes programas de iniciação esportiva incluem a ginástica artística em suas propostas, pois a riqueza de movimento dessa modalidade esportiva, os desafios corporais projetados nos diferentes aparelhos, que a integra, faz da ginástica artística um esporte, que margeia a arte. Para Leguet (1987), a atividade gímica, na infância, desenvolve também a disposição para explorar e experimentar vários movimentos e obter a persistência para realizar movimentos cada vez mais difíceis. Ressalta ainda o aprendizado do zelo pela organização do ambiente, partilhando tarefas e decisões. “O movimento gímico é capaz de propiciar valiosas experiências para o domínio corporal” (Nunomura; Nista-Piccolo, 2003, p. 37).

O Projeto de extensão Iniciação à Ginástica Artística era desenvolvido de forma presencial, nas instalações do Colégio de Aplicação João XXIII, divididos em turmas de acordo com a faixa etária, com aulas duas vezes por semana.

A ação extensionista tem um caráter eminentemente prático na sua essência. Logo, propusemos o envolvimento prático corporal, para crianças e adolescentes, contudo a orientação e o direcionamento desses alunos foram interrompidos, no momento em que surgiu a Pandemia.

Em março nos deparamos com a suspensão das atividades da Universidade Federal de Juiz de Fora e conseqüentemente das aulas dos projetos de extensão inseridos no CAP João XXIII, seguindo a orientação dos órgãos oficiais. E o que fazer? Como manter o vínculo com os bolsistas e alunos inseridos nos projetos? Foram muitas questões a serem respondidas, as quais tentamos discutir por meio deste relato.

2 CAMINHOS PERCORRIDOS

O processo de construção deste relato de experiência, vinculado ao projeto de extensão *Iniciação à Ginástica Artística*, ocorreu em virtude da necessidade de readaptação da forma de atendimento, em razão da pandemia. Este relato baseia-se nas ações realizadas no período de suspensão das atividades da UFJF. Inicialmente, demos continuidade ao projeto, estudando e planejando sua continuidade, construindo material para agregarmos às aulas, assim como para contribuir uns com os outros. Essas ações perduraram durante os meses de março a julho. Realizamos a elaboração de um repertório de aulas e atividades voltadas ao ensino da Ginástica Artística no âmbito escolar. Por meio de reuniões virtuais e orientações da coordenação, elaboramos aulas a cada 15 dias, as quais eram analisadas e discutidas, posteriormente. Essas reuniões eram individuais e/ou coletivas, envolvendo mais três bolsistas de outros projetos coordenados pela Prof^a Roseana. Após muito diálogo, chegamos à decisão de tentar adequar o projeto para nossos alunos de forma remota.

Desenvolver uma atividade de caráter prático, através do Ensino Remoto Emergencial fez com que surgisse uma dúvida sobre se seria possível a prática de um esporte tão complexo, que necessita de ajuda para realização de vários movimentos, acontecer à distância. A COVID-19 permitiu a composição deste relato, pois podemos vivenciar inúmeras situações de muita complexidade estrutural e adaptativa. A modalidade de ensino, em relação ao projeto de extensão de ginástica artística do CAP João XXIII, foi caracterizada principalmente por ações mediadas entre a professora orientadora e bolsistas, com seus respectivos recursos tecnológicos em tempos e espaços diferentes. Houve intervenções via whatsapp, visando esclarecer aos responsáveis pelos alunos o nosso objetivo, fornecendo todas as orientações e esclarecendo todas as dúvidas, que surgiram.

Durante esse processo, percebemos que eles, em sua grande maioria, aprovaram a proposta e foram solícitos quanto às orientações relacionadas ao acesso à plataforma digital Google Meet, para realização do projeto. E ainda, quanto a organização do espaço a ser utilizado pelos alunos durante as aulas (longe de quinas, objetos cortantes, com espaço, no qual a criança pudesse realizar os movimentos com segurança, além de colocarem colchão no chão, entre outros acessórios para servir de apoio para amenizar o impacto no solo).

A partir disso, continuamos o desenvolvimento do trabalho pedagógico, que construímos. A bolsista responsabilizou-se pela turma, de acordo com o nível de aprendizagem das crianças, sob a supervisão da professora orientadora do projeto durante as aulas.

O ensino remoto tem sido uma experiência nova e diferente tanto para os alunos quanto para os professores, porém, apesar das dificuldades, todos nos esforçamos ao máximo para oferecer o melhor para as crianças. O fato de estarmos no conforto de nossos lares, proporciona muitas distrações, que dificultam a

concentração da criança quanto ao que é ensinado. Quando não é a concentração, o problema é a conexão com a internet, que cai ou fica lenta. Os alunos desconectam-se e demora para que todos fiquem *online* novamente. Quando conseguem conectar-se, o tempo da aula já acabou. Apesar dessa dificuldade, procuramos fazer o possível, para que eles não percam o conteúdo da ginástica artística que foi trabalhado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que o objetivo do projeto, ao dar continuidade ao que estava sendo trabalhado, foi atingido com sucesso. A partir das aulas práticas desenvolvidas em conjunto com as crianças e com os retornos obtidos por todos os envolvidos (orientadora, bolsistas, responsáveis pelas crianças e as próprias crianças) foi possível perceber que competências relacionadas à cooperação, à comunicação, ao trabalho em equipe e ao enfrentamento de problemas puderam ser fomentadas. Muitos desafios ainda estão por vir, mas certamente essa experiência foi enriquecedora.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Thais Vinciprova Chiesse. Um outro olhar sobre a ginástica artística. *Anais do II Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição*. Campinas, 29-30 jun. 2010.

FEENEY, Rik. *Gymnastics – a guide for parents and athletes*. ed. 3, Indianapolis: Master Press, 1993.

JOÃO, Andreia Ferreira.; FILHO, João Fernandes. Identificação do perfil genético, somatotípico e psicológico das atletas brasileiras de ginástica olímpica feminina de alta qualificação esportiva. *Fitness & Performance Journal*, v. 1, n. 2, p. 12-19, 2002.

LEGUET, Jacques. *As ações motoras em ginástica esportiva*. São Paulo: Editora Manole, 1987.

NUNOMURA, Myrian; NISTA-PICCOLO, V. L. A ginástica artística no Brasil: reflexões sobre a formação profissional. *Rev. Bras. Ciência do Esporte*. Campinas, v. 24, n. 3, maio 2003.

NUNOMURA, Myrian; NISTA-PICCOLO, V. L. *Compreendendo a Ginástica Artística*. São Paulo: Ed. Phorte, 2005.

SAWASATO, Y.Y.; CASTRO, M.F.C. A dinâmica da ginástica olímpica. In: GAIO, R.; BATISTA, J.C.F. (Orgs.) *A ginástica em questão*. Ribeirão Preto: Tecmed, 2006.

TUBINO, Manoel José Gomes. *Dimensões Sociais do Esporte*. São Paulo: Editora Cortêz, 2001.

Empreeduca: levando educação empreendedora a alunos de escolas públicas em Juiz de Fora/MG¹

Humberto Weber Fernandes²

Isabella de Almeida Fernandes³

Nayara Walesca Conceição de Medeiros⁴

Vinícius Cordeiro Martins⁵

Priscila Vanessa Zabala Capriles Goliatt⁶

¹Empreeduca. Educação Empreendedora. Projeto de Educação.

²Graduação em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: humberto.weber@medicina.ufjf.br.

³Graduação em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: isabella.fernandes@engenharia.ufjf.br.

⁴Graduação em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: nayara.medeiros@engenharia.ufjf.br.

⁵Graduação em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: vinicius.martins@medicina.ufjf.br.

⁶Ciência da Computação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: capriles@ice.ufjf.br.

Empreeduca: levando educação empreendedora a alunos de escolas públicas em Juiz de Fora/MG

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, 88,4% das pessoas que começam a empreender são motivadas pela baixa oferta de empregos (IBQP, 2019), constituindo o chamado empreendedorismo de necessidade, ao mesmo tempo em que 60% das empresas brasileiras fecham as portas em menos de 5 anos após sua fundação (IBGE, 2016). Apresenta-se assim um quadro dramático da realidade econômica nacional, no qual pessoas que empreendem por falta de outras alternativas encontram grandes dificuldades para o exercício da atividade.

A educação é fator determinante do crescimento econômico e consequente desenvolvimento de um país (Bresser-Pereira, 2014). Ações no âmbito da educação empreendedora vêm sendo propostas, com impacto de longo prazo documentado no desenvolvimento econômico, redução das desigualdades e redução dos níveis de desemprego (Lopes, 2010). Diante dessa realidade, diversas iniciativas vêm surgindo por parte de organizações não governamentais (ONG), empresas e governos. A educação empreendedora foi incluída no currículo escolar de Minas Gerais em 2019 (ALMG, 2019) e sugerida na Base Nacional Curricular Comum em 2020 (Tokarnia, 2019).

“O ensino empreendedor estimula conversas sobre sonhos pessoais e profissionais e possibilita desenvolver habilidades necessárias para a vida como planejar, buscar informações, estabelecer metas, ser persistentes, autoconfiantes, protagonistas” (Garofaldo, 2018).

O projeto de extensão “Educação Empreendedora Enactus UFJF”, apelidado de “Empreeduca” e capitaneado pelo time Enactus UFJF, surgiu da necessidade de facilitar aos jovens estudantes de Juiz de Fora o acesso à educação empreendedora, objetivando o desenvolvimento de soft skills e conhecimento de ferramentas de gestão a partir de metodologias ativas de aprendizado. Neste trabalho, através da área temática da Educação, será abordado o eixo titulado como “Desafios da Extensão Universitária no contexto de Pandemia COVID-19”. Nas seções seguintes apresentamos o projeto, como surgiu e se desenvolveu, além das metodologias utilizadas para execução e readaptação do mesmo frente à pandemia durante o ano de 2020.

2 METODOLOGIA

A ação descrita é referente ao projeto de extensão: “Educação Empreendedora: Enactus UFJF”, aprovado no edital “nº 013/2019 – projetos de extensão do Programa Boa Vizinhança – *campus* Juiz de Fora”. O projeto seria realizado em caráter presencial com estudantes do oitavo ano do Colégio Municipal Presidente Tancredo Neves (EMPTN) no período de 03/2020 a 03/2021. Em decorrência da pandemia, foi necessário adaptar o escopo da extensão para formato online, tornando possível a integração de alunos de outras escolas públicas de Juiz de Fora.

A execução é baseada na metodologia ativa de aprendizado descrita no livro “Educação Empreendedora: Conceitos, Modelos e Práticas” (Lopes, 2010), que é aplicada há mais de 20 anos no Brasil, e há 3 anos na cidade de Juiz de Fora em ação voluntária da orientadora deste projeto. Em suma, consiste no desenvolvimento em equipe de ideias, projetos ou negócios sociais pelos próprios alunos participantes, com suporte por mentorias, aulas teóricas e atividades práticas relacionadas à gestão e ao empreendedorismo.

Com a adequação das atividades do formato presencial ao modelo online, o primeiro passo foi a prospecção de escolas públicas e alunos, seguida por um período de preparação de conteúdo para o início efetivo das aulas e atividades em setembro de 2020.

As aulas e reuniões foram realizadas semanalmente pela plataforma ‘Google Meets’, sendo gravadas e disponibilizadas também em modo assíncrono para todos os inscritos na plataforma ‘Google Classroom’, a mesma em que foram entregues tarefas semanais avaliadas para o cômputo de presenças.

Ao longo do curso foi mantido o contato com os alunos e alunas através de chamadas e grupos no ‘Whatsapp’ (referido como rede social mais utilizada pelos estudantes), oferecendo suporte para melhor atender as necessidades dos integrantes, e também um canal para a coleta de questionários que forneceram dados importantes para a análise da efetividade da ação. Outras métricas utilizadas foram participação nas aulas ao vivo e conceito das tarefas semanais. As atividades se encerraram em dezembro de 2020.

A partir das vivências e resultados foi realizada uma análise crítica da aplicação do primeiro ciclo do projeto, a qual embasa este relato de experiência e permite comparação com referências bibliográficas relevantes.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

Antes da pandemia de COVID-19, o foco era atuar conforme método oferecido e já aplicado anteriormente na cidade, através de aulas mensais presenciais no horário curricular dos alunos do 8º ano da Escola Municipal Presidente Tancredo Neves (EMPTN). Contudo, com a suspensão das aulas presenciais, foi necessária uma reestruturação para o formato online. Diante de muitas incertezas do ensino remoto e expectativas otimistas da volta às aulas presenciais, o projeto conseguiu iniciar efetivamente seu planejamento para o modelo online em meados de maio de 2020. Por não ter mais um caráter exclusivo para uma turma específica, e prevendo a dificuldade de adesão de vários alunos de uma mesma turma, optamos por ampliar o impacto da nossa ação prospectando novas escolas via questionário enviado a diretores de escolas públicas da região, e através do mesmo, o Instituto Estadual de Educação demonstrou interesse e foi selecionado.

Os desafios não foram poucos já que, de forma inédita, o projeto que era essencialmente presencial e dependia de interações próximas entre os alunos teve que se tornar online. O primeiro desafio foi sensibilizar os alunos sobre a possibilidade de realizar um curso de forma gratuita: o vínculo aluno-escola, o contato direto entre projeto, professores e alunos foi prejudicado e os alunos puderam ser contatados apenas através de ligações telefônicas. Os responsáveis pelos alunos não foram, de maneira geral, receptivos a forma de contato demonstrando resistência e

desconfiança, somente havendo abertura quando a direção da escola interveio e comunicou previamente sobre nossas ligações, o que infelizmente não ocorreu com todos os alunos. O segundo desafio foi selecionar alunos que possuíam acesso a um celular ou computador pessoal e internet de qualidade para poder assistir as aulas do curso, o que girou em torno de 50-75% deles, segundo relato dos diretores das duas escolas atendidas. Muitos alunos demonstraram interesse mas não puderam participar.

Por meio do esforço da equipe do projeto, foram totalizados 17 inscritos voluntários, estudantes da Escola Municipal Presidente Tancredo Neves (8º e 9º ano) e também do Instituto Estadual de Educação (2º e 3º ano). Criou-se um cronograma (Setembro/2020 – Dezembro/2020) com aulas semanais, ministradas de forma síncrona e assíncrona, com conteúdos dinâmicos e interativos. Iniciava-se um novo desafio: engajar os alunos em uma atividade voluntária e gratuita em meio a pandemia e outros afazeres pessoais. Com tal intuito, foi utilizada a plataforma do “Google Classroom” em conjunto com a criação de um grupo de “Whatsapp”, além de mensagens personalizadas a cada um dos participantes, de forma a lembrá-los das aulas, atividades e promover um canal de comunicação eficaz para gerar valor ao projeto e conquistar suas presenças ao longo de cada semana do curso.

Ao longo do projeto, foi oferecido mentorias aos alunos com os bolsistas e voluntários dessa ação extensionista, em busca de suprir suas dúvidas e norteá-los no desenvolvimento dos projetos em equipe. Incentivou-se o trabalho em equipe entre os alunos, porém sem êxito, dado que cada aluno priorizou diferentemente outras áreas de suas vidas como o ensino formal remoto do colégio, trabalho dentro e fora de casa, ou atividades de lazer. Além disso, houve grande dificuldade para a concretização da dinâmica das atividades em grupo pelos desafios da comunicação virtual.

No contexto online, foi possível oferecer um acompanhamento aos alunos por meio de entrevistas que ocorreram ao início e outra ao final do projeto. Aspectos como condição social, acesso à internet, intenções de carreira, hobbies e formas como utilizavam dos recursos disponíveis para obter conhecimento foram aferidos para caracterizar o público alvo e oferecer a melhor solução de acordo com sua realidade. Através desse método pôde-se constatar que quatro alunos possuíam experiências profissionais, dentre elas: servente de pedreiro, gestor de obras e venda de doces e salgados, o que aumentou a possibilidade de conexão com esses participantes. Ainda, foi traçado um perfil dos alunos com base no seu comportamento em relação a execução das atividades do curso buscando otimizar sua participação.

Ao final, 4 dos 17 alunos completaram o curso, ou seja, realizaram mais de 75% dos quizzes disponibilizados ao final de cada aula. Com isso, o curso obteve uma taxa de retenção (número de alunos concludentes/número total de inscritos) de 24% em um curso online gratuito e totalmente extracurricular, o que se mostrou acima da média de 13% identificada no mercado de cursos online em geral (Coursify, 2017). Ademais, o impacto sobre os alunos ocorreu de forma mais aprofundada, apesar do número reduzido, como mostra o relato desses alunos evidenciado no vídeo de apresentação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A execução do projeto nas condições adversas do ano de 2020 foi proveitosa e trouxe aprendizados relevantes para ações futuras. A realização das atividades de forma remota foi caracterizada por desafios subsequentes. Destacam-se: (i) acesso reduzido às tecnologias de comunicação entre os alunos de escolas públicas, tornando necessário criar estratégias para reduzir o uso de dados; (ii) dificuldade em manter o engajamento em atividades online, o que pode ser mitigado com acompanhamento individual dos participantes; (iii) menor interação entre grupos, devendo ser priorizadas ações com foco individual. Por outro lado, as ações de extensão online têm alto potencial de escalabilidade e um projeto bem adequado às condições do mundo virtual pode impactar um número muito maior de pessoas.

REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS. Projeto inclui empreendedorismo nos currículos escolares. 2019. Disponível em:

https://www.almg.gov.br/acompanhe/noticias/arquivos/2019/08/06_CCJ_empreendedorismo_no_curriculo.html. Acesso em: 06 jan. 2021.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Desenvolvimento, progresso e crescimento econômico. *Lua Nova*, São Paulo, n. 93, p. 33-60, dec. 2014. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452014000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 jan. 2021.

COURSIFY. *Student retention rate*. 2017. Disponível em:

<https://blog.coursify.me/en/how-increase-student-retention/>. Acesso em: 05 jan. 2021.

IBGE. Coordenação de Metodologia das Estatísticas de Empresas, Cadastros e Classificações. *Demografia das empresas*. 1 ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE QUALIDADE E PRODUTIVIDADE. *Empreendedorismo no Brasil*. 2019. Disponível em:

<https://ibqp.org.br/PDF%20GEM/Relat%C3%B3rio%20Executivo%20Empreendedorismo%20no%20Brasil%202019.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2021.

GAROFALDO, Débora. Empreendedorismo e educação: como eles se relacionam?.

Nova Escola. 07 nov. 2018. Disponível em:

<https://novaescola.org.br/conteudo/13219/empreendedorismo-e-educacao-como-eles-se-relacionam>. Acesso em: 20 jan. 2021.

LOPES, Rose Mary Almeida. *Educação Empreendedora: conceitos, modelos e práticas*. 1 ed. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010.

TOKARNIA, Mariana. Educação financeira chega ao ensino infantil e fundamental em 2020. *Agência Brasil*. 28 dez. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-12/educacao-financeira-chega-ao-ensino-infantil-e-fundamental-em-2020>. Acesso em: 06 jan. 2021.

Ensino de química para surdos: adaptações ao ambiente remoto para formação continuada de intérpretes e professores¹

Gabriel Eduardo Costa Pereira²

Kevin Lopes Pereira³

Ivoni de Freitas Reis⁴

¹Grupo de Criação e Sistematização de Sinais Científicos: a formação de intérpretes e professores paralelos a produção e divulgação de materiais de apoio para a educação inclusiva a surdos. Projeto de Extensão.

²Graduação em Química pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista da ação de extensão. E-mail: gabriel_ecop3@yahoo.com.

³Programa de pós graduação em Química pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: pereira.kl@outlook.com.

⁴Professora do departamento de química pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Colaboradora da ação vinculada à Instituição. E-mail: ivoni.reis@ufjf.br.

Ensino de química para surdos: adaptações ao ambiente remoto para formação continuada de intérpretes e professores

1 INCLUSÃO NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Em decorrência da pandemia provocada pelo coronavírus (COVID-19), ficou evidente a necessidade de pensar sobre novas abordagens de atuação para projetos de extensão, pesquisa, espaços educacionais, dentre outros. Deste modo, os mesmos foram adaptados para darem continuidade nesse contexto atípico no qual certas metodologias, antes vistas como alternativas, passaram a ser essenciais (Passos, 2020).

O projeto do qual somos parte, destina-se ao campo da inclusão de estudantes surdos, principalmente no que diz respeito a sua acessibilidade linguística, como discutido por Souza e Pereira (2018). Nossas ações extensionistas se basearam em uma concepção de inclusão que compreende a necessidade de lidar com uma dívida histórica de nossa sociedade para com os Surdos que, ainda no século XX, eram vistos como incapazes frente aos processos de aprendizagem (Saks, 2013). Isso causou aos mesmos um prejuízo em seu desenvolvimento social e cultural, ademais, ainda hoje sofrem com problemas como falta de acesso ao conhecimento e preconceito (Duarte *et al.*, 2013). Deste modo, a inclusão desses indivíduos (surdos) na educação básica e superior é um desafio e uma demanda urgente; e não apenas nesses ambientes, mas nas demais áreas da sociedade (Matiskei, 2004).

A partir disso, o projeto inicialmente se propôs a investir na capacitação de intérpretes educacionais e no ensino da Libras para estudantes de graduação e pós-graduação do Instituto de Ciências Exatas da UFJF, pois, o passo inicial da inclusão de discentes Surdos está em viabilizar sua comunicação com os participantes do processo de aprendizagem. Isto inclui os professores atuantes ou em formação, intérpretes educacionais e demais estudantes.

2 CAMINHO PARA ELABORAÇÃO DO RELATO

Para a elaboração deste relato, utilizamos dados provenientes das ações do projeto ao longo do ano de 2020, as quais envolveram a observação das propostas iniciais submetidas ao edital, e como as mesmas foram adaptadas para responder ao contexto pandêmico. Por meio desse levantamento foi possível identificar quais práticas seguiam o projeto original ou envolviam algum reajuste em sua estrutura.

Desta forma, este relato se baseia na análise de fontes empíricas, pois discutimos sobre o modo como ocorreram as ações do projeto ao longo do ano e as bases para as decisões tomadas, que contaram com a participação ativa de todos os integrantes: coordenadora, pós-graduando voluntário, bolsista e demais participantes.

Para o desenvolvimento desse documento, nos dedicamos a discutir sobre como um trabalho colaborativo, que considera minimamente o contexto de cada discente, pode contribuir para a construção de um ambiente de aprendizagem favorável e diverso.

3 AS AÇÕES DO PROJETO E SUAS ADAPTAÇÕES

Na busca por atender uma demanda de inclusão presente na educação básica/superior, especificamente no ensino de Química, objetivamos criar possibilidades de aprendizagem para: (i) intérpretes educacionais, com a elaboração de um material de apoio contendo sinais da Libras envolvendo conceitos químicos/científicos relacionados ao primeiro módulo do primeiro ano do ensino médio; e (ii) professores de química e licenciandos, ofertando um curso básico de Libras focado em uma comunicação inicial, bem como o entendimento de aspectos que caracterizam a comunidade Surda.

O projeto se iniciou semanas antes do isolamento social, deste modo, a readaptação foi rápida. A adaptação precisou acontecer em níveis estruturais e o questionamento de como prosseguir com nossos trabalhos, sem alterar o escopo do projeto, surgiu logo no começo. O que inicialmente seria um trabalho rico em encontros presenciais – aulas de Libras para graduandos, pós-graduandos e professores do Departamento de Química da UFJF, além de reuniões com intérpretes educacionais de Libras atuantes em escolas da região e na universidade – precisou ser adaptado para atender as recomendações de saúde emergenciais.

Grande parte das atividades ocorreram de modo remoto, direcionadas pelas reuniões periódicas entre bolsista e orientadores. De modo geral, as ações desenvolvidas estão organizadas a seguir:

Fundamentação teórica: a partir de uma bibliografia recomendada e pesquisas feitas em torno dessa bibliografia, foi escrito um referencial teórico para que o bolsista entenda os fundamentos e bases que justificam a existência do projeto, além da posterior produção de um artigo, com o objetivo de divulgar as ações do projeto.

3.1 Grupo de estudo de Libras: Início do módulo I do curso

Levantamento de termos científicos: Foi listado em uma planilha todos os termos científicos encontrados no primeiro capítulo de cinco livros didáticos de química, recomendados pelo PNLEM, 2018. Nessa planilha registramos os termos, e sua ocorrência ou não nos diferentes livros analisados.

Consulta de acervo de sinais em libras: A partir dos conceitos científicos observados, buscamos em aplicativos e acervos digitais os correspondentes em Libras, encontrando cerca de 50% dos termos listados, que foram registrados na planilha com o link referenciando seu local de hospedagem e a data de acesso.

Grupo de formação continuada de intérpretes educacionais: contato inicial com o NAI (Núcleo de Apoio a Inclusão) UFJF, visando estabelecer uma parceria para a organização do curso de capacitação para os intérpretes educacionais voltado a sinais do meio científico.

3.2 Grupo de estudo de Libras: Início do módulo II do curso de Libras

Sobre a etapa 1, as reuniões para elaboração do referencial ocorreram também de forma remota, intentando cooperar para a formação do bolsista. As edições do texto se deram de forma online e a elaboração do artigo será uma ação futura.

Acerca dos tópicos 2 e 6, o módulo I do curso de libras foi realizado de maneira remota em salas de aulas virtuais e, no presente momento, o grupo já iniciou o módulo II. A opção pelas aulas remotas foi feita pelo grupo, de forma coletiva, assim como grande parte das decisões relacionadas às aulas, tomadas ao longo do ano, sempre buscando atender às necessidades pessoais dos educandos que, devido ao novo contexto, também precisaram reajustar suas rotinas, ambientes de trabalho e estudo.

Nas etapas 3 e 4, elaboramos uma tabela com 177 termos químicos/científicos. Dentre esses, foram encontrados 85 sinais-termos correspondentes, em Libras, disponíveis em bibliotecas virtuais, sites, blogs e aplicativos. Estes pontos não precisaram de muitas adaptações, pois a maior parte dos sinais se encontram em acervos virtuais, a única dificuldade foi o acesso aos livros didáticos que, por sua vez, não estavam disponíveis de forma digital.

Com todas as dificuldades impostas pelo contexto pandêmico, identificamos que o projeto trouxe benefícios envolvendo a formação dos participantes, que foram desafiados a criar novas estratégias frente às novas demandas que o isolamento social trouxe. Destacamos o fato de que para todas as atividades descritas, foi fundamental que houvesse uma parceria entre todos os envolvidos no projeto de extensão, pois assim foi possível encontrar novos rumos e propostas de ações para que o mesmo não se findasse ou não atendessem às propostas iniciais. A extensão envolve o serviço ao outro, a formação dos participantes e a orientação dos responsáveis. Deste modo, todos esses aspectos foram contemplados no período de vigência do projeto em questão, ainda que em um contexto desafiador, foi possível desenvolver um ambiente que discute sobre a inclusão, mas que também vivencia a inclusão, considerando as limitações de cada participante e cooperando para que as mesmas fossem superadas, e que os mesmos tivessem acesso às oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema inclusão tem sido discutido em vários momentos no ambiente acadêmico, mas ainda há uma demanda evidente sobre a educação dos Surdos, com a qual este projeto se preocupa em responder, investindo em cooperar com a acessibilidade linguística desses estudantes.

Como projeto de extensão, tínhamos como objetivo inicial trabalhar para a formação de intérpretes de libras, professores e licenciandos em química. Compreendemos as dificuldades extras que a pandemia nos trouxe, mas também, identificamos novas possibilidades de adaptação e recriação das ações extensionistas. Mesmo com os desafios, houve uma produção significativa e um considerável avanço no projeto, nos motivando a prosseguir até que todas as etapas estejam concluídas.

Avaliamos, no entanto, que o projeto irá necessitar de um prazo maior, para atingir os seus objetivos, o que demandará, certamente, da oportuna renovação do mesmo.

REFERÊNCIAS

APOIO À CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Em tempos de pandemia, pesquisadores avaliam uso de EaD. 2020*. Disponível em: <http://www.faperj.br/?id=4062.2.1>. Acesso em: jan. 2020.

DUARTE, Soraya Bianca Reis *et al.* Aspectos históricos e socioculturais da população surda. *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, out.-dez. 2013, p. 1713-1734.

MATISKEI, Angelina. Políticas públicas de inclusão educacional: desafios e perspectivas. *Educar*, Editora UFPR, Curitiba, n. 23, p. 185-202, 2004.

SACKS, Oliver. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1933].

SOUZA, Vinícius Catão de Assis; PEREIRA, Kevin Lopes. Acessibilidade linguística para um estudante surdo na disciplina de Química Fundamental do curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal de Viçosa. *Revista de Ciências Humanas*, v. 18, n. 2, 2018.

Experiências no projeto voleibol UFJF: núcleos de iniciação esportivo-sociais durante a pandemia de covid-19¹

Vitória Aparecida Santos de Campos²

Júlia Ribeiro de Oliveira³

Maurício Gattás Bara Filho⁴

¹Voleibol UFJF: núcleos de iniciação esportivo-sociais. Projeto de Extensão.

²Graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista da ação de extensão. E-mail: vitoria9358@gmail.com.

³Graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista da ação de extensão. E-mail: juliafaefid@gmail.com.

⁴Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenador da ação de Extensão. E-mail: mgbara1973@gmail.com.

Experiências no projeto Voleibol UFJF: núcleos de iniciação esportivo-sociais durante a pandemia de COVID-19

1 INTRODUÇÃO

O projeto de extensão *Voleibol UFJF: Núcleos de iniciação Esportivo-Sociais* ocorre desde o ano de 2017, possibilitando a prática da modalidade voleibol a crianças e adolescentes de 09 a 13 anos, atingindo em torno de 160 meninos e meninas. Atualmente, o projeto ocorre em quatro escolas da rede pública de juiz de fora, sendo elas: Escola Municipal Presidente Tancredo Neves, no bairro São Pedro; Escola Municipal Engenheiro André Rebouças, no bairro Milho Branco; Escola Municipal Clorindo Burnier, no bairro Barbosa Lage e Escola Municipal Fernão Dias Paes, no bairro Bandeirantes. Sabemos que os projetos esportivos desempenham importantes funções na sociedade, uma vez que possibilitam aos participantes não só o aprendizado da modalidade, mas também, permite a inclusão social, mudanças comportamentais positivas, melhora da auto-estima, promovem a igualdade de gênero, o desenvolvimento de capacidades físicas e cognitivas, etc; por isso acreditamos nos impactos positivos realizados pelo projeto na vida das crianças e adolescentes atendidos (Literature, 2015; Viana-Meireles *et al.*, 2020).

Desde o início do projeto até o começo da pandemia (primeira quinzena de março), as aulas, com duração de uma hora cada, ocorriam duas vezes por semana em cada escola, de forma presencial. Além das aulas oferecidas, realizamos os “Festivais de Minivôlei” que ocorriam no ginásio da Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora. Nestes festivais, reunimos as crianças de todas as escolas a fim de proporcionar a prática da modalidade e a socialização, para isso utilizamos jogos adaptados para a idade e o nível técnico/tático das crianças e realizamos competições entre as turmas. Porém, devido ao surgimento do vírus COVID-19, o qual é transmitido por meio do ar, gotículas e contato com pessoas infectadas (Garcia, 2020), e, conseqüentemente, com o aparecimento de medidas de enfrentamento indicadas pelos órgãos de saúde, as aulas presenciais foram suspensas. De acordo com o Centro Europeu de Prevenção e Controlo das Doenças (2020), uma das medidas de enfrentamento é o isolamento social, o qual consiste na redução do contato físico entre as pessoas a fim de impedir ou dificultar a propagação do vírus. Dessa forma, em 18 de março de 2020 foi publicado no Diário Oficial da União a Portaria nº 343 que “Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19”. Sendo assim, após a realização de reuniões e a construção de um novo para adequação das aulas e atividades, a partir do dia 01/06/2020, o projeto passou a ocorrer de forma remota.

O objetivo deste relato de experiência é expor e compartilhar as vivências ocorridas no projeto “Voleibol UFJF: Núcleos de iniciação Esportivo-Sociais” durante a pandemia COVID-19. Por se tratar de um novo contexto, acreditamos que através deste relato, possamos contribuir para todos os envolvidos em projetos que foram reinventados para ocorrer de forma remota e partilhar as experiências vividas. Além disso, a problemática que envolve o relato são os desafios que enfrentamos durante

esse período de pandemia, para conseguirmos manter as atividades do projeto com o mesmo comprometimento.

2 METODOLOGIA

A partir das suspensões das atividades presenciais em março de 2020, o coordenador e as bolsistas do projeto passaram a se reunir virtualmente, pela plataforma Google Meet, uma vez por semana, a fim de reorganizar as ações do projeto para a nova realidade. Após diversas discussões, readequamos as aulas para que passassem a ocorrer em ambiente virtual e chegamos a um modelo a ser utilizado durante a pandemia, permitindo que os alunos e as alunas mantivessem o vínculo com o projeto e com a modalidade. Este modelo consiste na manutenção da frequência semanal das aulas (duas vezes por semana) de forma síncrona e assíncrona e diminuição da duração de cada aula para 40 minutos. Nas aulas síncronas, as bolsistas disponibilizam nos grupos de whatsapp o link da sala de aula virtual (plataforma Zoom) para realização das aulas, onde durante o tempo previsto, realizamos atividades teóricas (histórico, quiz) acerca da modalidade e do Projeto, atividades práticas (exercícios físicos e exercícios técnicos) e gincanas. Já nas aulas assíncronas, as bolsistas gravavam as aulas com as atividades, postaram os vídeos na plataforma Youtube e disponibilizaram o link de acesso através dos grupos de whatsapp. Independentemente do tipo de aula prevista para a semana, o “controle” de participação era feito através das interações nos grupos de whatsapp, número de visualizações nos vídeos postados e presença nas aulas síncronas.

A primeira aula remota ocorreu em primeiro de junho de 2020 e, desde então, o contato com os(as) alunos(as) e as aulas têm ocorrido através da internet. Além de mantermos um grupo no whatsapp destinado às discussões relativas ao projeto, o coordenador da ação se reúne mensalmente com as bolsistas para montagem do planejamento e avaliação das atividades realizadas.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

Devido a pandemia, as aulas presenciais foram substituídas por aulas remotas, realizadas de forma síncrona e assíncrona, através da internet (Brasil, 2020). O principal objetivo do projeto é oferecer uma experiência positiva de aprendizado do voleibol, o que, apesar das limitações, modificações e adequações impostas pela pandemia, continuou ocorrendo, além disso, conseguimos proporcionar os benefícios da prática esportiva para as crianças atendidas (Literature, 2015; Viana-Meireles *et al.*, 2020). Sendo assim, conseguimos avançar com as atividades dentro da modalidade Voleibol (exercícios físicos e técnicos) e agregamos outros tópicos nas aulas, como os conteúdos teóricos, onde abordamos o histórico da modalidade, o histórico do projeto e realizamos quiz de conhecimentos sobre o voleibol. Além disso, durante todo o momento reforçamos a importância das medidas de prevenção contra o COVID 19.

Os maiores desafios enfrentados por nós durante esse período, foram: a falta de material (bola), falta de espaço adequado para a prática esportiva (alguns alunos realizavam as atividades dentro do quarto), falta de acesso à internet e de equipamentos eletrônicos, falta de motivação e a dificuldade em adequar os exercícios de uma modalidade essencialmente coletiva para a prática individual. A primeira ação

realizada para contornar uma das dificuldades encontradas, foi a produção de um vídeo para a criação de uma bola com material alternativo, desta forma, os alunos poderiam começar a fazer as atividades propostas. Logo em seguida, visando a melhoria e diversificação das aulas e o aumento da motivação dos alunos, realizamos a compra de bolas para serem entregues às crianças. Outra ação realizada foi a adequação das atividades propostas, pois, uma vez que os alunos estavam dentro de casa no momento das aulas, precisamos pensar em exercícios que não exigissem um espaço físico diferente do que eles tinham disponíveis. Com relação à falta de internet e equipamentos eletrônicos, optamos por não exigir a presença das crianças nas aulas ao vivo através da plataforma Zoom, pois sabemos que a maioria dos alunos não teriam condições de comparecer, por isso disponibilizamos aulas gravadas para que pudessem ser acessadas quando possível.

Em relação às ações que não conseguimos realizar de forma remota, a principal delas foi a realização dos "Festivais de Minivôlei", devido a necessidade do isolamento social no período da pandemia. Sendo assim, as ações de socialização entre os alunos e entre os núcleos estão ocorrendo por meio da internet (das aulas ao vivo), e as competições ocorrem através das gincanas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos desafios encontrados durante esse período, acreditamos que tivemos a oportunidade de nos reinventar e diversificar cada vez mais as metodologias e exercícios aplicados. Além disso, apesar das adversidades, conseguimos manter o mesmo compromisso com o Projeto e, mesmo em período de isolamento social, oportunizamos a prática do voleibol para as crianças atendidas. Acreditamos que após esse período, levaremos nossos aprendizados para o dia a dia do projeto, adicionando os novos recursos (vídeos, textos, gincanas) utilizados na pandemia durante o período presencial.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Portaria nº 343, de 17 de Março de 2020*. Diário Oficial da União, p. 01, 2020.

CENTRO EUROPEU DE PREVENÇÃO E CONTROLO DAS DOENÇAS. *Orientações sobre as medidas de distanciamento social destinadas a minimizar a propagação do Sars-Cov-2*, p. 1–13, 2020.

GARCIA, L.P. Uso de máscara facial para limitar a transmissão da COVID-19. *Epidemiologia e serviços de saúde: revista do Sistema Único de Saúde do Brasil*, v. 29, n. 2, p. e2020023, 2020.

LITERATURE, M. Benefícios dos projetos sociais esportivos em crianças e adolescentes. *Saúde & Transformação Social / Health & Social Change*, v. 6, n. 3, p. 109–117, 2015.

VIANA-MEIRELES, L.G. *et al.* Projetos esportivos sociais para adolescentes no Brasil: impactos, implicações e barreiras. *Caderno de Educação Física e Esporte*, v. 18, n. 1, p. 77–82, 2020.

Experiências virtuais de comunicação intercultural e diálogo epistêmico pelo bem viver em tempos de pandemia

Abab Nino Souza Félix Pereira Batista¹

Shirley Djukurnã Krenak²

Reinaldo Duque Brasil Landulfo Teixeira³

¹Discente de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora – campus de Governador Valadares (UFJF-GV). Bolsista de extensão do projeto. E-mail: ababnino@hotmail.com.

²Liderança e educadora indígena, ISDK, orientadora pedagógica do projeto. E-mail: krenak31@hotmail.com.

³Docente do Instituto de Ciências da Vida (ICV) da Universidade Federal de Juiz de Fora – campus de Governador Valadares (UFJF-GV). Coordenador do projeto. E-mail: reinaldo.duque@ufjf.br.

Experiências virtuais de comunicação intercultural e diálogo epistêmico pelo bem viver em tempos de pandemia

1 INTRODUÇÃO

A Pluriversidade dos Povos e Comunidades Tradicionais do Watu é um projeto de extensão vinculado ao Núcleo de Agroecologia de Governador Valadares (NAGÔ), realizado em parceria com o Centro de Referência em Direitos Humanos (CRDH) da UFJF – *campus* Governador Valadares e o Instituto Shirley Djukurnã Krenak (ISDK), que tem como objetivo criar e ampliar espaços de educação intercultural e experimentação pedagógica interepistêmica visando contribuir para a formação transdisciplinar dos/as estudantes e docentes da UFJF-GV, bem como inspirar a de-colonização do pensamento acadêmico por meio do resgate e da inclusão dos saberes tradicionais no ensino superior e na extensão universitária (Duque-Brasil *et al.*, 2018).

De acordo com a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (Brasil, 2007), povos e comunidades tradicionais podem ser definidos como: “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, art. 3º, § 1º).

Diante do não cumprimento da Lei nº 11.645 de 2008, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede pública de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, nosso projeto visa suprir esta lacuna na UFJF-GV por meio de cursos e ações de extensão voltadas para a consolidação de espaços de educação intercultural em nosso *campus* como ação afirmativa em resposta ao racismo acadêmico (Carvalho, 2004). Além disso, procuramos promover a filosofia do Bem Viver e políticas de transição agroecológica como alternativas aos modelos de desenvolvimento hegemônicos, etnocêntricos e opressores, buscando contribuir para a inclusão de mestras e mestres indígenas, quilombolas e camponeses, bem como os saberes tradicionais e o diálogo interepistêmico nas universidades (Carvalho, 2008; Brandão e Dellai, 2018).

2 METODOLOGIA

A orientação metodológica do projeto se inspira nos Encontros de Saberes (Carvalho e Florez, 2014) e se baseia em uma concepção de extensão e ensino-aprendizagem participativa, horizontal, intercultural e transdisciplinar. Num cenário anterior à pandemia, o projeto realizava cursos de extensão com mestras/es populares na universidade, além de oficinas e intercâmbios em comunidades tradicionais do Território Médio Rio Doce, denominado Watu na *ithók* (língua) Krenak. Tais cursos e oficinas são originalmente conduzidos por camponesas/es, indígenas, quilombolas, terapeutas tradicionais e educadoras(es) populares (Duque-Brasil *et al.*, 2018).

Entretanto, nossas atividades tiveram que ser readequadas após a suspensão das atividades acadêmicas presenciais da UFJF devido à pandemia de COVID-19. Diante de tamanha crise sanitária mundial, as atividades do projeto Pluriversidade do Watu passaram a ser desenvolvidas por meio de lives no Instagram®, alternativa sugerida por nossos próprios parceiros Krenak para continuar em contato com lideranças dos povos indígenas buscando ouvir suas demandas e contribuições, tentando adaptar nossos intercâmbios de saberes a espaços virtuais de aprendizado e diálogo interepistêmico.

Neste período de distanciamento físico imposto pela pandemia, os debates aconteceram entre os meses de maio e dezembro, conduzidos pelo coordenador do projeto Reinaldo Duque, pela orientadora pedagógica Shirley Krenak e pela extensionista Abab Nino. Tais atividades contaram com a construção de um roteiro de conversa variável de acordo com a singularidade de cada contribuidor/a, buscando a melhor forma de interagir e propiciar um debate mais livre com as lideranças, procurando sempre deixá-las/os à vontade para expressar suas ideias com tranquilidade. Com duração de aproximadamente uma hora, as lives aconteciam com a presença de um/a convidado/a e um/a integrante da equipe do projeto para condução participativa do diálogo intercultural virtual.

Por fim, este relato de experiência se baseou na análise das mídias gravadas que estão disponíveis nos perfis do @nago_ufjf e do @institutosdk no Instagram® via IGTV, e no canal do NAGÔ UFJF-GV no Youtube®.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

Antes da pandemia, nos anos de 2018 e 2019, foram realizados 4 cursos: História e Cultura Indígena, com mestres/as Krenak, Pataxó e Maxakali; História e Cultura Afrobrasileira, com mestres/as quilombolas, representantes do movimento negro e povos de terreiro; Direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais; e História e Cultura dos Povos Originários do México, ministrado por um pesquisador mexicano do povo Maya. Para além dos muros da universidade, foram realizadas duas oficinas de Agroecologia e Saúde da Mulher, em Tarumirim e na comunidade quilombola de Águas Claras (Virgolândia); dois Encontros de Benzedeadas e Curandeiros, em Governador Valadares e Marliéria; e uma Roda de Terapias Tradicionais e Saberes da Terra em Caratinga. Neste período, as ações presenciais do projeto envolveram 241 pessoas, incluindo estudantes, professores, técnicos, indigenistas, extensionistas, profissionais da saúde, agricultores e representantes de povos e comunidades tradicionais (Duque-Brasil *et al.*, 2018).

Em 2020, o projeto realizou 18 lives contando com a participação de 15 lideranças indígenas de 10 povos distintos (Krenak, Xakriabá, Guajajara, Xavante, Pataxó, Tupinambá, Guarani Mbya, Kaiowá, Kumaruara e Yawalapiti), de 7 estados diferentes (BA, MA, MG, MS, MT, PA, SP) das regiões Centro-Oeste, Nordeste, Norte e Sudeste do Brasil, além de uma artista militante da causa indígena e ambiental, e três educadores não indígenas que atuam com saberes e terapias tradicionais (Tabela 1).

Tabela 1 - Lista de lives realizadas em 2020 pelo projeto Pluriversidade do Watu.

| Convidado(a) | Comunidade/Município/UF | Data | Tema/Título da live |
|--------------------------------------|---|-------------|---|
| Douglas Krenak | Terra Indígena Krenak, Resplendor/MG | 13/05/2020 | “Guerra sem Fim” |
| Itamar Krenak e Djanira Krenak | Terra Indígena Krenak, Resplendor/MG | 19/06/2020 | “Cultura Indígena Krenak” |
| Célia Xakriabá Mindã Nythê | Terra Indígena Xakriabá, São João das Missões/MG | 24/06/2020 | “Resistência Xakriabá em tempos de enfermidades: outras epistemologias de cura” |
| Jéssica Aline Soares | UFJF, Governador Valadares/MG | 29/06/2020 | “Plantas medicinais, etnobotânica e fitoterapia” |
| Sônia Bone Guajajara | Terra Indígena Arariboia, Amarante do Maranhão/MA | 02/07/2020 | “Ecologia Política e Movimento Indígena” |
| Maria Gadú | São Paulo/SP | 06/07/2020 | “Arte e densificação de Direitos Humanos” |
| Hauley Valim | Regência Augusta, Foz do Rio Doce, Linhares/ES | 16/07/2020 | “No quintal: Práticas de Bem Viver na Foz do Rio Doce” |
| Wakrewa Krenak | Terra Indígena Krenak, Resplendor/MG | 18/07/2020 | “A proteção das crianças Krenak diante da Mineração” |
| Raphael Jonas Cypriano | Lumiar, Nova Friburgo/RJ | 23/07/2020 | “Homeopatia na Agroecologia” |
| Samantha Juruna (Tsitsina Xavante) | Comunidade Namunkurá, Terra Indígena São Marcos, Barra do Garças/MT | 12/08/2020 | “História e diversidade cultural do povo Xavante” |
| Karkaju Pataxó | Aldeia Coroa Vermelha, Santa Cruz Cabralia/BA | 15/08/2020 | “Cultura, Espiritualidade e Resistência Pataxó” |
| Cacique Babau Tupinambá | Aldeia Serra do Padeiro, Buerarema-Ilhéus/BA | 20/08/2020 | “Nossa maior arma é o sorriso.” |
| Sônia Barbosa Ara Mirim Guarani Mbya | Terra Indígena Jaraguá, São Paulo/SP | 24/08/2020 | “Mulheres Indígenas em Movimento” |
| Valdelice Veron Kaiowá | Terra Indígena Taquara, Juti/MS | 28/08/2020 | Resistência – Povo Kaiowá e Guarani – Pandemia” |
| Luana | Aldeia Solimões, Baixo Tapajós, | 02/09/2020 | “O sagrado e a |

| | | | |
|-----------------------|--------------------------------------|------------|---|
| Kumaruara | Santarém/PA | | defesa do Rio Tapajós” |
| Watatakalu Yawalapiti | Parque Indígena do Xingu/MT | 04/09/2020 | “História e Diversidade no cultural no Xingu” |
| Geovani Krenak | Terra Indígena Krenak, Resplendor/MG | 14/09/2020 | “Ação Indígena para o Bem Comum” |
| Shirley Krenak | Terra Indígena Krenak, Resplendor/MG | 18/12/2020 | “Acolher e Semear” |

Fonte: Equipe do projeto.

Por se tratar de um projeto de extensão, a aprendizagem participativa, a comunicação e a troca de experiências entre os partícipes foram atravessados pela conjuntura pandêmica que impediu um diálogo mais próximo, o que é característico do projeto. Ainda, a deficiência que envolve a amplitude e alcance da internet de qualidade e equânime, é também um obstáculo para as/os extensionistas visto que um dos pilares da extensão é justamente vivenciar diferentes realidades presencialmente para verdadeiros intercâmbios culturais e trocas de saberes, vislumbrando eliminar barreiras que foram historicamente construídas muitas das vezes pela segregação social e racial no Brasil (Carvalho, 2004; Carvalho e Florez, 2014).

Apesar de tais dificuldades, o diálogo com os diversos participantes proporcionou inúmeras reflexões e ricos aprendizados sobre os povos indígenas de nosso país, abordando diversas manifestações culturais, cosmologias, estratégias de enfrentamento da pandemia, consequências das negligências estatais, a urgência de rever nossa relação com a natureza, a importância dos processos de cura ancestral e promoção de saúde a partir dos conhecimentos tradicionais e até mesmo o papel da arte na densificação de direitos humanos, entre outros temas de grande relevância.

Através dessa desconstrução e reconstrução dos nossos olhares e nossa práxis, há uma mudança de paradigma que rompe com o pensamento eurocêntrico e com sua lógica expropriadora. Como? Aprendendo o Bem Viver com os povos originários a partir de outra racionalidade que é por essência contraditória a lógica ditada pelo sistema:

O Bem-Viver implica em mudanças profundas nas concepções de desenvolvimento, que vão além de meras correções ou ajustes. Não é suficiente buscar “desenvolvimentos alternativos”, uma vez que estes se mantêm dentro da mesma lógica para compreender o progresso, o uso da Natureza e as relações entre os seres humanos. O alternativo sem dúvida tem sua importância, mas são necessárias mudanças mais profundas. Em vez de insistir em “desenvolvimentos alternativos” se deveria construir “alternativas ao desenvolvimento” (seguindo as palavras do antropólogo colombiano Arturo Escobar). O Bem-Viver é hoje a mais importante corrente de reflexão que surgiu na América Latina nos últimos anos” (Gudynas, 2012, p. 3).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que apesar das intempéries e limitações dos canais virtuais, tivemos a oportunidade de conversar com lideranças indígenas de grande expressão no movimento indígena de diversas regiões do Brasil. Alguns desses diálogos talvez não seriam viáveis presencialmente diante da ausência de recursos para apoio logístico e transporte dos(as) convidados(as). Por outro lado, a proposta de decolonização do pensamento acadêmico por meio de espaços virtuais fica um pouco comprometida, uma vez que tal desconstrução exige a subversão dos espaços acadêmicos presenciais. Conforme prevê a concepção de extensão participativa, o ver, o sentir, o experimentar e a criação de espaços de trocas de saberes dentro da dinâmica espacial acadêmica por si só significam inovações transdisciplinares e interepistêmicas na universidade.

Finalmente, esperamos que a pandemia seja logo controlada para que possamos retomar nossa proposta metodológica original sem deixar de seguir explorando as ferramentas digitais que aprendemos a utilizar neste período e quiçá avançar na consolidação de um programa de formação intercultural em saberes tradicionais na UFJF como estratégia para inclusão de mestres e mestras dos povos originários com o devido reconhecimento institucional que merecem.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, J.D.; DELLAI, W. Bem viver e agroecologia: da emergência epistêmica à práxis descolonial. *Cadernos de Agroecologia. Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF* – v. 13, n. 1, jul. 2018.

BRASIL. Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. *Decreto nº 6.040 de 7 de fevereiro de 2007*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 24 abr. 2020.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Educação para sociedades sustentáveis e ambientalmente justas. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, v. especial, dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea>. Acesso em: 24 abr. 2020.

CARVALHO, J.J.; FLOREZ, J. F. Encuentro de Saberes: Proyecto para decolonizar el conocimiento universitario eurocéntrico. *Nómadas*, Bogotá, v. 1, p. 131-147, 2014.

CARVALHO, José Jorge de. *As ações afirmativas como resposta ao racismo acadêmico e seu impacto nas ciências sociais brasileiras*. Série Antropologia, Brasília, v. 358, 2004.

DUQUE-BRASIL, R.D.B.L.T.; KRENAK, S. A. S.; VIEIRA, M. E. B. P. Nagô do Watu: Educação intercultural e inclusão de saberes tradicionais na universidade pública. *In: Belém +30 / Anais do XVI Congresso da Sociedade Internacional de Etnobiologia e XII Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia*, Belém, PA, 2018.

GUDYNAS, E. Bem Viver. *In: Decrescimento: vocabulário para um novo mundo*. D'ALISA, G.; DEMARIA, F.; KALLIS, G. (orgs.). Tomo, Porto Alegre, 2016. p. 260-264.

Novas abordagens: projeto de extensão “Sorriso Canal Digital”

Amanda Vargas Trindade Roela¹

Andreza Soares Silva²

Vitor Venancio Moreira Rodrigues³

Rodrigo Furtado de Carvalho⁴

¹Graduação em Odontologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista da ação de extensão. Email: amandavtr266@gmail.com.

²Graduação em Odontologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária da ação de extensão. Email: andreza_siilva@live.com.

³Graduação em Odontologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntário da ação de extensão. Email: vitorvenancio99@gmail.com.

⁴Faculdade de Odontologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenador da ação de extensão. Email: rodrigo.carvalho@ufjf.br.

Novas abordagens: projeto de extensão “Sorriso Canal Digital”

1 INTRODUÇÃO

O uso da internet foi um dos grandes avanços tecnológicos da humanidade. Através dela o alcance a todos os públicos e a rápida popularização demonstraram que não demoraria muito para que se tornasse um meio de comunicação em massa. Desse modo, os diversos recursos tecnológicos são popularizados de forma cada vez mais intensa (Pechansky, 2016).

Esse meio de comunicação vem se tornando essencial para a população, seja como meio para se relacionar uns com os outros ou como forma de acesso à informação e aprendizagem. Mas deve-se atentar para a veracidade e confiabilidade das informações divulgadas. Além disso, usá-la a nosso favor para criar uma rede de informações é indispensável. Para se passar conhecimento, é necessário inovação e criatividade, a fim de manter os ouvintes interessados e atentos e a produção de vídeos é uma forma acessível para elaboração de conteúdo informativo (Pereira e Silva, 2013; Silveira e Cogo, 2017).

A ferramenta multicultural YouTube está presente em muitos âmbitos e é a rede, em que mais se encontra a produção de vídeos. Ela se insere no entretenimento e também na geração de conteúdos relacionados à aprendizagem (Almeida *et al.*, 2015).

A extensão universitária funciona como uma ponte entre a comunidade e a universidade, em que são geradas soluções para suas demandas e há uma troca de conhecimentos que podem influenciar na formação dos estudantes. Na extensão é possível praticar ações, as quais muitas vezes não seriam vistas fora da teoria (Scheidemantel, Klein e Teixeira, 2004).

A área odontológica está em constante mudança e as atualizações são constantes. Para isso, os profissionais e estudantes precisam sempre estar atentos aos novos conhecimentos, necessitando de um meio de divulgação de informações com embasamento científico. Esse projeto de extensão tem como objetivo discutir e propagar o conhecimento, levando informações atualizadas com embasamento científico sobre vários temas relacionados à reabilitação oral e estética, para acadêmicos e profissionais da odontologia e a população em geral, abrangendo todas as pessoas com acesso a internet. Esse conhecimento é transmitido por convidados com domínio do tema a ser abordado.

2 METODOLOGIA

O projeto de extensão Sorriso – Canal Digital da Universidade Federal de Juiz de Fora, *campus* Governador Valadares – UFJF/GV é desenvolvido em parceria com a Liga Acadêmica de Reabilitação Oral e Estética da mesma universidade e atualmente conta com uma equipe composta por três acadêmicos e um docente do curso de odontologia.

A principal atividade do projeto consiste na confecção e postagem de vídeos com entrevistas, discussões de artigos e aulas de profissionais cirurgiões-dentistas com

especialidades em diversas áreas, para todo e qualquer público, sem restrição de idade, classe socioeconômica, cultural ou política, seguindo o enfoque da Reabilitação Oral e Estética. As postagens do conteúdo são realizadas em um canal, na plataforma de vídeos YouTube e também no Instagram, com periodicidade mensal. Os vídeos abordam diferentes temas e apresentam duração aproximada de 15 minutos.

Até o início da pandemia de COVID-19, os vídeos eram gravados com uma câmera digital (Canon T6i Rebel) em uma sala da UFJF/GV, utilizando também 4 smartphones (2 como captadores de áudio e 2 como câmeras laterais), padronizando qualidade de imagem, som e iluminação. Eram também utilizados dois microfones de lapela, um para o entrevistador e um para o convidado. Foram gravados 7 vídeos nesse modelo, abordando temas como: Sorriso Gengival, Laminados Cerâmicos, Clareamento Dental, Lesões cervicais não cariosas, Prótese Overdenture, Laserterapia na odontologia e Prótese Bucomaxilofacial.

Atualmente, com as medidas de distanciamento social, um novo modelo de vídeo foi desenvolvido para dar continuidade às produções do projeto. Buscando manter o mesmo padrão de qualidade, os ligantes inspiraram-se em outros canais do Youtube para desenvolver o Papo com Ciência. Trata-se de uma vertente do projeto, em que se realiza a seleção de um trabalho de relevância científica na literatura e os autores são convidados a participar do projeto. O convidado grava um vídeo sobre o artigo selecionado, fazendo considerações sobre suas experiências adquiridas e vivenciadas no desenvolvimento do trabalho. Para esse modelo os extensionistas buscam temas relevantes em periódicos como Pubmed, Scielo, Scopus etc. Após isso, abre uma enquete no Instagram da Laroe, para que o público interaja e decida o tema, o qual querem, trabalhado pelo projeto. Em seguida, os participantes observam o tema mais votado e entram em contato com autores referência da área. Após o aceite do convite, os alunos de extensão enviam um vídeo tutorial explicando como o vídeo deverá ser gravado. Os vídeos são editados com o programa Adobe Premiere Pro CC 2015. Nessas plataformas digitais, os vídeos são salvos e ficam à disposição para serem assistidos a qualquer momento.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

O canal sorriso digital permite o aprimoramento dos conhecimentos em odontologia, seja pelos acadêmicos e profissionais da odontologia ou pela comunidade em geral, a qual tem interesse pelo assunto. A internet é um meio facilitador da propagação do conhecimento, pois possibilita a criação de conteúdo, favorecendo a aprendizagem em qualquer lugar (Chaves *et al.*, 2018; Estácio *et al.*, 2020). O método de ensino por meio de plataformas digitais demonstra ter benefícios ao aprendizado de forma complementar (Torres *et al.*, 2014), principalmente nesse período de pandemia, essa atuação de ensino de forma virtual tornou-se mais forte (Xavier *et al.*, 2020).

A extensão universitária representa o elo da pesquisa e do ensino adquirido pelos discentes, propagado pelos docentes; levando informações à sociedade, sendo um processo contínuo de aprendizagem (Pinto *et al.*, 2020).

Embora o principal produto do projeto fosse oferecido de maneira *online*, logo, não afetado pela pandemia, o processo de produção e gravação foi duramente afetado pelas medidas de distanciamento social, visto que durante as gravações era necessária

toda a equipe extensionista, o orientador do projeto e o entrevistado. Além disso, o espaço que era usado para a produção do conteúdo era uma sala de uma das clínicas da universidade, no entanto, após a suspensão do calendário, não se teve mais acesso ao ambiente.

Com as limitações impostas pela pandemia, o projeto precisou de algumas mudanças para que não deixasse de ofertar seu conteúdo para o público. Pensando em como tornar viável a produção de vídeos, bem como dar acessibilidade aos interessados, para que pudessem acompanhar o produto a qualquer momento do dia, os extensionistas reuniram-se com a finalidade de encontrar a melhor solução. Foi decidido que os integrantes iriam buscar ideias e modelos de vídeo em outros meios como: canais no YouTube, Instagram, Telegram, Whatsapp etc. Após um período de busca, foi encontrado um modelo de vídeo, em que um convidado faria a discussão de algum artigo. Aprofundando ainda mais na ideia, foi desenvolvido um modelo, em que o convidado iria discutir um artigo de sua autoria para contar a relevância do estudo assim como suas experiências durante a produção e as expectativas para estudos futuros. Após a conclusão do modelo, a nova vertente do projeto recebeu o nome de Papo com Ciência.

Para a produção do primeiro vídeo do Papo com Ciência, os extensionistas convidaram um professor da mesma instituição para a gravação do vídeo piloto. Após o aceite do professor, os alunos confeccionaram um manual, para que o professor/autor sentisse-se mais familiarizado com o projeto, além de dar dicas para iluminação, posição da câmera e duração do vídeo, visto que agora o vídeo era gravado pelo entrevistado e editado pelos extensionistas.

Dentre algumas das dificuldades encontradas é possível citar a qualidade inferior de imagem dos vídeos, visto que pré-pandemia os vídeos eram gravados com câmera semiprofissional e agora estão sendo gravados, em sua maioria, com a câmera frontal do celular do convidado. Além disso, é visível que alguns convidados não possuem familiaridade com as câmeras, apresentando algumas dificuldades durante o processo de gravação. Fato esse, que seria facilmente contornado caso a gravação ocorresse de forma tradicional pelos extensionistas.

Em relação aos pontos positivos, pode-se destacar o aprofundamento do conhecimento dos extensionistas em relação a produção de vídeos e mídias digitais, fato de extrema importância em um cenário em que o marketing digital em odontologia cresce exponencialmente. Além disso, pode-se destacar o encurtamento de relações dos alunos com profissionais de outras regiões do Brasil, ampliando assim sua gama de conhecimento (Pinto *et al.*, 2020).

Um projeto de extensão em forma remota, permite amplo acesso de conteúdo ao público, sendo uma modalidade de educação muito democrática. O conteúdo pode ser assistido de qualquer local, no horário escolhido pelo ouvinte e sem necessidade de investir recursos financeiros ou deslocamento, caracterizando, um material bastante didático, gratuito e de qualidade (Pinto *et al.*, 2020; Feitosa *et al.*, 2020).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que mesmo em situações adversas, em meio à pandemia da COVID-19, o projeto Sorriso – Canal Digital conseguiu se adaptar, utilizando as

ferramentas tecnológicas para levar o conhecimento aos acadêmicos e profissionais da odontologia e a população em geral.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Italo Dartagnan *et al.* Tecnologias e educação: o uso do youtube na sala de aula. *Anais II CONEDU*. Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/16974>. Acesso em: 15 dez. 2020.

CHAVES, Arlane Silva Carvalho *et al.* Uso de aplicativos para dispositivos móveis no processo de educação em saúde: reflexos da contemporaneidade. *Humanidades e Inovação*, v. 5, n. 6, p. 34-42, 2018. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/744>. Acesso em: 15 dez. 2020.

ESTÁCIO, Luanda Ashley Menezes *et al.* Uso de tecnologias e mídias digitais pelos estudantes de odontologia. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 6, n. 9, p. 65164-65173, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/16154>. Acesso em: 15 dez. 2020.

FEITOSA, Ankilma do Nascimento Andrade *et al.* Tecnologias educacionais em tempos de pandemia: relato de experiência: educational technologies in pandemic times: experience report. *Brazilian Journal of Production Engineering*, v. 6, n. 6, 166–172, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/bjpe/article/view/32539>. Acesso em: 11 jan. 2021.

PECHANSKY, Rafaela Chiapin. *O YouTube como plataforma educacional: reflexões acerca do canal Me Salva*. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação) – Curso de Comunicação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0123-1.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2020.

PEREIRA, Maria da Conceição; SILVA, Tânia Maria Da. O uso da tecnologia na educação na era digital. *Revista Saberes em Rede*, p. 85-94, 2013. Disponível em: <http://www.cefaprocuiaba.com.br/revista/up/ARTIGO%20IX.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2020.

PINTO, Larissa Moreira. Webseminários do Projeto Endo Z: experiência em meio à pandemia. *Revista UFG*, v. 20, n. 26, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/65972/35608>. Acesso em: 11 jan. 2021.

SCHEIDEMANTEL, Sheila Elisa; KLEIN, Ralf; TEIXEIRA, Lúcia Inês. A importância da extensão universitária: o Projeto Construir. *Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária*. Universidade Regional de Blumenau – FURB. 2004.

SILVEIRA, Maurício de Souza; COGO, Ana Luísa Petersen. As contribuições das tecnologias digitais no ensino de habilidades de enfermagem: uma revisão integrativa. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 38, n. 2, e 66204, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472017000200501. Acesso em: 15 dez. 2020.

TORRES, Andreia Araujo Lima; ABBAD, Gardência da Silva; BOUSQUET-SANTOS, Kelb. Nível de satisfação de estudantes de saúde quanto ao uso de estratégias de ensino apoiadas por tecnologias de informação e comunicação. *Revista Eletrônica Gestão & Saúde*, v. 05, edição especial, p. 2313-2325, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/969>. Acesso em: 17 dez. 2020.

XAVIER, Thiago Brito. Utilização de Recursos Web na educação em Odontologia durante Pandemia COVID-19. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 3, n. 3, p. 4989-5000, may./jun. 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/viewFile/10525/8790>. Acesso em: 7 jan. 2021.

O Brasil tem fome: leituras freireanas na EJA para construção de outros currículos

Victória de Souza e Silva¹
Mariana Cassab²

¹Graduação em licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista da ação de extensão. E-mail: victoriasouza.sv@gmail.com.

²Faculdade de Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenadora da ação de extensão. E-mail: mariacassab@yahoo.com.br.

O Brasil tem fome: leituras freireanas na EJA para construção de outros currículos

1 INTRODUÇÃO

Diante de altos índices de evasão escolar, distorção idade série, reprovação e a escandalosa proporção de 52,6% (IBGE, 2018) da população, que não tem a formação escolar básica integral, fica evidente a importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA), como uma política afirmativa de direito a ser defendida e protagonizada por diferentes instâncias sociais, incluindo as universidades públicas. Cabe aos espaços de formação assumir o compromisso de qualificar as ações dos profissionais de educação, os quais irão atuar na modalidade a partir de vivências formativas centradas nas suas especificidades sociais, pedagógicas e políticas. Uma tarefa ainda mais urgente se considerarmos a lacuna formativa das educadoras e educadores, que atuam na EJA (Soares, 2008; Ventura, 2013). Especificamente sobre questões próprias da modalidade, têm-se suas políticas, seus currículos, seus sujeitos de direito, seu histórico, entre outros. É nessa direção que se orienta o projeto de extensão O Brasil tem fome: leituras freireanas na EJA para construção de outros currículos, praticado a partir da parceria firmada entre o Grupo de Pesquisa, Práticas e Estudos da Educação de Jovens e Adultos (GRUPPEJA/FACED-UFJF) com a Secretaria de Educação do município de JF.

A intenção foi oferecer um curso de formação continuada para os profissionais, os quais atuassem no quadro permanente e temporário das escolas subsidiárias da modalidade, na cidade de Juiz de Fora. Na interface entre a área da Educação de Jovens e Adultos, o campo do currículo e as contribuições da importante obra de Paulo Freire buscou-se produzir experiências formativas voltadas para o entendimento do currículo como um constructo social, o qual se realiza a partir da ação autoral e criativa dos educadores em franco diálogo com as condições existências dos educandos da EJA. Nesse movimento, buscou-se o apoio nas obras de Paulo Freire (1989; 1992; 2005; 2007 e 2009), Gimeno Sacristán (2000), Miguel Arroyo (2013; 2017), Ivor Goodson (1995; 1997), entre outros.

Formulado para acontecer de forma presencial no Centro de Formação dos Professores da Prefeitura de Juiz de Fora (PJF), em 2020, o projeto precisou ser totalmente reelaborado, por conta do isolamento social, instituído diante da pandemia do COVID-19. Destarte, o presente texto tem como intenção: (i) descrever as ações desenvolvidas nesse novo contexto de atuação; (ii) assinalar os desafios e as possibilidades de trabalho conquistadas e (iii) destacar as produções realizadas em um cenário tão difícil com incertezas, angústias, sobrecarga e contestação do trabalho docente.

2 ITINERÁRIOS POSSÍVEIS: O DESAFIO DA FORMAÇÃO DIANTE DE FORMAS REMOTAS DE INTERAÇÃO

Com a proposta de trabalho do projeto, totalmente balizada pelo pensamento freireano, supunha construir o planejamento detalhado dos encontros presenciais a partir do diálogo com os sujeitos concretos envolvidos na experiência educativa. O

primeiro grande desafio, por conseguinte, foi adequar a proposta pedagógica do curso à realidade da interação remota, que configura limites para a construção de interações dialógicas pautadas na troca de experiências, realização de tarefas coletivas, análise e produção de recursos educativos, entre outros.

Assim, os diversos encontros previstos para acontecer presencialmente em torno da temática significativa “fome: leituras freireanas”, foram reconfigurados na forma de duas lives, realizadas no contexto do projeto de formação, denominadas Cadinho de Prosa. Elas foram formuladas pela Secretaria de Educação da Prefeitura de Juiz de Fora (SE-PJF). Para tal, optamos em não assumir a temática significativa proposta inicialmente e desenvolver um debate mais teórico permeado pela partilha de recursos diversificados, via chat, e a construção de um drive com conteúdo focado na obra e vida de Paulo Freire, políticas educacionais e curriculares sobre a EJA e o tema currículo. As lives, intituladas *Leituras Freireanas na EJA: sujeitos e currículos* e *Leituras Freireanas na EJA: currículos para o ser mais*, aconteceram, respectivamente, em 24 de setembro e 13 de novembro de 2020.

Todo o processo de construção dos roteiros de discussão das lives deu-se de forma coletivamente pela equipe do GRUPPEEJA a partir da leitura e estudo remoto de *Pedagogia do Oprimido* (2005) e *Educação como Prática de Liberdade* (2009). Com base na leitura dos referidos livros, nas experiências profissionais acumuladas por integrantes do nosso coletivo - professoras, coordenadoras pedagógicas, técnicas da SE-PJF, alunas do Programa de Pós-graduação em Educação da UFJF e bolsistas de extensão e de iniciação científica – e nas pesquisas protagonizadas pelo grupo optou-se em centralizar a argumentação da primeira live em torno da provocativa de quem são os educandos da EJA.

Referenciada por Paulo Freire (1992; 2005), a audiência foi convidada a reconhecer os educandos da modalidade a partir da categoria oprimido e por essa lente teórica refletir sobre seus percursos escolares, sua autodesvalia e suas lutas em defesa da vida digna. A intenção foi problematizar e desconstruir mitos e preconceitos, que cercam os(as) educandos(as) da EJA. Dessa forma, construir visões positivas acerca desses sujeitos sociais, destacando suas lutas pelo direito à educação e à vida digna e reconhecer seus pertencimentos sociais, culturais, políticos, raciais, territoriais e etários, de forma a afirmar as especificidades da EJA e o direito à educação de todos(as).

Ao provocar inflexões em visões, as quais tendem a qualificar os educandos da EJA apenas a partir da ausência ou da negatividade, o desafio foi nos preparar para a difícil tarefa de reconhecer o eu opressor que hospedo, assinalado por Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (2005). Por conseguinte, conscientizar-se acerca dos diversos mecanismos objetivos e subjetivos, que contribuem com o fim de fazerem a escola e a docência da EJA reproduzir os métodos de opressão e exclusão, os quais impelem seus educandos para fora da escola. Desse modo, refletir em que medida os currículos praticados na EJA afirmam e/ou enfrentam os processos de exploração e dominação dos educandos. Certamente, essa é a condição precípua para a práxis docente envolvida com o desenvolvimento de currículos escolares sintonizados com suas experiências de vida forjadas nos processos de roubo da dignidade humana.

Para aprofundar o debate e socializar o trabalho desenvolvido pelo GRUPPEEJA e pelo Fórum EJA, foram socializados no chat durante a live: (1) nossa página no Facebook; (2) a página do Fórum Mineiro de EJA nessa mesma rede social; (3) a página do Portal Fórum EJA; (4) o documentário Fora de Série, protagonizado por alunos da EJA e de um projeto de correção de fluxo na cidade do Rio de Janeiro; e (5) o endereço eletrônico que hospeda diversas obras digitalizadas de Paulo Freire. Na fala da live também foram mobilizados recursos de imagens (como os registros fotográficos do programa Imagens do Povo, criado pelo Observatório de Favelas, com poesias de educandas da EJA da cidade, trechos do livro Quarto de Despejo, de Carolina de Jesus, trechos de depoimentos de educadoras da EJA coletadas no contexto da pesquisa O ensino de Ciências e Biologia na EJA: leituras curriculares, que contou com o financiamento da FAPEMIG, entre outros.

A partir dessas considerações, o segundo momento de interação remota objetivou afirmar o currículo como uma construção autoral, na qual os profissionais da educação são importantes protagonistas. A construção do currículo para o ser mais (Freire, 2005), portanto, implica em trazer para o seu território, contestado e disputado, os sujeitos da EJA: educandos e educadores. Nesse sentido, problematizar arquiteturas curriculares rígidas e prescritas na expectativa de contribuir com a produção de currículos originais, os quais atendam os sujeitos da EJA diante do propósito de ampliar suas leituras de si e do mundo é de suma importância. Logo, o currículo ideal, mínimo, básico foi caracterizado como mitos, que os profissionais da EJA precisam interpelar diante do questionamento crítico do por quê esse saber e não outro. No decurso da fala, foram socializados os seguintes recursos: (i) dois questionários produzidos em parceria com o Fórum Mineiro de EJA, objetivando compreender a realidade dos educadores e educandos da EJA, na rede de ensino do estado de Minas Gerais, durante a pandemia de COVID-19; (ii) vídeos do comunicador popular denominado Chavoso da USP, centrado na discussão do célebre disco Sobrevivendo no Inferno, do grupo de RAP, Racionais MC; (iii) as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos; (iv) uma série de notícias divulgadas pelo IBGE, que assinalam as taxas de desemprego, em especial no grupo dos jovens, os quais estão fora da escola, os índices de pobreza e de obesidade da população brasileira e (v) o drive do GRUPPEEJA, que reúne recursos diversificados em torno das temáticas EJA, Currículo e Paulo Freire.

No contexto do projeto também foi elaborado, no programa Canva, o recurso pedagógico “Quem são os/as educandos/as da EJA?”. Esse material foi elaborado coletivamente pela equipe de bolsistas, professoras, coordenadoras, alunas de pós-graduação, as quais integram o grupo. Seu propósito é provocar leituras sobre os educandos da EJA a partir de seus pertencimentos identitários, com foco específico na questão das juventudes, já que o processo de juvenilização da EJA é um fenômeno, o qual cada vez mais atinge a modalidade e institui enormes desafios para o processo de fabricação curricular. O material foi disponibilizado durante as lives. A intenção é cadastrá-lo na biblioteca da universidade, constituindo-o como material para o trabalho, em especial, de coordenadoras pedagógicas que atuam na EJA.

Além das ações de formação, readaptadas no contexto da pandemia, a bolsista de extensão está envolvida no trabalho de construção do site institucional do GRUPPEEJA, que será hospedado na página da UFJF. Isso envolve também revisar produções pretéritas do coletivo, empregadas na primeira edição do curso de

formação, oferecido em parceria com a SE-PJF, ou em outros contextos formativos, como oficinas, minicursos que o GRUPPEEJA realizou.

3 ÚLTIMAS PALAVRAS

Certamente houve muitos limites em praticar a pedagogia freireana no contexto das interações remotas estabelecidas na forma como as atividades desenrolaram-se. Não podemos deixar de reconhecer que nenhuma atividade remota, por mais original e criativa, substitui a potência pedagógica do encontro presencial dos corpos, ideias, emoções e utopias. A situação incerta, tensa e sobrecarregada de tarefas, as quais os profissionais da educação enfrentaram durante a pandemia também foi fator determinante para o formato, o qual o trabalho acabou por se realizar. Todas as atividades de formação desenvolvidas no Centro de Formação foram remodeladas para serem oferecidas no âmbito do Cadinho de Prosa. A ideia original era que a sequência formativa dos encontros fosse formulada no diálogo com os envolvidos. Todavia, se por um lado houve prejuízos nesse sentido, por outro um número muito maior de interessados na EJA foi alcançado. Até o momento as lives já obtiveram 4.492 visualizações. Nossas produções circulam em circuitos mais amplos e podem ser utilizadas em outros contextos de formação e atuação profissional.

Assim, insistimos nas nossas utopias do direito à educação efetivamente para todas e todos e a construção do mundo justo, mesmo em um cenário, em que testemunhamos perplexas e indignadas o desmonte do Estado brasileiro, a ausência de políticas públicas de proteção à vida e o aprofundamento das desigualdades sociais, que estruturam o mundo capitalista. Como de costume são os sujeitos da EJA – os pobre, negros, periféricos, trabalhadores – que vivenciam de forma mais trágica as consequências do que vivemos no tempo presente. Suas lutas por trabalho, educação, saúde, dignidade, existência serão ainda mais duras. A responsabilidade da universidade pública redobra-se diante desse tempo de barbárie e crime.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M.G. *Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa*. Petrópolis: Vozes, 2017.

ARROYO, M.G. *Currículo, território em disputa*. ed. 5. Petrópolis: Vozes, 2013.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. ed. 32. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.

GOODSON, I.F. *A construção social do currículo*. Lisboa: Educa, 1997.

GOODSON, I.F. *Currículo: teoria e história*. Petrópolis: Vozes, 1995.

IBGE. *Informativo Estudos e Pesquisas - Informação demográfica e Socioeconômica*, 2018.

SACRISTÁN, José Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. ed. 3. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SOARES, Leôncio. O educador de jovens e adultos e sua formação. *Educação em Revista*, n. 47, p. 83-100, jun. 2008.

VENTURA, J.; MALENA, R. Formação Inicial de Professores para a EJA. *Revista Lugares de Educação*, v. 3, p. 22-36, 2013.

“O ensino das artes marciais como contribuição para a formação humana”: limites e possibilidades em tempos de pandemia¹

Luís Felipe Terra Daiello de Oliveira Filho²

André Luis Ferreira Miranda³

Jerônimo Dutra Pereira Batista Lopes⁴

Jennifer Aline Zanela⁵

¹O ensino das artes marciais como contribuição para a formação humana.

²Graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista da ação de extensão. E-mail: luisdaiello@hotmail.com.

³Departamento de Educação Física do Colégio de Aplicação João XXIII. Coordenador da ação de extensão. E-mail: luiscastillho@gmail.com.

⁴Departamento de Educação Física do Colégio de Aplicação João XXIII. Coordenador da ação de extensão. E-mail: batistapereirajeje@gmail.com.

⁵Departamento de Educação Física do Colégio de Aplicação João XXIII. Coordenadora da ação de extensão. E-mail: jezanela@gmail.com.

“O ensino das Artes Marciais como contribuição para a formação humana”: limites e possibilidades em tempos de pandemia

1 INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência tem por objetivo apresentar os limites e possibilidades das ações realizadas no projeto *O ensino das Artes Marciais como contribuição para a formação Humana* durante o período de atividades remotas. Destacamos o processo de reorganização das atividades e dos objetivos de modo a dar continuidade às ações do projeto no contexto de pandemia e suspensão das atividades presenciais.

Ao iniciar o ano de 2020, fomos todos pegos de surpresa por uma pandemia provocada pelo novo coronavírus, COVID-19, algo que não imaginávamos passar. Com intuito de sanar as demandas do projeto e ao mesmo tempo diante desse novo cenário foi organizado pela coordenação um plano de trabalho com o intuito de possibilitar meios e possibilidade de continuidade a partir de encontros por meio virtual, para a realização de leituras, encontros, debates, visualização de vídeos, palestras, filmes e lives (encontros ao vivo de outros segmentos acadêmicos do Brasil), receber convidados; tudo em direção ao saber científico pertencente à disciplina de Educação Física e a Cultura Corporal.

Embarcamos em uma nova fase do projeto, a possibilidade da ampliação da formação interna do grupo e qualificação das práticas, que futuramente iriam se materializar nas intervenções junto à comunidade escolar. Nesse sentido, o projeto redefiniu demandas e atividades a serem desenvolvidas.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Assim como no formato presencial, as atividades durante o período remoto envolveram todos os projetos orientados pela equipe de coordenadores. Nesse sentido, a dinâmica de planejamento, orientação e desenvolvimento das atividades deram-se em diálogo com dois outros projetos, os quais tematizam o conteúdo Esporte: *Perspectiva Metodológica do Esporte na Escola e Competição esportiva: espaço voltado para o desenvolvimento sociocultural de jovens e adolescentes*. Essa dinâmica nos permitiu momentos de trocas e partilhar de experiências, saberes e práticas pedagógicas, desenvolvidas a partir de outro conteúdo da Cultural Corporal, o Esporte.

Como mencionado, as atividades do projeto ao longo desse período remoto emergencial foram organizadas a partir de estratégias, que permitiram o estudo e aprofundamento de questões teórico-metodológicas. De tal forma, foi possível a realização de: i) leituras de textos (capítulos de livros e artigos), ii) encontros por meio de videoconferência, iii) debates sobre filmes e curtas metragens, iv) debates entre nós do grupo de Juiz de Fora, bem como nos deu a oportunidade de convidar

professores de fora da nossa universidade para palestras, formações e rodas de conversa.

Tais encontros foram de grande importância, visto que pudemos, nós bolsistas, adentrar ainda mais sobre diferentes temáticas; educação, escola, ensino aprendizagem, conteúdos curriculares, práticas metodológicas e formação humana.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

O início dos encontros deu-se com a leitura do livro *O que é Educação Física?* (Marinho, 2010), texto fundamental para compreender a essência, origem e possibilidades da disciplina Educação Física na sociedade e na escola. Essa leitura foi essencial para entendermos que concepção de Educação Física iríamos nos debruçar e nos aprofundar. Ao longo das semanas realizamos encontros para leituras de materiais e rodas de conversas com docentes convidados.

Tivemos a oportunidade de receber professores e professoras de diferentes regiões e universidade, como por exemplo, a Prof.^a Joselene Ferreira Mota, pertencente a Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física e Esporte e Lazer – LEPEL/PARÁ e da Universidade Federal do Pará – UFPA/PARÁ, que discorreu sobre a metodologia Crítico-Superadora e a Cultura Corporal (Coletivo de Autores, 1992) para o ensino da disciplina Educação Física na escola. A professora abordou conceitos centrais, o trato pedagógico com a Cultura Corporal e os limites e possibilidades de um ensino histórico-crítico, propositivo e transformador da Educação Física na escola. Essa foi uma das temáticas centrais para o ensino da disciplina educação física no ambiente escolar

Tivemos duas palestras com temáticas pertinentes e que se complementaram em seus conteúdos. A primeira com o Professor Dr. Carlos Thiengo e o Professor Esp. Adriano França sobre o tema “Práticas Pedagógicas do Ensino do Futebol e Futsal: limites e possibilidades”. E a segunda com a Professora Dr.^a Julia Malanchen com mediação do Professor Me. André Luis Ferreira Miranda, com o tema “Conhecimento e Currículo na Perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica”.

A respeito do tema “Organização do Trabalho Pedagógico com a Cultura Corporal”, recebemos a Professora Me. Caroline Arnaldo Ortiz, da Rede Estadual do Mato Grosso. A professora correlacionou as contribuições dessa área de estudo para a disciplina de Educação Física, adentro ainda mais ao conceito de cultura, sobre a diferença entre a Cultura Corporal de Movimento, sendo essa outra temática de estudos e pesquisas, aprofundando ainda mais o conceito que tenho, enquanto discente, a respeito do curso de Licenciatura, nessa disciplina. Essa prática, mais uma vez, mostra-se correlacionada aos outros estudos realizados, de maneira que torna o campo de pesquisa, estudo e extensão abrangentes.

Em outro momento, recebemos os professores Me. Thiago Barreto e Me. Thunay Brotel do CAP João XXIII/UFJF, que colocaram em pauta temas sobre a fragmentação curricular, regulamentação da formação e o caso da formação em Educação Física na Faculdade de Educação Física e Desportos (Faefid) de Juiz de Fora. Nesse debate foram colocadas preocupações acerca do mundo do trabalho, trabalho docente, adiantando nosso pensar quando em um futuro próximo ao assumir preocupações do mundo docente.

Por último, recebemos os professores Ângela Ferreira e André Malina da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, que abordaram temas sobre a importância da consciência de classe, do planejamento pedagógico e da organização do trabalho docente. Os professores propuseram a elaboração de um planejamento de plano de aula para o Ensino Fundamental, com a premissa de escolha do ano cursado, dentro da disciplina de Educação Física. Essa proposta levou a nós bolsistas a interagir, debater e planejar, em conjunto, os temas inerentes à matéria proposta pela professora ao aluno.

Acerca das leituras separadas ao longo desse período de distanciamento estão os textos de Vitor Marinho (2010), “O Esporte Pode Tudo” e “O Que é Educação Física?”, além de “O processo de ensino na escola”, de Libâneo (2013), “Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica”, de Sávio Assis de Oliveira (2001). Para além disso, houve a leitura de poemas com fins sociológicos, como “O Operário em Construção”, de Vinícius de Moraes e “O Analfabeto Político, de Bertold Brecht.

No significado intrínseco das leituras, percebemos uma dimensão teórica aprimorada, contida nos autores consagrados da literatura acadêmica, a exemplo de Taffarel (2016), na obra *Pedagogia Histórico-Crítica e Metodologia de Ensino Crítico-Superadora da Educação Física: Nexos e Determinações*. Nos poemas, tivemos o contato com maneiras de expressar o cunho social atento às áreas de maior demanda sócio-política, podendo expandir nosso olhar e percepção sobre nosso mundo, porém o qual não está diretamente relacionado aos interesses imediatos do Estado. Dentro do contexto de realidades possíveis, foi proposto o filme *O garoto selvagem* do diretor francês François Truffaut (1970), no qual se relata a distinção de um ser criado longe da civilização. Refletimos sobre o papel da formação humana, da intervenção humana para socializar o patrimônio cultural, que sociedade já produziu. Também assistimos o curta *El empleo*, de Santiago Grasso (2008), que questiona as relações de trabalho e produção humana no mundo moderno.

Os debates circundaram temas da metodologia Crítica-Superadora, da concepção de educação Histórico-Crítica e os conceitos de cultura corporal conectados por leituras e pesquisas. Um campo que se mostrou extremamente importante para estudo no âmbito da licenciatura. Nessa esfera, tivemos oportunidade de refletir sobre o papel do professor de ensino básico, seu extenso campo de atuação, metodologias de ensino e as lutas do corpo docente para que sejam cumpridos os direitos do professor, que reflete diretamente com os alunos.

Em nossos debates e discussões foram abordados pontos políticos, os quais interferem constantemente no campo de atuação do professor, o qual deve estar atento às mudanças e propostas pelo governo, para que sua profissão não seja desvalorizada, ao contrário, receba o verdadeiro valor, que merece como ministrador de disciplina complexa, abundante em conteúdos construídos historicamente pela sociedade humana. Carregando em si diversidade nas possibilidades de ensino e práticas.

O processo envolveu discussões fundamentais para os envolvidos na medida do possível de se aproveitar a oportunidade em dar continuidade a aprendizagem sobre uma disciplina, a qual se revelou mais uma vez complexa. Com certeza realizamos preciosos avanços acerca do conhecimento em Educação Física e nossas possibilidades de maneira a atuar em um momento futuro como docentes.

Dentro da formação inicial, pude perceber nitidamente como pode ser impactante o estudo teórico, mesmo sem a experiência da prática das atividades na escola, justamente por dar a possibilidade de o graduando elaborar com maior firmeza a aula que será dada aos alunos da educação básica, nível fundamental ou médio. Sistematizar o conhecimento por saber, estar ciente, das melhores maneiras de aplicar o ensino, acaba por ser essencial tanto ao professor como ao indivíduo em formação.

Nossos encontros foram momentos de aprendizagem, reflexão intensa, devido ao planejamento cuidadoso, observação, amparo e acompanhamento das dificuldades impostas pelo novo coronavírus. Esse novo aspecto da realidade trouxe um quesito de aproximação, para que pudéssemos estar em constante continuidade do processo de projeto de extensão em um aspecto coletivo, dando máxima cautela ao proceder. Essa é uma das importantes lições passadas devido ao momento epidemiológico, o qual pede ainda um sentido abrangente de organização coletiva, para que possamos progredir enquanto seres humanos, aprendendo, buscando e firmando novas culturas sociais. Essas com absoluta certeza nos levam de maneira abrupta a buscarmos um jeito de nos desenvolvermos e resplandecer assim em nossa maneira de ensino-didático seja em qual for a área de ensino.

Englobando o conteúdo “Lutas”, diretamente, o fazer pedagógico, a maneira de ensinar, levando ao estudante a melhor oportunidade de ensino-aprendizagem. Área de saber essa que deve sempre estar extremamente bem alinhada à uma didática, pois sabemos que a “Luta” é senão resultante em maiores responsabilidades sociais, ainda mais para quem passa esse conhecimento, porque mediante a maneira que é ensinada a “Luta” é reproduzida pelo aluno em momentos seguintes na sua vida adulta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Posso relatar que mesmo sem a prática completa das diferentes possibilidades de intervenção do projeto, nossos encontros nos proporcionaram um sentimento de maior certeza ao lecionar a disciplina Educação Física, uma disciplina que é datada dos primeiros gestos humanos, rica de experiências e saberes fundamentais para a formação crítica e social dos alunos.

Podemos por meio do esforço coletivo, driblar as demandas acadêmicas em meio a pandemia COVID-19, de maneira adaptada, realizar progressos em nossos saberes, ampliamos nossa formação ao conhecer e compreender quais são as ferramentas para um prática pedagógica propositiva e sistematizada. Ficou evidente nesse ano de aprendizagem que o conteúdo dentro de nossa disciplina é imenso, passou por aprimoramentos pedagógicos a fim de desempenhar com maior criticidade o seu papel social. Compreendemos melhor o fazer docente, o papel do professor como educador que mais uma vez, na roda do tempo, socializa saberes diversos, buscando sempre qualidade ao desenvolvimento coletivo e humano de seus alunos e alunas.

REFERÊNCIAS

ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. *Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica*. Campinas: Autores Associados, Chancela editorial CBCE, 2001.

BEZERRA, Carolina. *Entrevista ao vivo – Racismo, necropolítica e desigualdade em tempos de pandemia*. 2020. (50m45s). Disponível em: <https://https://www.youtube.com/watch?v=Pp3RdWZbnY4&t=36s>. Acesso em: 21 jan. 2021.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

GRASSO, Santiago. *El empleo*. 2008. (6m24s). Disponível em: <https://https://www.youtube.com/watch?v=CmOkJuhA678>. Acesso em 21 jan. 2021.

GUAITA, Nicole Roessle; SILVA, Marcelo Moraes; ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. *Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica*. Campinas. Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. ed. 2. São Paulo: Cortez, 2013.

OLIVEIRA, Vitor. *O que é educação física*. São Paulo: Brasiliense, 2010.

OLIVEIRA, Vitor. *O esporte pode tudo*. São Paulo: Cortez, 2010.

TRUFFAUT, François. *O garoto selvagem*. 1970. (1h21m11s). Disponível em: <https://https://vimeo.com/155385147>. Acesso em: 21 jan. 2021.

TAFFAREL, C.N.Z. Pedagogia histórico-crítica e metodologia de ensino crítico superadora da Educação Física: nexos e determinações. *Nuances: estudos sobre Educação*, Presidente Prudente, v. 27, n. 1, p. 5-23, jan./abr. 2016.

O esporte enquanto projeto de extensão no CAP João XXIII: perspectivas em decorrência da pandemia de COVID-19¹

Ana Karolina Oliveira da Silva²

Pedro Henrique Alves de Souza³

Jennifer Aline Zanela⁴

André Luis Ferreira Miranda⁵

Jerônimo Dutra Pereira Batista Lopes⁶

¹Perspectiva Metodológica do Esporte na Escola. Projeto de Extensão.

²Graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista da ação de extensão. E-mail: anakarolods@gmail.com.

³Graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista da ação de extensão. E-mail: xapaopedro10@gmail.com.

⁴Departamento de Educação Física do Colégio de Aplicação João XXIII. Coordenadora da ação de extensão. E-mail: jezanela@gmail.com.

⁵Departamento de Educação Física do Colégio de Aplicação João XXIII. Coordenador da ação de extensão. E-mail: luiscastillho@gmail.com.

⁶Departamento de Educação Física do Colégio de Aplicação João XXIII. Coordenador da ação de extensão. E-mail: batistapereirajeje@gmail.com.

O esporte enquanto projeto de extensão no CAP João XXIII: perspectivas em decorrência da pandemia de COVID-19

1 INTRODUÇÃO

O objetivo do presente Relato de Experiência é apresentar as ações realizadas no projeto *Perspectiva Metodológica do Esporte na Escola* no contexto da pandemia de COVID-19, trazendo para o debate desafios, possibilidades, dificuldades e resultados alcançados desde o decreto da pandemia e a suspensão das atividades presenciais, em março de 2020, de modo a que o presente trabalho possa contribuir com a construção do conhecimento na área. O projeto supracitado, em termos gerais, tem como propósito central oferecer aos alunos do Colégio de Aplicação João XXIII (CAP João XXIII) e a comunidade de Juiz de Fora e região vivências sistematizadas e orientadas de oficinas de esporte para diversas faixas etárias em diferentes modalidades, como o futsal, o basquetebol, o handebol, o voleibol, dentre outras. Mediante a essa compreensão, o esporte é reconhecido enquanto uma “prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, projeta-se em uma dimensão complexa de fenômeno, que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade, a qual o cria e o pratica” (Coletivo de Autores, 2012, p. 69-70).

Nesse sentido, através da metodologia Crítico-Superadora, o ensino do esporte contribui para a formação omnilateral dos estudantes atendidos pelo projeto, bem como para atuação para os discentes da Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), os quais materializam os conhecimentos apropriados pela formação interdisciplinar ofertada por essa instituição. No estreito laço entre os professores de Educação Física em formação e os processos decorrentes da vivência da docência em sua totalidade, isto é, o ato de planejar, reger, avaliar, etc., permite aos estudantes universitários uma possibilidade de crescimento pessoal, profissional e acadêmico-científico, uma vez que a formação universitária estende-se ao currículo ampliado da educação básica oferecido pelo CAP João XXIII.

2 TRAJETO METODOLÓGICO

O relato de experiência desenvolve-se através da descrição das atividades realizadas desde o decreto de suspensão das atividades presenciais ocorrida em março de 2020 e da análise das atividades, tendo como referência os fundamentos teóricos, que norteiam o presente projeto. Dessa forma, o relato em questão é uma ação vinculada ao próprio projeto de extensão, utilizada para compartilhar vivências, dificuldades, soluções e experiências a respeito do que foi explorado no decorrer do projeto, nesse período. Além de versar sobre questões, as quais foram desenvolvidas, aprendidas, questionadas e debatidas durante os encontros, mesmo que remotos, com os demais integrantes do projeto e convidados.

Em termos de referencial teórico e orientação pedagógica e metodológica, adotamos a abordagem Crítico-Superadora, sistematizada na Educação Física pelo Coletivo de Autores (2012). Essa proposição teórica compreende que o objeto da Educação Física é a cultura corporal. Escobar (2012, p. 127) pontua que “a ‘cultura

corporal' é uma parte da cultura do homem. É configurada por um acervo de conhecimento, socialmente construído e historicamente determinado". Assim, o ensino do esporte visa incidir não apenas no evento isolado e na forma aparente como cada modalidade manifesta-se, mas, nas relações e determinações sociais, que não se apresentam ao indivíduo imediatamente, mas que estão presentes no esporte. Essas relações mais ampliadas, de cunho ideológico, político, filosófico e social aproximam-se de uma visão de educação e de prática educativa enquanto um fenômeno social e universal, no qual cada sociedade busca preparar os indivíduos para uma participação efetiva na sociedade. Assim, "não há sociedade sem prática educativa nem prática educativa sem sociedade" (Libâneo, 2006, p. 17).

Do ponto de vista do trajeto metodológico nas alterações do projeto, foram definidos encontros regulares de forma remota através de plataformas *online* (p. ex. Google Meet, Zoom), atendendo a uma estrutura de organização de um Plano de Trabalho Remoto. Para a construção desse, primeiramente, houve o debate durante uma reunião com coordenadores e bolsistas de três diferentes Projetos de Extensão realizados simultaneamente no CAP João XXIII, pelo Departamento de Educação Física nas modalidades de Esportes, Treinamento e Lutas. Depois de organizado a estruturação do Plano de Trabalho, as atividades aconteciam em dois eixos centrais: (I) atividades síncronas: com encontros remotos simultâneos entre coordenadores e bolsistas, palestras, apresentação de textos, etc. e (II) atividades assíncronas: o encaminhamento de leituras, elaboração de resenhas, textos e materiais didático-pedagógicos. No tópico seguinte, buscaremos apresentar as experiências vivenciadas ao longo do projeto, através da análise de atividades desenvolvidas, participação em palestras ministradas em âmbito local e nacional por professores convidados e referências na área da Educação Física.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

O Brasil registrou o primeiro caso do novo coronavírus SARS-CoV-2, causador da doença COVID-19, no dia 26 de fevereiro. Desde então, a infecção alastrou-se pelo país por meio de transmissão comunitária, no qual não se permite saber onde, exatamente, uma pessoa contraiu o vírus. Alguns estados como São Paulo, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro lideram a curva de infecções, mesmo tendo adotado medidas de restrições de circulação. O Brasil é o país latino-americano, o qual registra mais infecções por coronavírus e está em terceiro no ranking mundial de número de casos (depois de Estados Unidos e Índia) e em segundo no de mortes (atrás apenas dos Estados Unidos). Em 21 de Janeiro de 2021, o número de casos no Brasil chegou a 8.638.249 e de mortes a 212.831.

Devido à pandemia de COVID-19, toda a parte prática e presencial do projeto de extensão foi suspensa e substituída por encontros remotos com os professores e bolsistas de projetos de extensão a fim de estudar, analisar e discutir metodologias relacionadas com a educação e realizar uma troca de ideias, informações e conhecimentos. A principal alteração feita em relação ao projeto devido à suspensão das atividades presenciais deu-se através de estudos teórico-metodológicos sobre a Educação Física e o Esporte. A solução para a continuidade do projeto de extensão foi a partir de encontros remotos por meio de plataformas *online*, na qual a dinâmica de reuniões funcionava de forma bastante participativa. Um bolsista era selecionado para

realizar a leitura de um material, previamente selecionado, analisar e apresentar sua sistematização da leitura, abrindo para o debate com o grupo, no qual os coordenadores do projeto atuavam na mediação do encontro.

Além da participação interna, em alguns encontros tivemos palestrantes convidados, que socializaram suas falas sobre temas específicos, como a professora Caroline Arnaldo Ortiz¹, tratando sobre a “Contribuição da cultura corporal para a Educação Física Escolar” e a professora Joselene Ferreira Mota² sobre “A abordagem Crítico-Superadora para o ensino da disciplina Educação Física na escola”. Além disso, acompanhamos lives, que trataram da temática estudada, como “O confinamento e suas consequências para o mundo do trabalho da Educação Física”³. Acompanhamos também a formação ampliada, organizada pelo projeto de “Academia e Futebol” vinculado ao projeto de Extensão “Educação, Práticas Corporais e Direitos Humanos” e a fala sobre “Conhecimento e Currículo na Perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica”, ambos de organização do LEPEL/UFBA. A pandemia permitiu, portanto, o estabelecimento de relações com outros grupos extensionistas e de pesquisas de diversos lugares do Brasil, como Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Pará, Minas Gerais etc.

Ao compreender a vivência esportiva de forma mais ampla e sob o prisma teórico do Coletivo de Autores (2012), essa se torna parte para o processo de formação e desenvolvimento de distintos valores sociais, na medida em que nessas práticas, o indivíduo é colocado diante da perspectiva do esporte enquanto síntese de uma produção cultural sistematizada historicamente pela humanidade (Coletivo de Autores, 2012). Desse modo, os estudantes caminham na apropriação histórico-social desse conhecimento e experimentam emoções diversas, culturalmente estabelecidas, como: alegria, euforia, frustração, entre outras. Isto é, ao mesmo tempo em que se busca o domínio dos elementos técnico-táticos dos esportes, bem como as condições fisiológicas para a realização, o esporte também é visto enquanto fenômeno social, com normas, estruturas e regulamentações, as quais, por vezes, atendem a reprodução das desigualdades sociais (Coletivo de Autores, 2012).

Nesse panorama, outras questões tornam-se tão relevantes para a crítica a esse esporte excludente, quanto o domínio das habilidades específicas, como, por exemplo, o debate a respeito de questões étnico-raciais, questões LGBTQIA+, questões culturais e outras temáticas, que fomentam o debate, de modo a criar e recriar possibilidades com os esportes, os quais contribuam para a formação de indivíduo crítico, reflexivo e autônomo. Diante da natureza e propósito do projeto, a problemática encontrada durante a pandemia dá-se pela suspensão das aulas e das atividades presenciais, ocasionando uma impossibilidade em cumprir os objetivos inicialmente propostos pelo presente projeto. Por isso essas questões apareceram em debates realizados no interior de nossos encontros remotos, durante os quais tínhamos como questão fundamental compreender a Educação Física, seu trajeto histórico e a busca por uma visão totalizante do ser humano (Oliveira, 2008).

¹ Professora da rede municipal de Campo Grande/MS.

² Professora da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Pará e líder do Grupo LEPEL/UFPA.

³ Professora da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Pará e líder do Grupo LEPEL/UFPA.

Na esteira dessa compreensão, na escola o aluno tem a possibilidade de se apropriar, em um sistema de ensino, de todo o conhecimento acumulado pela humanidade, desenvolver diversas habilidades, sendo o professor um articulador fundamental nesse ambiente, que visa formar cidadãos conscientes com capacidade de respeitar e ajudar o próximo. Paralelo a isso, apresentamos os esportes, de forma que esse aluno seja capaz de desenvolver capacidades físicas e motoras para execução de gestos técnicos e táticos referentes ao mesmo. Segundo Tubino (2005), as atividades físicas e principalmente esportivas constituem-se em um dos melhores meios de convivência humana. Por isso, a escola tem um papel significativo nesse processo, sendo responsável por otimizar e valorizar essa relação, trabalhando no sentido de ensinar mais do que esportes e técnicas específicas, proporcionando o convívio, a socialização, a aquisição de valores, os conhecimentos e os significados (Coletivo de Autores, 2012).

Durante os encontros síncronos e estudos assíncronos, as discussões também perpassavam outras produções culturais, como filmes, curtas e documentários. Nesse sentido, os encontros remotos tornaram-se uma forma para o aperfeiçoamento dos bolsistas na temática ampla de Educação Física Escolar (definições de diretrizes teórico-metodológicas, normas, condutas e avaliações correspondentes ao projeto).

Um dos desafios encontrados foi identificar possibilidades futuras de materialização do conhecimento acadêmico-científico acumulado durante os encontros. Em relação ao aprendizado obtido no decorrer do projeto, podemos citar a maneira de selecionar e sistematizar os conteúdos futuramente ministrados aos alunos e, também, a apropriação da abordagem Crítico-Superadora, enquanto uma possibilidade metodológica para o professor e a busca pelo entendimento da aula como um espaço organizado para possibilitar a apreensão do conhecimento específico da Educação Física e da realidade social concreta. Espera-se, com isso, que os conhecimentos obtidos possam ser materializados em extensões sobre o esporte e o avanço na compreensão sobre esse fenômeno social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que, apesar de não ter sido possível a realização do projeto no ano de 2020 em caráter presencial, o aprendizado adquirido nesse período possivelmente não teria sido possível, por conta da rotina diária de bolsistas e coordenadores. Sinaliza-se a relevância dos conhecimentos adquiridos nesse período para a formação acadêmico-científica, constituindo uma parte importante da formação de professores. Durante a pandemia, os conhecimentos obtidos possibilitaram a extensão da formação do bolsista a respeito da construção dos planos de unidade, planos de aula, estratégias metodológicas e ao “fazer pedagógico”. No decorrer dos encontros, diversos temas foram abordados para debate, destacando-se, por exemplo, “A Educação Física e a Cultura Corporal”.

A partir da compreensão da Cultura Corporal, compreendemos que a Educação Física é uma forma de linguagem corporal (Coletivo de Autores, 2012) e na escola devemos contribuir para a formação de potencialidades físicas, cognitivas e afetivas através da apropriação de conhecimentos, transformando-os em cidadãos críticos, pensantes e participativos na sociedade em que vivem (Libâneo, 2006), para que possamos interpretar, analisar e avaliar como qualquer outra disciplina no âmbito

escolar e compreender o debate sobre esporte na escola e da escola. Avalia-se, portanto, que, mesmo diante da suspensão das aulas, o presente projeto constituiu-se um espaço de formação vinculado ao fazer pedagógico.

REFERÊNCIAS

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 2012.

ESCOBAR, Micheli Ortega. Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão (Posfácio). *In: Coletivo de Autores. Metodologia do Ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 2012, p. 121-133.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*, [s.l.]: [s.n.], 2006.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. *O que é educação física*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

TUBINO, Fidel. La interculturalidad crítica como proyecto ético-político. *In: Encuentro continental de educadores agustinos*, Lima (Peru), enero, 2005.

O início de uma história do projeto “Ginástica de Trampolim: uma oportunidade”¹

Bruna Tagliate Teles Pereira²

¹Ginástica de Trampolim: uma oportunidade. Projeto de Extensão.

²Graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista do Projeto de Extensão Ginástica de Trampolim: uma oportunidade – CAP João XXIII. E-mail: tagliatebruna@gmail.com.

O início de uma história do projeto “Ginástica de Trampolim: uma oportunidade”

1 INICIANDO NOSSA HISTÓRIA

O projeto de extensão *Ginástica de Trampolim: uma oportunidade* foi implantado em 2011. Desde essa data, amplia as possibilidades de vivências corporais, utilizando-se de uma modalidade esportiva diferente, ainda pouco conhecida, bem como oferecendo uma atividade rica em criatividade e diversidade de movimentos, dentro da linha de extensão educação (esporte e lazer), na perspectiva de práticas esportivas, de atividades físicas e vivências de lazer para crianças e jovens.

O projeto ora apresentado, completou 10 anos no ano de 2021. Para marcar esses 10 anos, fizemos um relato histórico, culminando com a realidade vivenciada no último ano. Nesses anos de seu desenvolvimento, oportunizou e oportuniza a prática da Ginástica de Trampolim para mais de 400 crianças e jovens, que já passaram e passam pelo projeto. São crianças e jovens da comunidade de Juiz de Fora e alunos do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF, que tiveram e têm a oportunidade de uma atividade esportiva diferenciada, de qualidade, com acompanhamento técnico, e uma estrutura física com equipamentos adequados a essa prática, proporcionando, sistematicamente, a vivência da modalidade de Ginástica de Trampolim.

Além da relação da aprendizagem da modalidade esportiva, o projeto propõe-se a desenvolver princípios de cidadania, inclusão e participação social através do esporte e lazer. Possibilitando, dessa forma, a construção e reconstrução do conhecimento no cotidiano social e cultural.

Durante quase 10 anos este projeto vem cumprindo os objetivos propostos, com a formação complementar do acadêmico de educação física da Faculdade de Educação Física. Ter uma experiência diferenciada em uma modalidade esportiva pouco conhecida, adquirindo um conhecimento a mais no processo de formação é fundamental para nossa experiência.

A educação vem, através da história, exercendo papel fundamental na formação, informação, regulação, determinação, orientação dos sujeitos na organização da sociedade, em que eles se inserem. Essa educação se dá em espaços formais (escolas) e em espaços não formais, envolvendo o lazer. Dessa forma o esporte apresenta-se como uma opção de lazer de livre escolha. Para Castellani Filho (2005, p. 15) o esporte é percebido como prática social, traduzido como atividade humana, construído historicamente, visto como possibilidade cultural de envolvimento e desenvolvimento dos sujeitos inseridos em uma comunidade. O esporte também é percebido como um fenômeno mundial, que inunda todos os espaços do cotidiano, “modificando nossa forma de olhar o mundo” (González, 2005, p. 173).

A iniciação esportiva é o primeiro passo para o desenvolvimento de diferentes esportes com uma prática regular e orientada. Nessa fase, ensinam-se os aspectos básicos da modalidade escolhida, com um caráter lúdico e como possibilidade de lazer. Desenvolvida em qualquer fase da infância, deve respeitar as características motoras, afetivas, cognitivas e sociais em situações pedagogicamente adequadas (Gaya, Torres e Balbinotti, 2002), oportunizando às crianças a experimentação de diferentes modalidades que vise, principalmente, à formação generalizada, à ampliação do seu

acervo motor e ao prazer da prática. De acordo com Nunomura e Tsukamoto (2005), as crianças já escolhem modalidades de sua preferência, e direciona seus esforços para a prática especializada, visando, no futuro, à obtenção de resultados.

Foi com essa proposta que o projeto de Ginástica de Trampolim foi iniciado. Esse esporte desenvolveu a iniciação esportiva, ainda que não houvesse o objetivo de se atingir o alto nível, trouxe e traz seu maior benefício: a possibilidade de domínio do corpo em situações diversas, desenvolvimento do equilíbrio e coordenação motora, da coragem e determinação, de elementos corporais inabituais entre outros, o que fortalece a necessidade de sua inclusão nos programas de iniciação esportiva.

2 METODOLOGIA

Para este relato de experiência voltamos a documentos, textos e principalmente imagens do desenvolvimento do projeto desde sua implantação até os dias atuais. Este texto conta de forma sucinta a trajetória de criação de um projeto de extensão novo, denominado *Ginástica de Trampolim: uma oportunidade* e seu desenvolvimento durante um percurso de aproximadamente 10 anos de existência.

O nome do projeto já possui uma indicação ao que ele se propôs: apresentar essa modalidade esportiva, que na época ainda era pouco conhecida na cidade, sendo confundida muitas vezes com saltos ornamentais ou com a ginástica artística. Além de apresentar essa modalidade, criou-se oportunidade de prática para a comunidade, uma vez que o projeto é oferecido com qualidade de espaço físico e material, de forma totalmente gratuita.

Percebe-se que, em comunidades com maior restrição financeira, crianças e adolescentes são privados de algumas possibilidades de lazer, como o lazer físico esportivo. Assim, o projeto pretendeu atender também esse grupo, o qual por diferentes motivos não tem acesso a uma atividade esportiva diferenciada.

3 E SE PASSARAM QUASE 10 ANOS

Enquanto modalidade esportiva a Ginástica de Trampolim tem sua história relativamente nova. No Brasil, foi trazida pelo professor José Martins de Oliveira Filho, em 1975 (Comitê Olímpico Brasileiro - COB, 2016). E, em Juiz de Fora, essa modalidade existe desde 1994, quando foi implantada na cidade, pela professora Roseana Mendes. Na Universidade Federal de Juiz de Fora também foi implantada pela mesma professora, assim como no Colégio de Aplicação João XXIII, em 2011.

Quando de sua implementação, em 5 de abril de 2011, o Projeto de Extensão Ginástica de Trampolim: uma oportunidade, foi proposto para atender 20 crianças. Esse esporte desenvolve-se com a utilização de três aparelhos: Tumbling, duplo-mini tramp, e Trampolim (mais conhecido como cama elástica). O Colégio João XXIII já possuía um espaço adequado para a prática, porém ampliou o desenvolvimento do esporte, adquirindo aparelhos específicos para a sua prática como: Cama elástica, duplo mini tramp e tumble track.

Inicialmente, o projeto era desenvolvido dividindo um espaço da escola com mais 3 projetos, e todas as atividades da educação física escolar no dia a dia, o que não permitia muitas alterações nesse espaço. Foram realizadas adequações, para que os projetos pudessem funcionar em harmonia. E com a transferência do Centro de

Ciências, que funcionava em um galpão anexo ao Colégio de Aplicação João XXIII, para o novo prédio do *campus* universitário, em 2014, o projeto passou a usar parte daquele espaço.

Essa mudança possibilitou ampliar o número de alunos e adequar melhor o espaço utilizado, oportunizando maior qualidade do trabalho desenvolvido, pois a Ginástica necessita de um bom espaço para sua prática. Até 2019, ainda estávamos usando esse espaço. No decorrer desses anos, as aulas acontecem duas vezes por semana para cada uma das turmas, em dias alternados (segunda-feira e quarta-feira e/ou terça-feira e quinta-feira) com a duração de uma hora em horários fora do turno escolar.

O processo de ingresso é através de sorteio. Quando há vagas acontece o sorteio, a partir de uma inscrição prévia. Isso porque, em se tratando de um esporte, a continuidade é importante e sendo assim, os alunos sorteados uma primeira vez, não necessitam passar por novo sorteio no ano seguinte. Em 2018, havia uma lista de espera, a qual nos fez aumentar o número de vagas para atender parte dessa lista. No ano de 2019, com o aumento do número de vagas realizou-se o sorteio no início do ano. A motivação dos alunos e suas famílias em permanecer nas atividades desenvolvidas no Projeto foi grande, e mesmo com o sorteio, ainda houve uma demanda reprimida de aproximadamente 20 crianças. Essa grande busca por essa atividade física reflete o crescimento das ações propostas para o projeto.

Com uma proposta metodológica de trabalho baseada nas atividades lúdicas, focadas no interesse dos alunos e nos desafios naturais do esporte, norteado pelas ações motoras, desenvolvidas por Jacques Leguet (1987), os alunos aprendiam o esporte pelo esporte e através do esporte, fortalecendo sua educação social e esportiva.

Os anos foram passando e os alunos a cada dia envolvendo-se mais nas atividades do projeto, bem como aprendendo mais sobre a modalidade. O esporte objetiva, entre outros benefícios já apresentados anteriormente, ensinar a modalidade, oportunizando conquistas diferentes a cada dia. Com a aquisição de maior qualidade técnica dos movimentos, começamos a participar de torneios, copas, competições e a realizar festivais de apresentações. Desenvolvemos um calendário de atividades e ações com os alunos e sua família.

O dia da família, conhecido como AULA PÚBLICA, foi uma das atividades desenvolvidas, da qual os alunos mais gostavam. Nesse dia os alunos mostravam para seus familiares o que haviam aprendido durante um determinado período de tempo. E após essa pequena demonstração, os familiares eram convidados a fazer a aula com as crianças e jovens. Nesse momento, os alunos enchiam-se de orgulho, pois deveriam auxiliar seus familiares nos movimentos a serem realizados por todos. Essa proposta envolvia a todos e se tornava uma diversão. Com essa proposta as famílias passavam a valorizar, cada vez mais, as conquistas dos alunos.

Além das atividades no espaço de aula, realizamos momentos fora da escola. Viajamos com as crianças para participar de torneios em outras cidades como Betim e Niterói. Aproximando ainda mais as famílias e a comunidade tanto do projeto quanto da escola.

Os festivais e apresentações também foram marcantes no decorrer desses quase 10 anos de existência do projeto. Muitas apresentações foram realizadas e a

organização dos festivais internos foram tomando proporções diferenciadas, melhorando a cada ano.

Em 2019, foram muitas as ações desenvolvidas no Projeto. Iniciamos o ano com a confirmação de quais alunos permaneceram matriculados. E logo definimos o calendário das atividades a serem realizadas. Além das aulas semanais, os alunos envolveram-se em várias atividades extras: 7ª Copa de Ginástica de Trampolim do Clube Bom Pastor (participamos desde a primeira edição); apresentação no Festival de Ginástica de “Pernas Pro Ar” (participamos desde a primeira edição); participação na II Copa ACE de Ginástica de Trampolim e Rítmica; participação no Campeonato Mineiro de Ginástica Escolar – Belo Horizonte.

Nós, bolsistas, e a coordenação envolvemo-nos em todas as ações propostas: atividades de aulas semanais; reuniões para estruturação; capacitação; planejamento; estudos; participação nas aulas públicas, em torneios, copas, festivais e outras apresentações, bem como em eventos científicos, fortalecendo o aprimoramento do bolsista, nesse processo ensino aprendizagem.

E chegou 2020. Posso afirmar que desde que me iniciei no projeto, tem sido um aprendizado constante, em que em uma troca simultânea de conhecimentos, ensino e aprendo com os alunos. Em 2020, vivenciamos a pandemia, na qual mudou completamente a rotina de todos nós. Devido ao isolamento social, tivemos uma grande mudança referente aos projetos. Uma transição do presencial para o *online*, com a qual se teve um impacto tanto para os alunos quanto para nós bolsistas.

No início, todos nós, que participamos do projeto, bolsistas, voluntários e coordenador, achamos que não ia durar por muito tempo esse isolamento social, por isso ficamos trabalhando com planos de aulas, referentes às futuras aulas presenciais, e assim o tempo foi passando e percebemos que as aulas presenciais não iriam voltar no ano de 2020. Através de reuniões, conversas, pesquisas, procuramos a melhor forma de voltar com o projeto sem afetar o isolamento social. Chegamos à conclusão que a melhor forma seria começar a passar as aulas de uma forma remota. Foi nessa transição de aulas presenciais e aulas remotas, em que se pôde ver a renovação, tão presente em nossa profissão. Precisamos nos renovar em relação à forma como trabalhamos e passamos informações aos alunos. Inicialmente, tive dificuldades em planejar aulas, passar informações referentes aos movimentos, para os alunos. Durante as aulas, houve falta de confiança dos alunos em reproduzir os movimentos, pois não estavam seguros sem nossa ajuda, fazendo a proteção dos movimentos. A necessidade de motivá-los e passar incentivo era outra, o que foi marcante para nós e para os alunos.

Porém, as aulas foram uma forma de nos aproximarmos dos alunos, mesmo distante, fazendo com que eles se movimentassem, conversassem com os amigos, vendo-se a si e aos amigos através da tela do celular ou computador, interagindo. Isso tudo foi uma forma de escapar de um momento ruim para todos nós. Tivemos dificuldades com essa transição, porém aprendemos muito, isso fará total diferença futuramente, seja nas aulas *online* ou nas aulas presenciais, tudo que vivenciamos agregou em nosso conhecimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM BREVE HISTÓRICO

A Ginástica de Trampolim possibilita aos seus praticantes, experiências corporais diferentes, em nosso relato de experiência trouxemos de forma resumida, algumas ações do que foi realizado ao longo dos quase 10 anos de existência do Projeto. O que ficou marcado foi a oportunidade de uma formação diferenciada.

REFERÊNCIAS

CASTELLANI FILHO, Lino. *As práticas corporais e seu processo de re-significação*. Brasília: [s.n.], 2005.

GAYA, Anelise Reis; TORRES, Lisiane; BALBINOTTI, Carlos. Iniciação Esportiva e Educação Física Escola. In: SILVA, Francisco Martins da. (org.). *Treinamento Desportivo Aplicações e Implicações*. João Pessoa: Ed. Universitária, 2002. p. 15-25.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Esportivização. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (org.). *Dicionário Crítico da Educação Física*. Ijuí: Ed. Ijuí, 2005. p. 170-173.

LEGUET, Jacques. *As Ações Motoras em Ginástica Esportiva*. São Paulo: Editora Manole, 1987.

NUNOMURA, Mirian; TSUKAMOTO, Mariana Haruimi Cruz. Iniciação esportiva e infância: um olhar sobre a ginástica artística. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*. Campinas, v. 26, n. 3, p. 159-176, mai. 2005.

Polo interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão sobre o processo de envelhecimento

Estela Saléh da Cunha¹

Anna Cláudia Rodrigues Alves²

¹Doutora em Serviço Social pela Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestra em Serviço Social pela Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF/FSS). Professora adjunta da UFJF/FSS e coordenadora deste programa de extensão. E-mail: estela.saleh@ufjf.br.

²Mestra em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Especialista em Política e Pesquisa em Saúde Coletiva, também pela UFJF. Assistente Social da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF/FSS). Atualmente, é gestora da Casa Helenira Rezende, espaço de extensão da Faculdade de Serviço Social e vice-coordenadora deste programa de extensão. E-mail: annaclaudia.alves@ufjf.br; alves.acr@gmail.com.

Polo interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão sobre o processo de envelhecimento¹

1 INTRODUÇÃO

O programa criado há aproximadamente 30 anos, no ano de 1991, pela Faculdade de Serviço Social, vem pautando sua trajetória em dois eixos: a construção e desenvolvimento de propostas educativas de qualidade e com caráter interdisciplinar, voltadas para idosos de variadas faixas etárias e perfis socioeconômicos e culturais; e a produção de conhecimentos acerca do envelhecimento e gerações, considerando as rápidas transformações do mundo contemporâneo.

Em 2018, a fim de atender a uma demanda do Conselho Nacional do Idoso (Ofício nº 4/2017/SEI/CNDI/SNDPI/MDH, datado de 13/12/2017) e dar conta das diversidades, complexidades e, especialmente, desigualdades que envolvem o processo de envelhecimento nessa sociedade, o programa passa a ser denominado “Polo Interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão sobre o processo de envelhecimento”.

Nele são desenvolvidas ações com intuito de resgatar a cidadania do idoso, sua saúde e bem estar, autonomia, melhoria das relações intergeracionais, promover a reinserção na sociedade, ampliar o conhecimento dos direitos dos idosos e da rede socioassistencial no município, despertar o interesse da participação em espaços socioculturais e políticos, tendo em vista a promoção e ampliação da cidadania, da valorização da experiência, da memória e da reconstrução dos vínculos familiares e comunitários.

Como espaço de ensino, pesquisa e extensão, intenta fomentar o desenvolvimento de pesquisa e a produção de trabalhos acadêmicos; favorecer a interdisciplinaridade e interinstitucionalidade na abordagem da questão do envelhecimento e no desenvolvimento das ações; promover discussões sobre os envelhecimentos e dispositivos legais, capacitando acadêmicos das diversas áreas do conhecimento para futura atuação profissional de qualidade, além de fornecer subsídios para políticas públicas.

Baseia-se na perspectiva socioeducativa e interdisciplinar, oferecendo cursos, oficinas, passeios culturais, filmes, vídeos, musicalização e outras expressões culturais e corporais. Embora atenda a pessoas a partir de 50 anos, a maioria dos participantes tem 60 anos ou mais (acima de 75% na sede).

¹ Equipe Técnica: Prof^ª. Estela Saléh da Cunha/Serviço Social (coordenadora); TAE Anna Claudia Rodrigues Alves/Serviço Social; TAE Janice Rosa Paulino/ Serviço Social; Prof^ª. Márcia de Almeida/Letras; Prof. Tarcísio de Souza Lima/ Ciência da Computação - Informática; Prof^ª. Erika Savernini Lopes /FACOM; Prof^ª. Claudia de Albuquerque Thome/FACOM; Prof. Ricardo Kamizaki/ Psicologia; Prof^ª. Elena Santi/Letras; Prof^ª. Noemi Teles de Melo/ Letras; Prof^ª. Cristina Ribeiro Villaça/Letras; Prof^ª. Patrícia Nora de Souza Ribeiro/Letras; Prof^ª. Raquel Fellet Lawal/Letras; Prof^ª. Ana Livia de Oliveira/Nutrição; Prof^ª. Arlete Rodrigues Vieira de Paula/ Nutrição; Prof^ª.Cristiane Gonçalves de Oliveira Fialho/ Nutrição (in memorian); Bolsistas: Alessandra Guelber Vieira/ Serviço Social; Camilla da Cunha/Serviço Social; Pamela de Oliveira Basílio/Serviço Social; Paolla Galollete Silva/Serviço Social; Luis Felipe Cardoso/ FACOM; Nicolý de Oliveira Lopes Alves/ História; Thatiany Aparecida de Silva Soares/ Serviço Social; Igor do Carmo Nunes/ Serviço Social; Lorna Gabriela Aguilar Bojorge/Psicologia; Gabriela de Lima Gonzaga/ Psicologia; Lara Maranhães Nocelli/Serviço Social. E-mail: polosobreenvelhecimento@gmail.com.

2 METODOLOGIA

A proposta se fundamenta na visão do sujeito que envelhece como ser histórico e, portanto, constructo e construtor da história. E se estrutura e/ou concretiza a partir de um trabalho socioeducativo e interdisciplinar que possibilita aos velhos dele participante desvendar e refletir sobre seu próprio processo de envelhecimento, sobre as possibilidades e os limites nessa etapa da vida, reconhecendo a totalidade da vida, que se estrutura a partir das relações sociais amplas estabelecidas nessa ordem societária.

Nossa perspectiva metodológica busca aprimorar a qualidade de investigação e de intervenção, privilegiando a vivência como uma dimensão que nos auxilia no entendimento de uma experiência singular e coletiva do envelhecer, a partir da visão de mundo dos sujeitos atendidos e das classes em que se inserem.

Dessa forma, estrutura-se a partir da realização de palestras educativas; promoção de visitas orientadas aos locais históricos e espaços artísticos e culturais, tanto da própria Universidade quanto do município; divulgação da agenda sociocultural e dos eventos promovidos pela UFJF e pelo município; e em parceria com diversos Projetos nele desenvolvidos: promoção de ações assistenciais, bem estar e saúde; atividades artísticas; aproximação dos beneficiários às novas tecnologias e formas de comunicação; promoção do acesso aos recursos sociais, culturais e políticos do município, consolidando o “direito à cidade”; aprendizagem de línguas estrangeiras; oficinas de valorização e treinamento da memória; curso de preparação para a aposentadoria e de cuidadores informais; oficinas de desenvolvimento de habilidades psicossociais; além de outras ações que, na dinâmica cotidiana do programa vão se fazendo importantes para os que dele se beneficiam.

Tais atividades primam pela participação do idoso, como elemento primordial desses espaços, visto que lhe é dada a liberdade de escolher temas e propor as dinâmicas de trabalho, visando o melhor aproveitamento dos instrumentos e técnicas, e um melhor resultado. O protagonismo dado aos velhos e os conteúdos construídos a partir da observação sistematizada da forma como os próprios idosos vivenciam e experienciam a velhice, servem de material de análise e propiciam à equipe profissional a revisão de seus próprios conceitos e visão do processo de envelhecimento.

Os cursos são oferecidos na sede do programa (espaço físico próprio, pertencente à Faculdade de Serviço Social), vinculado à Casa Helenira Rezende/Helenira Preta e se ampliam através do Projeto *Nucleação do Polo Interdisciplinar de Ensino Pesquisa e Extensão sobre o processo de Envelhecimento nos bairros de Juiz de Fora-MG* a outros bairros do município. As atividades são ministradas de 1 a 2 vezes por semana com carga horária que varia de 1 a 3 horas por dia. Já com os profissionais, técnicos, discentes e docentes envolvidos no programa primam pela formação de grupo de estudos para capacitação teórica, elaboração de pesquisas, material informativo e manutenção de banco de dados sobre a população atendida; pela documentação e divulgação da experiência através de vídeos fotos, depoimentos gravados dos sujeitos envolvidos; realização de reuniões semanais para supervisão do trabalho desenvolvido pelos discentes; além da avaliação e elaboração de relatórios, a fim de subsidiar a estruturação de novas frentes de trabalho.

Salientamos a preocupação do programa com a construção de conhecimentos na área, tendo em vista a pouca produção a partir da perspectiva nele adotada, para isso, ou melhor, a fim de fortalecer esse compromisso há um grande esforço de construção e socialização de metodologias para o desenvolvimento de trabalhos com idosos. Esse esforço é sistematizado nos relatórios avaliativos de todas as atividades/ações desenvolvidas no/pelo Programa, tomados como essenciais para subsidiar e organizar as formas de intervenção, o alcance dos objetivos e a fundamentação teórica.

3 RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

A cidade de Juiz de Fora se destaca no contexto do envelhecimento por possuir 13,62% da população composta por idosos (Censo 2010/IBGE), percentual superior ao do estado de Minas Gerais e ao nacional, ambos 11,8% (Censo 2010/IBGE). Entre as cidades com mais de 500 mil habitantes, Juiz de Fora é a terceira em número de pessoas com 60 anos ou mais.

Tais dados indicam a necessidade do município se preparar para enfrentar os grandes desafios decorrentes desse processo, atendendo qualificadamente as demandas desta parcela expressiva de sua população. As mudanças no perfil demográfico da população do município que indicam um crescente e acelerado envelhecimento populacional (a parcela da população com idade superior a 60 anos, cresceu 46% no período de 2000 a 2010, aumentando de 48.274 para 70.288 habitantes; e entre aqueles com mais de 80 anos o crescimento foi de 77% no mesmo período, apresentando um contingente de 10.885 idosos) apontam para a necessidade da formação de profissionais das mais diversas áreas de conhecimento para atuação qualificada junto a este segmento populacional. Quanto a essa necessidade, destaca-se que no ano de 2020, o IBGE divulgou que a população brasileira de idosos aumentou 29,5% entre os anos de 2012 e 2019.

Ressaltamos que o trabalho com idosos requer uma contextualização desses sujeitos em seu processo de envelhecimento, para que nossa compreensão e possibilidades de atuação apreendam o que esse processo e suas mudanças significam para o próprio cidadão, ou seja, como este o entende e o vivencia.

Assim, à UFJF, diante do crescente envelhecimento populacional bem como do aumento da expectativa de vida, é demandado um debate acerca do envelhecimento, não só com a produção de conhecimentos e formação de recursos humanos, mas também para contribuir com a melhoria do padrão de vida dos idosos do município e da região.

Neste sentido, o programa se reveste da maior importância, pois contribui para a construção de experiências interdisciplinares na atenção à velhice; fornece subsídios para elaboração de políticas públicas; fortalece a cidadania do idoso, fomenta sua saúde e bem-estar, sua autonomia, melhoria das relações intergeracionais, bem como amplia o conhecimento dos direitos e da rede socioassistencial no município, despertando seu interesse de participação em espaços socioculturais e políticos. E, como espaço de ensino, pesquisa e extensão promove a discussão mais aprofundada sobre o processo de envelhecimento, capacitando acadêmicos das diversas áreas do conhecimento para uma atuação profissional de qualidade, contribuindo com a

construção de trabalhos científicos de graduação, de mestrado, de doutorado e de especializações lato sensu.

Destacamos que o programa tem sido convidado a participar ativamente do planejamento das políticas de atenção à velhice no município e é considerado uma ação política, na modalidade não asilar, de atenção a essa significativa parcela da população juizforana. Além disso, as propostas, metas e objetivos do programa atendem ao Estatuto do Idoso (Brasil, 2003) que em seu capítulo 5, artigos 20, garante ao idoso “o direito à educação, cultura, esporte e lazer, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade” e, ainda contribui para responder ao artigo 22 que prevê que “os currículos formais dos diversos níveis de ensino formal contemplem conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria”.

Diante do exposto, salientamos que o crescimento demográfico da população idosa brasileira exige a preparação adequada do país para atender as demandas das pessoas na faixa etária de mais de 60 anos de idade. Essa preparação envolve diferentes aspectos desde a adequação ambiental e o provimento de recursos materiais e humanos capacitados, até a definição e a implementação de diretrizes políticas.

A sociedade deve entender que o envelhecimento de sua população é uma questão que extrapola a esfera familiar e, portanto, a responsabilidade individual, alcançando o âmbito público, e demandando a intervenção do Estado em termos de disponibilização de recursos e serviços nos diversos níveis de atuação.

Assim, as universidades, especialmente as públicas, devem contribuir com ações que abarquem o tripé que as sustentam, ou seja, ensino, pesquisa e extensão, para que sejam minimizados e/ou eliminados fatores intervenientes na autonomia, marginalização e independência do idoso, principalmente aquele com menor nível socioeconômico, cultural e político.

Nesse sentido, salientamos que o trabalho de extensão é de suma importância na luta pela universidade inclusiva, capaz de responder efetivamente às demandas da sociedade, na medida em que a aproxima dos apelos e lutas sociais e, especialmente, proporciona uma leitura qualificada da realidade na qual estamos inseridos.

As categorias teóricas que dão suporte às ações e análises desenvolvidas no e pelo programa, advêm das construções teóricas e analíticas realizadas pela coordenadora do programa em seus estudos/pesquisas sobre a temática do envelhecimento, especialmente as construídas em seu processo de Mestrado e doutorado em Serviço Social.

Dito isso, salientamos que a questão norteadora das atividades desenvolvidas no/pelo Programa é a compreensão da velhice enquanto uma categoria socialmente construída, portanto, concebemos o processo de envelhecimento e a velhice como tendo um caráter público e nos distanciamos da visão da questão do envelhecimento como uma questão particular, homogênea, definindo-a como uma questão coletiva e heterogênea. Conceber o envelhecimento como um processo socialmente construído significa reconhecer que esse reproduz as desigualdades que se estabelecem na sociabilidade humana, de acordo com diferenciações de ordem social, econômica, política, cultural, étnica, sexual, geracional e espacial.

A velhice, entendida a partir desta concepção, não é uma generalização, no singular; mas, como observa Beauvoir (1990), “velhices”, pois há diferentes e desiguais velhices, ou seja, a velhice “*...+ é fruto de uma rede de relações econômicas e sociais que se diferenciam de país para país, de região para região, construindo, assim, realidades e modos distintos de vivenciar este processo (Cunha, 2008, p. 12). E, ainda segundo Cunha (2008, p.13), “*...+ mais que um fenômeno natural, biológico e orgânico, a velhice é um fenômeno social, econômico, político, cultural, espacial, etc., multifacetado que se engendra nas relações de produção e reprodução social”. Como Simone de Beauvoir (1990), afirmamos que não nos tornamos velhos de uma hora para a outra, mas “envelhecemos” ao longo dos anos.

Portanto, as categorias teóricas que sustentam nossas ações e as dão suporte são aquelas pautadas na perspectiva da totalidade da vida humana que nos permitem compreender os homens e mulheres que envelhecem como sujeitos históricos, que fazem e refazem a história a partir das circunstâncias que lhes são dadas, sendo assim partes do “tecido social”.

Este reconhecimento impulsiona o empenho na efetivação de diferentes formas de atendimento, não só a este público específico, que promovam relações intergeracionais e o estreitamento dos laços de pertencimento à cidade, e que, principalmente, oportunizem a efetiva participação destes homens e mulheres que envelhecem como sujeitos do “tempo presente” e construtores do futuro. Dessa forma, as ações do programa visam contribuir para o rompimento do “silêncio” em torno das questões que envolvem o processo de envelhecimento, denunciado por Beauvoir (1990), promovendo efetivamente a publicização da velhice, a partir do respeito às múltiplas e complexas formas de envelhecer.

Desta maneira, também nos distanciamos de um processo crescente nas ações de atenção à essa etapa da vida na sociedade contemporânea, denominado por Debert (1999) de “reprivatização da velhice”, que toma as formas como os sujeitos envelhecem como responsabilidade individual e a velhice como um “estado de espírito” – só é velho quem quer – levando os sujeitos que envelhecem a negarem as transformações naturais pelas quais passam seus organismo e, ao mesmo tempo, a uma naturalização dos estereótipos negativos relacionados à velhice que é sempre atribuída ao outro – “eu não sou velho!”.

Essa concepção individualizante da velhice constitui-se em uma negação do direito e da cidadania do ser que envelhece na sociedade contemporânea. Na contramão dessa tendência, as ações do Programa pautam-se na concepção e na certeza de que

[...] é preciso devolver a estes velhos o direito de envelhecer e de ser reconhecido social, cultural e politicamente por sua contribuição na construção do tecido histórico da sociedade. Este reconhecimento não será adquirido individualmente, mas a partir de uma compreensão política e social que respeite as especificidades trazidas pela velhice, ao mesmo tempo em que valorize as possibilidades e conhecimentos adquiridos por estes cidadãos com o passar dos anos, dentre elas suas sabedorias e experiências. (Cunha, 2008, p. 204)

4 CONCLUSÕES

Com a possibilidade de transmissão de conhecimento via cursos, oficinas e passeios culturais, com a possibilidade de troca de saberes, o programa possibilita o retorno dos idosos ao estudo e novos projetos de vida, baseados em suas próprias escolhas, derrubando estereótipos de que o velho não tem mais condições de “aprender” ou não tem interesse de crescimento pessoal. Através deste programa os sujeitos que envelhecem se qualificam e se relacionam com outras instâncias e grupos da sociedade de idosos ou não, e participam de atividades conjuntas em comemorações e eventos na cidade, trocando experiências e convivendo com diferentes gerações.

O programa, além de receber alunos e docentes da UFJF, recebe alunos e professores de outras instituições que realizam seus estudos junto aos idosos do Polo, o que demonstra sua credibilidade na sociedade. Destaca-se ainda o número de profissionais que se qualificaram para atuar na área do envelhecimento, desde 1991, considerando ser esse um debate recente na sociedade brasileira e com poucos profissionais capacitados para tal atuação.

No ano de 2019, foram realizadas 533 matrículas e frequentaram assiduamente 429 idosos nos Projetos e atividades desenvolvidas no Programa. Realizamos um "Evento de Extensão" em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Social do município para 100 pessoas e ampliamos as parcerias com o município de Juiz de Fora, através de um dos Projetos de Extensão a ele vinculado.

Em relação aos idosos, verifica-se o aumento da consciência dos direitos de cidadania; maior autonomia e capacidade de decisão; percepção de suas potencialidades; percepção do grupo que revê coletivamente seu próprio processo de envelhecimento e sua possibilidade de reinserção na vida familiar e comunitária; minimização do isolamento e da solidão; debate de temas atuais e situações que vivenciam no município (trânsito, insegurança, violência), maior politização.

O impacto dessas novas atitudes revela uma resignificação desses sujeitos que se recriam frente suas famílias e a sociedade, se fortalecendo e se posicionando novamente como protagonistas de seu tempo. Um dos maiores impactos deste programa é contribuir com o desenvolvimento local do ponto de vista da cidadania e qualidade de vida desses idosos, a partir das contribuições da extensão da UFJF.

Já no que diz respeito aos discentes, acreditamos que o envolvimento nas atividades desenvolvidas no/pelo programa contribui para a formação técnica, crítica e cidadã destes, auxiliando-os na capacitação para a intervenção na área do envelhecimento (em consonância com a Lei nº 10741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso), considerada imprescindível diante da relevância dos problemas decorrentes das mudanças do perfil demográfico do país.

Conjugando extensão, pesquisa e ensino, o programa incentiva a promoção de conhecimentos e ações que atuam de maneira ampla e efetiva na produção da cultura. Sendo assim, também contribui para o desenvolvimento de um debate acadêmico sério sobre o envelhecimento.

Além de avançar na pesquisa, o polo alimenta a formação de profissionais, oferecendo estágio acadêmico e bolsas de extensão e treinamento profissional. Funciona ainda como centro de referência para a realização de monografias acadêmicas e de especialização *stricto* e *lato sensu*. Assim, podemos afirmar que o

discente tem a oportunidade de conhecer a temática do envelhecimento, com suas múltiplas facetas e complexidades.

Tais considerações quanto aos impactos foram apontadas pelos próprios discentes em reuniões periódicas de avaliação e monitoramento, bem como nos relatórios finais semestrais/anuais entregues à coordenação do programa.

REFERÊNCIAS

BANCO MUNDIAL/BNDES. *Envelhecendo em um Brasil mais velho*. mar. 2011.

Disponível em:

http://siteresources.worldbank.org/BRAZILINPOREXTN/Resources/3817166-1302102548192/Envelhecendo_Brasil_Sumario_Executivo.pdf. Acesso em: abr. 2011.

BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado, 1988.

_____. Estatuto do Idoso. *Lei nº 10741, de 1 outubro de 2003*. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial, Brasília, 23 de setembro de 2003.

_____. Política Nacional de Saúde do Idoso. *Portaria nº 1.395/GM, de 09 de dezembro de 1999*. Dispõe sobre a saúde do idoso e dá outras providências. Diário Oficial, Brasília, 10 de dezembro de 1999.

_____. Política Nacional do Idoso. *Lei nº 8842, de 04 de janeiro de 1994*. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial, Brasília, 05 de dezembro de 1994.

_____. Lei Orgânica da Assistência Social. *Lei nº 8.742, de 07 de dezembro de 1993*. Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Diário Oficial, Brasília, 08 de dezembro de 1993

BRUNO, M.R.P. Cidadania não tem idade. *Revista Serviço Social & Sociedade*, n. 75, ano XXIV. São Paulo: Cortez, 2003, p. 74-83.

CUNHA, Estela Saléh da. *Sobre envelhecer e ser velho em liberdade: religiosidade, trabalho e família em um pequeno município da zona da mata mineira*. 2014. 278f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

_____. *Velhices: múltiplas faces de um processo socialmente construído*. 2008. 246 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

_____. Política de atenção à velhice: pressupostos e significados; uma análise sob a ótica cultural. *In: Revista Libertas*, Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de

Serviço Social, v. 2, n. 2, jul./dez. de 2002 – v. 3, n. 1 e n. 2, jan./dez. de 2003. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2003 (impresso em 2005). p. 187 – 202.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 1999a.

_____. A Construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. *In: NERI, Anita Liberalesso; _____ (orgs). Velhice e sociedade*. Campinas: Papirus, 1999b. p. 41- 69.

_____. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. *In: DEBERT, Guita Grin. (org.). Antropologia e velhice: Textos didáticos, IFCH/UNICAMP, n. 13, mar. 1994. p. 7-30.*

_____. Envelhecimento e representação da velhice. *Ciência Hoje, s.l., v. 8, n. 44, p. 62-68, jun. 1988.*

_____. Política de atenção à terceira idade. *In: MPAS. Discutindo a Assistência Social no Brasil*. Brasília, p. 141, 1997.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. *O direito à velhice: os aposentados e a previdência social*. 2 ed. São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões da nossa época, v. 10)

_____. A ideologia da velhice. São Paulo: Cortez, 1986.

NERI, Anita Liberalesso. As políticas de atendimento aos direitos da pessoa idosa expressas no Estatuto do Idoso. *Revista A Terceira Idade*. São Paulo, SESC, v. 16, n. 34, p. 07-24, out. 2005.

_____. (org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007.

TEIXEIRA, Solange Maria. *Envelhecimento e trabalho no tempo do capital: implicações para a proteção social no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. (org.). *Envelhecimento na sociabilidade do capital*. Campinas: Editora Papel Social, 2017.

Popularização da Histologia através do instagram

Isabela Coimbra Ladeira Morais¹

Hiolanda Gomes Piler Dornelas²

Paula Gabrielle Dias Lopes³

David Henrique Rodrigues⁴

Ana Leticia de Oliveira Figueiredo Alessandri⁵

Márcia de Carvalho Vilela⁶

¹Graduação em andamento em Medicina na Universidade Federal Fluminense (UFF). Participou como bolsista de extensão em projetos de divulgação científica e ensino, todos ligados à Universidade Federal de Juiz de Fora – campus Governador Valadares (UFJF-GV). E-mail: isabelacoimbralmorais@gmail.com.

²Médica graduada pela Universidade Federal de Juiz de Fora – campus Governador Valadares (UFJF-GV). E-mail: hiolandapiler.ufjf@gmail.com.

³Graduanda de medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora – campus Governador Valadares. E-mail: dias.paulagabrielle@gmail.com.

⁴Doutor em Biologia Celular pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Realizou pós-doutorado em Neurociências pela UFMG. Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora – campus Governador Valadares (UFJF-GV). E-mail: david.henrique@ufjf.br.

⁵Doutora em Farmacologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Realizou pós-doutorado pelo Centre for Inflammation Research da University of Edinburgh. Professora de Farmacologia da Universidade Federal de Juiz de Fora – campus Governador Valadares (UFJF-GV). E-mail: ana.alessandri@ufjf.br.

⁶Doutora em Infectologia e Medicina Tropical pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Associada do Departamento de Ciências Básicas e da Vida da Universidade Federal de Juiz de Fora – campus avançado de Governador Valadares. E-mail: marcia.vilela@ufjf.br.

Popularização da Histologia através do Instagram

1 INTRODUÇÃO

A Histologia é uma divisão da Anatomia, responsável pelo estudo microscópico das células, matriz intercelular e dos tecidos, que juntos formam os vários órgãos do corpo humano (Gartner, 2007). Além disso, a Histologia está relacionada com a Biologia e as Ciências, abordadas no ensino médio e fundamental, bem como a Patologia, Fisiologia, Bioquímica e Clínica Cirúrgica, nos cursos de graduação em saúde (Salbego, 2015).

A apresentação do conteúdo da Histologia ainda segue os padrões tradicionais de ensino. No ensino médio, as aulas de Biologia são majoritariamente expositivas e, na graduação, as aulas começam a ser teórico-práticas. Nestas, os alunos podem manusear os microscópios e visualizar os tecidos histológicos fixados em lâminas. Considerando que as novas gerações, as quais ingressam nas Universidades, estão inseridas em um mundo digital, no qual a literatura nos mostra uma tendência a mudanças na apresentação dos conteúdos acadêmicos, devemos repensar a atualização do padrão de ensino. Nesse novo paradigma, a universidade de Iowa tem utilizado apresentações expositivas em sessões pré-laboratoriais com a exibição de imagens digitalizadas, disponíveis em redes e no website para aumentar a eficiência do aprendizado das práticas (Heidger, 2002). Já a Universidade Johns Hopkins aplicou uma pesquisa etnográfica com o objetivo de entender a utilização de atlas digital no ensino de Histologia. Assim, pode-se verificar um aumento na satisfação dos alunos com relação ao laboratório e na predisposição para o estudo da disciplina, o que interfere positivamente nas discussões e produtividade dos docentes.

Entretanto, quando os autores analisaram as notas das provas práticas, não se observaram diferenças estatísticas entre as duas metodologias (Lehmann, 1999). Alguns pesquisadores sugerem que os computadores aumentam a eficiência do ensino e da aprendizagem e que os microscópios ópticos tornar-se-ão um recurso obsoleto (Ackermann, 2009; Kumar, 2006). Entretanto, outros, como Santa Rosa (2011), valorizam o uso das tecnologias, mas defendem a manipulação do microscópio óptico para envolver os alunos na pesquisa e formar especialistas (Santa-Rosa, 2011). A relevância de estratégias tecnológicas associadas à internet no processo ensino-aprendizagem tem sido amplamente discutida nos últimos anos (MEIRA, 2016), particularmente no ensino superior. Um estudo recente demonstrou que 15 trabalhos desenvolvidos no Brasil e no exterior entre 2013 e 2017 relacionavam o uso do Instagram a atividades de ensino-aprendizagem (Brigido e Veloso, 2018).

O aplicativo apresenta várias funcionalidades para estimular a participação dos alunos em atividades pedagógicas, incluindo postagens, curtidas, comentários, transmissões ao vivo e stories. Logo, diante do crescente aumento dessas tecnologias, especificamente as mídias digitais, a educação pode ser ampliada e atingir o público com o conhecimento científico desenvolvido nas Universidades. Segundo Mendonça e Silva (2002), poucas pessoas têm acesso direto aos conhecimentos gerados na Universidade pública e a extensão universitária é imprescindível para a democratização do acesso a esses conhecimentos.

Assim justifica-se a realização do projeto, o qual busca a democratização do acesso aos conhecimentos relacionados à Histologia, para além do estímulo à tecnologia como ferramenta de ensino.

2 METODOLOGIA

O presente relato é uma ação vinculada a um projeto de extensão, que se iniciou antes da pandemia de COVID-19. Logo, foi necessário readequar as atividades em razão da pandemia. O perfil @morfoloogiaufjgv foi criado em 06 de junho de 2019 e, em março de 2020, o projeto iniciou-se e vem sendo alimentado de forma sistemática. As publicações são direcionadas ao público-alvo do projeto, que é composto de estudantes regularmente matriculados no primeiro ano do ensino médio da Escola Estadual Prefeito Joaquim Pedro Nascimento e também dos alunos, que cursam a disciplina de Histologia da UFJF–GV.

Durante o período do projeto, foram realizadas reuniões periódicas, pelo “Google Meet” e “WhatsApp”, com os integrantes da equipe para escolher os temas que seriam pesquisados e publicados no “Instagram”, bem como para discutir e avaliar os impactos das postagens. Os materiais utilizados para consulta dos temas foram sites de Histologia de outras Universidades, livros de Histologia Básica utilizados na Universidade e os livros didáticos do ensino médio, os quais visam à adequação dos temas para a linguagem aos alunos. Como o Instagram promove a interatividade dinâmica com o público de seguidores, foram utilizadas diferentes ferramentas, como postagens no feed, vídeos, stories, links personalizados na biografia do perfil com conteúdo teórico, hashtags e enquetes, com objetivo de aumentar a proximidade e o engajamento com o público (Alves *et al.*, 2018).

Para a construção de dados foi utilizada a própria plataforma do Instagram, que gera um balanço de curtidas nas postagens, visualizações dos stories, interações e alcances, bem como separa por sexo, idade e locais alcançados, links personalizados na “bio” do perfil, escrita de hashtags, enquetes e a função “saiba mais”. Dessa forma, este relato foi construído a partir da análise dos dados obtidos no Instagram e das fontes bibliográficas disponíveis no Scielo e PubMed.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

Este projeto de extensão foi desenvolvido através das ferramentas proporcionadas pelas novas tecnologias, que podem promover a ressignificação do papel do professor e serem promotoras da maior interação entre aluno e docente, facilitando a construção de novos saberes através das mídias sociais. Quanto à abrangência dessas mídias no Brasil, o relatório da “We Are Social”, maior agência especializada em social media do mundo, pontua que 66% da população brasileira é usuária das plataformas digitais, e ainda, uma pesquisa realizada pela “Rock Content” evidencia que 92,5% desses internautas utilizam o Instagram (Social Media Trends, 2019). O processo de ensino-aprendizagem nas escolas está sendo alterado progressivamente, de acordo com o desenvolvimento tecnológico e o meio digital, buscando atender às exigências de uma sociedade cada vez mais conectada, e isso tem propiciado a inserção de uma nova dialética para a sala de aula (Mota *et al.*, 2019).

Embora exista um público-alvo para a execução deste projeto, o poder de alcance da rede social contempla também outras pessoas da sociedade. Sabe-se que é papel da extensão universitária fazer com que o conhecimento adquirido nas universidades seja democratizado, visto que, segundo Mendonça e Silva (2002), poucas pessoas têm acesso direto a esse conhecimento. Esse acesso foi possível, mesmo que em parte, por meio do perfil @morfologiaufjfgv, no Instagram.

O perfil conta com 484 seguidores, alcançando cerca de 370 contas e causando 2200 impressões mensalmente, o que indica a quantidade de vezes que a postagem foi visualizada (Lichtenheld *et al.*, 2018). O público que, atualmente, mais acessa o perfil são mulheres (68,2%) com idade entre 18 e 24 anos (58,2%) e que residem em Governador Valadares – MG (33,4%). Esses dados indicam que os estudantes da Escola Estadual Prefeito Joaquim Pedro Nascimento não são a maioria do público.

Em função da pandemia de COVID-19, as atividades do projeto tiveram que ser adaptadas para serem realizadas totalmente de forma remota, o que impactou na elaboração dos conteúdos. Foram dois os maiores impactos: (1) a impossibilidade de acessar o laboratório para fotografar o acervo histológico da Universidade; (2) o cancelamento das visitas e da aplicação de questionários aos alunos da Escola Estadual Prefeito Joaquim Pedro Nascimento. Essas ações seriam realizadas para aumentar a atratividade e a interatividade com o público-alvo, contudo foram usadas tão somente para manter o público.

Por outro lado, a experiência com o projeto proporcionou aprendizados importantes para a formação acadêmica e profissional das discentes participantes, pois foi imprescindível a utilização dos conhecimentos teóricos da sala de aula para a elaboração do material, e igualmente importante refletir acerca dos fenômenos da sociedade e se aquele conteúdo seria compreendido pelo outro lado, objetivando intervir na qualidade de vida do ser humano.

Os seguidores do perfil @morfologiaufjfgv foram também beneficiados com as publicações, o que se comprovou pelas curtidas obtidas em cada postagem. A multifuncionalidade do Instagram permite o intercâmbio de experiências, as quais podem ser aplicadas no processo de ensino e de aprendizagem, propiciando uma troca instantânea de informações e de ampliação no critério de importância do assunto discutido (Alves *et al.*, 2018). Alves *et al.* (2018) afirmam ser um grande desafio educar uma geração imediatista, a qual não compreende e não tem paciência para perceber a importância da análise crítica, reflexiva, que demanda tempo para alcançar um objetivo delineado. Por isso, é importante compreender que os processos de ensino-aprendizagem precisam partir de uma consciência de rede e ir além da rigidez espacial da escola. A fim de ocasionar o rompimento dos modelos convencionais de ensino, é fundamental que as instituições de ensino estejam atentas aos comportamentos da nova geração de alunos, os quais se encontram imersos na Cibercultura (Porto e Moreira, 2017).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, convivemos diariamente com o meio digital, que passou a fazer parte do cotidiano das pessoas, inclusive nas salas de aula. Muitos autores têm discutido sobre a importância da utilização das tecnologias na educação. Isso tem incentivado professores a se adaptarem para buscar a melhor relação ensino-

aprendizagem. A ferramenta Instagram atendeu ao propósito do projeto, que é o de disseminar o conhecimento da Histologia. Apesar disso, as ações presenciais mostraram-se relevantes para um maior engajamento com os alunos, portanto, percebeu-se que existe a necessidade dessa interação entre a comunidade e a universidade. As novas tecnologias têm se mostrado uma boa ferramenta para o compartilhamento do saber e devem ser usadas para integrar e acrescentar conhecimento à sala de aula, logo, o Instagram pode ser um espaço a ser explorado dentro e fora da sala de aula, atuando como um meio de engajar os estudantes em atividades pedagógicas e disseminar o conhecimento para a comunidade.

REFERÊNCIAS

ACKERMANN, Pieter Cornelius. *The suitability of multimedia resource for teaching undergraduate histology in a developing country*. 2005. 296 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Pretória, Pretória, 2005.

ALVES, André Luiz; MOTA, Marlton Fontes; TAVARES, Thiago Passos. O Instagram no processo de engajamento das práticas educacionais: A dinâmica para a socialização do ensino-aprendizagem. *Revista Científica da FASETE*, 2018, p. 25-43.

BRIGIDO, Jéssica de Almeida Vasconcelos; VELOSO, José Miguel Martins. Uso do Instagram como recurso didático e tecnológico no ensino superior. *In: Anais do I Workshop em Criatividade, Inovação e Inteligência Artificial*, 3, 2018, Belém. Belém: Universidade Federal do Pará, 2018. Disponível em: <https://www.aedi.ufpa.br/criar/docs/pdf11.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2020.

GARTNER, Leslie; HIATT, James. *Tratado de Histologia em Cores*. ed. 3. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007, p. 576.

HEIDGER, Paul Jr; DEE, Fred; CONSOER, Daniel; LEAVEN, Timothy; DUNCAN, James;

KREITER, Clarence. Integrated Approach to Teaching and Testing in Histology with Real and Virtual Imaging. *The Anatomical Record*, v. 269, p. 107-112, 2002.

KUMAR, Rakesh; FREEMAN, Brian; VELAN, Gary; DE PERMENTIER, Patrick. *Integrating Histology and Histopathology teaching in Practical Classes Using Virtual Slides*. *The Anatomical Record*, v. 289, p. 128-133, 2006.

LEHMANN, Harold; FREEDMAN, Joan; MASSAD, John; DINTZIS, Renee. An ethnographic, controlled study of the use of a computer-based histology atlas during a laboratory course. *Journal of the American Medical Informatics Association*, v. 6, p. 38–52, 1999.

LICHTENHELD, Amanda Ferreira; DUARTE, Caroline Velten; BORTOLON, Angelo. *O Instagram como estratégia de marketing digital: uma pesquisa ação na Wood Lanches*. 2018. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Universidade Brasileira Multivix, Vitória, 2018.

MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima; SILVA, Vanderlei Pinto da. Extensão Universitária: Uma nova relação com a administração pública. *Revista Extensão Universitária: ação comunitária em universidades brasileiras*. São Paulo: Olho d'Água, 2002, p. 29-44.

MEIRA, Samara Leite Brito. *Redes sociais como ferramenta de ensino dos fenômenos ópticos*. 2016. 136 p. Dissertação (Mestrado Profissional de Ensino de Física) – Instituto de Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

MOTA, Marlton Fontes; MELO, Lilian Jordeline Ferreira de; ANDRADE, Diogo de Calasans Melo. Seria o educador um Digital Influencer para a difusão de saberes na cultura ciber? In: *Anais do II Encontro Regional Norte-Nordeste da ABCiber – Redes Educativas e os Desafios atuais da Cibercultura*, n. 2, 2019, Aracaju. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2019. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/abciber/article/view/12611/5033>. Acesso em: 10 dez. 2020.

PORTO, Cristiane; MOREIRA, João Antônio. A. *Educação no ciberespaço: novas configurações, convergências e conexões*. Aracaju: EDUNIT, 2017.

ROCKCONTENT. Social Media Trends 2019. 2019. Disponível em: https://cdn2.hubspot.net/hubfs/355484/Social%20Media%20Trends%202019.pdf?utm_medium=email&_hsmi=39460531&_hsenc=p2ANqtz--rqKt_QIK29xQrkjLE3oPVBHl4dT2nG3zYwWxJaWrJeM5ism1kTTwCEDRd1Ua9ABzwfZ4CaBaUS9HYfz06xdg1oTFg&utm_content=39460531&utm_source=hs_automation. Acesso em: 18 dez. 2020.

SALBEGO, Cléton; OLIVEIRA, Elaine Maria Dias de; SILVA, Márcia de Almeida Rosso da; BUGANCA, Paula Renata. Percepções Acadêmicas sobre o Ensino e a Aprendizagem em Anatomia Humana. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 39, n. 1, p. 23-31, 2015.

SANTA-ROSA, José Guilherme; STRUCHINER, Miriam. Tecnologia educacional no contexto do ensino de histologia: pesquisa e desenvolvimento de um ambiente virtual de ensino e aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 35, n. 2, 2011.

WE ARE SOCIAL. *Global Digital Report 2019*. Disponível em: <https://wearesocial.com/global-digital-report-2019>. Acesso em: 05 dez. 2019.

Problematizando a organização de ambientes para a infância em tempos de pandemia¹

Ana Rosa Costa Picanço Moreira²

Bruna de Paula Santos Pereira³

Eduarda Paula da Silva⁴

¹Ambientes da infância e a formação docente na creche. Projeto de Extensão.

²Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenadora do projeto. E-mail: anarosamaio6@gmail.com.

³Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista do projeto de extensão. E-mail: 32bpsp@gmail.com.

⁴Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária do projeto de extensão. E-mail: camillamduda@gmail.com.

Problematizando a organização de ambientes para a infância em tempos de pandemia

1 INTRODUÇÃO

A formação a serviço de professores da Educação Infantil, especialmente, daqueles, os quais trabalham com bebês e crianças de até três anos de idade na creche, apresenta-se como uma questão importante para ações docentes, que favoreçam o desenvolvimento infantil. Por conta da amplitude e especificidade dessa faixa etária, as práticas pedagógicas na creche precisam integrar cuidado e educação, considerando diversos aspectos, os quais as influenciam. Dentre eles, destacamos a organização dos espaços/ambientes voltados para as interações e brincadeiras. Nesse sentido, entendemos que a formação docente deve considerar, por um lado, as características e particularidades do bebê e da criança pequena, sem, no entanto, menosprezar as variações culturais, que se encontram presentes no seu desenvolvimento e, por outro, as características históricas e sociais do contexto de trabalho. Compartilhamos as ideias de Pimenta (2005) quando afirma que a formação em contexto/serviço pode se mostrar uma estratégia pedagógica potente, capaz de favorecer a conscientização, a análise e a crítica das próprias práticas do educador, da sua condição de trabalhador, assim como dos limites e das possibilidades do seu trabalho.

A formação a serviço dos professores, sobretudo mediante o processo colaborativo entre universidade e creche, como no caso do projeto “Ambientes da infância e a formação docente na creche”, que é desenvolvido desde 2014, tem se apresentado como um caminho interessante e potente para a qualificação das educadoras das creches conveniadas ao município de Juiz de Fora, na medida em que fomenta a reflexão crítica de questões cotidianas diversas, tendo com pivô a organização espacial dos ambientes e busca de articulação teoria-prática, como elementos inseparáveis do conhecimento.

Partimos do pressuposto de que a relação entre espaço/ambiente e pessoa não ocorre de modo direto, mas, ao contrário, ela é mediada por significados e sentidos construídos histórica e socialmente. Nessa direção, adotamos um olhar histórico-cultural para o espaço, pautado nas ideias de Lev Vigotski (2010), o qual considera o meio (espaço/ambiente) um elemento fortemente relacionado ao desenvolvimento infantil, à medida que a criança e o seu ambiente formam uma unidade indissociável. Sua abordagem destaca a necessidade de concebermos o espaço numa dimensão dialética, na qual espaço e pessoa não se oponham, sendo, porém, entendidos como dois elementos interdependentes, em que um não existe sem o outro. Conforme afirma Prestes (2012), Vigotski denomina *Perejivanie* (vivência) a relação entre a criança e o ambiente. O ambiente é o mundo na relação com a criança, um contexto de interações que vai ganhando novos sentidos conforme as vivências da criança, as quais se constituem nas bases para a compreensão do mundo e de si própria.

No contexto da pandemia da COVID-19, o projeto teve que se ajustar à nova realidade, atendendo às exigências sanitárias de distanciamento físico-social e considerando a suspensão dos contratos das educadoras da creche, que ocorreu no

final do mês de março. Assim, as ações realizadas durante o ano de 2020 apresentaram outros contornos, as quais serão apresentadas e discutidas a seguir.

2 METODOLOGIA

As ações foram desenvolvidas em quatro momentos interdependentes: (1) visita à creche; (2) grupo de estudos; (3) levantamento das brincadeiras no ambiente doméstico e (4) produção e divulgação de um vídeo.

2.1 Visita à creche

No dia 16 de março de 2020, antes da suspensão das atividades presenciais, foi realizada a única visita à Creche Eneida de Carvalho Carapinha pela equipe do projeto para conhecer o espaço/ambiente e também a coordenadora da instituição.

A creche fica situada no bairro Santa Rita e o prédio é uma adaptação do antigo posto de saúde. Vale ressaltar que muitas creches brasileiras funcionam em prédios adaptados. Essa etapa do projeto foi essencial para o desenvolvimento da etapa seguinte, que buscou discutir alguns textos da área da Psicologia Ambiental a partir do espaço/ambiente daquela creche.

2.2 Grupo de estudos semanal

Buscando manter o contato entre os membros da equipe e dar continuidade ao projeto, de alguma forma, iniciamos os estudos sobre a relação entre espaço e criança/bebê, através de encontros virtuais semanais via aplicativo Meet. Esses encontros tinham duração, em média, de uma hora e meia. A coordenadora da creche, apesar de estar com o contrato suspenso, também participou dos estudos a partir de interesse próprio.

O objetivo do grupo de estudo era possibilitar a discussão de alguns textos sobre a relação entre espaço, desenvolvimento e educação infantil (Campos-de-Carvalho e Souza, 2008), privacidade (Cavalcante e Pinheiro, 2018), ambiente físico da creche (Campos-de-Carvalho, 2000), entre outros. Os textos eram discutidos com base nas fotos e nos relatos de situações cotidianas das crianças com os diversos ambientes da instituição levados pela coordenadora. Também, foram discutidas algumas possibilidades de reorganização dos espaços da creche com vistas ao retorno das atividades presenciais.

Ao refletirmos coletivamente sobre o porquê da preocupação com o ambiente físico, destacamos o impacto que os ambientes possuem sobre a identidade pessoal, o desenvolvimento de competências, os movimentos corporais, a estimulação dos sentidos, a sensação de segurança e confiança e o contato social e a privacidade. No que tange ao espaço externo, percebemos que ele oferece inúmeras oportunidades de brincadeiras, experiências sociais e aprendizagens. Devido a isso, entendemos que as áreas externas precisam ser melhor aproveitadas e o contato com os elementos naturais é algo que deve ser mais estimulado no cotidiano das instituições de educação infantil.

2.3 A pesquisa “O brincar em casa em tempos de pandemia”

No mês de agosto, o contrato de trabalho da coordenadora da creche foi retomado, e ela voltou a trabalhar na creche e intensificou o contato com as crianças/bebês e famílias. Nesse momento, iniciamos o levantamento com famílias de crianças/bebês matriculadas em creche e residentes no município de Juiz de Fora, via formulário Google, de como esses sujeitos estavam brincando durante a pandemia. Tivemos 101 respostas válidas, às quais nos permitiram concluir que a maioria dos bebês e crianças brincam com suas mães nas áreas internas ou externas de suas próprias casas e realizam brincadeiras livres utilizando sons e movimentos do próprio corpo ou brinquedos industrializados.

2.4 Produção e divulgação do vídeo “Brincar em casa: Pensando em algumas possibilidades sobre os ambientes”

Após analisarmos as respostas da pesquisa, nutridas pelos encontros semanais e pensando em como poderíamos compartilhar o conhecimento apreendido durante os primeiros meses do projeto com as famílias atendidas pela creche, decidimos fazer um vídeo, pensando no espaço, que os bebês e as crianças têm em casa para brincar, sugerindo possíveis melhorias. Uma das sugestões foi em relação à qualidade do ambiente, o qual deve ser acolhedor e seguro, sendo, ao mesmo tempo, interessante e desafiador. No vídeo, destacamos a importância de o adulto organizar os ambientes, incentivando a autonomia de bebês e crianças; disponibilizando os brinquedos ou objetos em locais, em que eles possam pegá-los e guardá-los sozinhos, sem a ajuda do adulto. Alertamos também que os brinquedos utilizados não precisam ser industrializados, em virtude de as crianças tenderem a gostar de brincar com objetos do cotidiano e transformá-los em brinquedo, quando brincam. Por isso, sugerimos alguns objetos que, geralmente, as famílias já têm em casa, como caixas de papelão, colheres de pau, garrafas pet vazias, ou mesmo montar áreas estruturadas, como cabanas e casinhas, utilizando lençóis e cadeiras, por exemplo. Além disso, a área externa é um lugar que propicia não só atividades mais expansivas, como correr e pular, mas também pode proporcionar às crianças brincadeiras com plantas, terra ou simplesmente contemplar algum inseto.

É importante salientar que o roteiro do vídeo foi elaborado pelas estudantes integrantes da equipe e, posteriormente, foi discutido com a coordenadora do projeto e a coordenadora da creche. O vídeo foi divulgado pela coordenadora da creche para as famílias, por meio do grupo de WhatsApp. Algumas famílias comentaram que as sugestões foram interessantes e que as colocariam em prática.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de extensão “Ambientes da infância e formação docente na creche” possibilitou refletir sobre os espaços/ambientes de aprendizagem e desenvolvimento para além do contexto da creche, contribuindo na potencialização dos ambientes domésticos das crianças/bebês.

Também, ao contemplar momentos e experiências diversas no planejamento e na execução das ações, tais como leitura e discussão, investigação e produção de vídeo, é possível dizer que o projeto contribui significativamente na formação acadêmica das estudantes.

REFERÊNCIAS

CAMPOS-DE-CARVALHO, Mara Ignêz; SOUZA, T. N. Psicologia Ambiental, Psicologia do Desenvolvimento e Educação Infantil: Integração possível? *Paidéia*, v. 18, n. 39, p. 25-40, 2008.

CAMPOS-DE-CARVALHO, Mara Ignêz. O porquê da preocupação com o ambiente físico. *In: ROSSETTI-FERREIRA et al. Os fazeres da educação infantil*. ed 2. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

CAVALCANTE, Sylvia; PINHEIRO, N. P. Privacidade. *In: CAVALCANTE, S e ELALI (org.). Psicologia Ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente*. Petrópolis: Vozes, 2018.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, E. *Professor reflexivo no Brasil – gênese e crítica de um conceito*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PRESTES, Zoia Ribeiro. *Quando não é quase a mesma coisa: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2012.

VIGOTSKI, Lev S. Quarta aula: a questão do meio na pedologia. *Psicologia*. USP, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 681-701, 2010.

Programa Incluir: uma abordagem na formação docente

Larissa Gontijio Simas¹
Mylene Cristina Santiago²

¹Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária da ação de extensão. E-mail: larissagontijio@outlook.com.

²Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente do Departamento de Educação e do Programa de Pós graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenadora da ação de extensão. E-mail: mylenesantiago87@gmail.com.

Programa Incluir: uma abordagem na formação docente

Ninguém educa ninguém, tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens, se educam em comunhão mediatizados pelo mundo.
(FREIRE, 1978)

1 INTRODUÇÃO

Compreender a Extensão Universitária como uma possibilidade de recontextualização de conceitos sociais e comuns e como uma possibilidade de reinvenção de olhares, tornando-os inclusivos e humanizados, é muito necessário para o percurso da formação docente. Dessa forma, as ações extensionistas oferecem um momento propício para essas mudanças, como veremos neste presente relato.

As ações de extensão pautadas no tripé Ensino, Pesquisa e Extensão são um meio bastante favorável e saudável para estar em comunhão, experimentar e vivenciar um círculo de cultura (Freire, 1991), tendo isso em vista e pautada principalmente nas teorias de Paulo Freire, trazemos à vista o conceito de Educação, visto como uma possibilidade de reinvenção de subjetividades.

Essas reflexões surgiram no âmbito de uma presente participação no programa de extensão intitulado *Programa Incluir*, que por sua vez visa desenvolver ações – entre outras, para garantir a qualidade na formação docente de alunos de licenciatura, através de grupos de estudos, que visam desenvolver ações voltadas à inclusão e ao respeito das diferenças.

O presente texto visa elucidar a maneira bastante interessante, a qual a comunhão universitária, por meio da extensão, tem de transformar os conceitos, teorias e práxis de professores em formação.

Tendo isso em perspectiva, um discente que encontra em seio universitário a possibilidade de contato com o mundo e o outro – a comunidade -, conhecendo sua realidade, tende a ser afetado por ela, recontextualizando suas teorias e assim podendo expandir seus olhares rumo a uma sociedade de fato inclusiva e humanizada. Segundo Lopes e Costa (2016):

Neste processo, cabe à extensão estreitar a relação dos estudantes com as comunidades, levando à constituição de novos conhecimentos, e entre eles saberes culturais que surgem por meio de uma relação dialógica pautada na interação, na problematização, no levantamento de dados e na reflexão acerca das demandas sociais. (Lopes; Costa, 2016, p. 5)

Nessa dinâmica e pautado nessas concepções, um aluno integrante de um Projeto de Extensão, que luta para efetividade da inclusão e do respeito às diversidades - como é o caso do referido Programa – possivelmente será um ator na luta para a melhoria da garantia da permanência de pessoas e frações de classe subalternizadas, nos espaços educacionais e não-educacionais. Diante disso, trazemos para compor esse pensamento Jesus (2005):

É preciso afirmar que existem resistências à Inclusão, tanto no âmbito escolar, profissional, familiar, como em outros setores, as principais resistências têm como origem o preconceito, a falta de informação e intolerância a modelos mais flexíveis. O medo do novo, do desconhecido nos educadores tem origem na formação acadêmica a qual não os habilitou para o trabalho com a diversidade, nem tão pouco o engenheiro que projeta um prédio sem rampas, e demais profissões que não previram uma sociedade para todos. (Jesus, 2005, p. 5-6)

2 METODOLOGIA

As reuniões de estudo e aproximação do Programa Incluir são realizadas uma vez por semana através da Plataforma Google Meet, essas ações de Ensino e Pesquisa pautadas no Tripé – reafirmamos –, são o suporte de análise para narrativa do presente relato. O Programa é realizado desde o início de Março de 2020 e se baseia em encontros no modelo Roda de Conversa¹, em que é proposta uma temática e/ou referência de estudo, para conversa entre os sujeitos do Projeto. Nessa perspectiva, Paulo Freire (1991), relativo ao Círculo de Cultura², coloca esse momento como uma valorização da oralidade, da liberdade e de uma posição mais humanística na relação Educador – Educando. Sendo assim, essa liberdade para agir e pensar fez com que nossos integrantes fossem valorizados em suas perspectivas sociais e culturais, levando os bolsistas e voluntários a trabalharem em conjunto, criando e vivenciando essa liberdade democrática.

Dessa maneira, o Programa que veio a ser chamado “ACINC” – como veremos adiante – teve suas ações desenvolvidas junto ao Projeto “Acessibilidade Curricular”, que são coordenados pela Professora Mylene Santiago, do Departamento de Educação da UFJF. Essa junção fez com que nossos horizontes se expandissem, e com essa expansão tivemos como eixos norteadores dessa ação conjunta, o Index para Inclusão e o DUA – Desenho Universal para Aprendizagem. Essas abordagens nos possibilitaram a pesquisa e elaboração de vários materiais, dentre eles: Criação de um jogo, Pesquisa com a Comunidade “LGBTQIA+” e entrevista com professor especializado na temática, criação de nosso Instagram e do Canal no Youtube do Acinc, diversos planos de aula, e posteriormente acompanhado o cenário atual, vieram também as lives.

Sendo esses alguns dos métodos de desenvolvimento dessa ação, ressaltamos que tudo isso foi gerado em comunhão pelo grupo de integrantes, possibilitando perceber o tamanho do impacto na formação docente, considerando que a inclusão é um processo. Segundo Santos e Santiago (2013)

Ao operarmos com o conceito de inclusão como um processo, um aporte teórico e prático a partir do qual uma série de relações precisam ser recontextualizadas, para que todos tenham seus direitos garantidos, admitimos que a inclusão é uma proposta que necessita colocar em prática valores inclusivos, que explicitem o

¹ Prática que visa aproximar sujeitos no cotidiano pedagógico, a partir de uma temática, ou não.

² Método criado por Paulo Freire pautado na concepção de construção do conhecimento por meio do diálogo. (...) Espaços onde se ensina e se aprende (...) espaços de prática pedagógica democrática.

desejo de superar a exclusão e promover a participação (Booth, 2011; Santos, Santiago, 2013, p. 4)

Com o advento da pandemia causado pelo vírus Sars-CoV-2, algumas mudanças precisaram ocorrer, e a primeira delas foi as reuniões, as quais passaram ao formato Digital. Os dois projetos – já mencionados –, tiveram suas ações ainda mais ligadas, dando origem ao nome ACINC sendo “AC” fazendo referência ao Projeto Acessibilidade Curricular e o “INC” ao Programa Incluir, dessa maneira, os integrantes de cada Projeto passaram a fazer parte um do outro também, nos estudos. O Programa Incluir, antes da pandemia almejava fazer encontros e rodas de conversa com atores de escolas da Educação Básica e comunidades em geral, com o propósito de discutir os processos de inclusão/exclusão, interculturalidade e direitos humanos voltados para as relações de gênero e sexualidades, geração, religiosidade, espiritualidade, raça, etnia, condição socioeconômica, pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação, refugiados, entre outras.

Visto isso, nossa meta era fazer isso de forma presencial, mas com o distanciamento social nos reinventamos, então, no primeiro semestre de 2020 nos organizamos internamente, nos estudos, nas preparações e nas produções de materiais que dariam origem a partir de Agosto em nossas rodas de conversa em modelo de lives, as quais foram feitas em nosso Canal no Youtube, sendo assim não tivemos muitos obstáculos, mas tivemos que nos adaptar. Dessa forma, tivemos um grande avanço, muitas pessoas passaram por nossas lives, totalizando mais de 1000 acessos em nove lives oferecidas, que levaram o tema de “Dialogando sobre Inclusão”, o qual abordava diversas temáticas em torno disso. Outro ponto importante foi a criação da página no Instagram, possibilitando um contato mais próximo com a comunidade, sendo ela acadêmica ou não. Nessa página fazemos posts formativos, divulgamos nossas lives e atendemos o público caso haja alguma dúvida, necessidade ou sugestão.

Atualmente, o ACINC vem buscando articular maneiras de seguir os planos e metas, pois quando em comunhão somos muitos mais fortes e confiantes de que dias melhores virão, esperando que colheremos resultados positivos de nossas ações e extensões no mundo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender a Extensão Universitária como um fator positivo na formação de professores, indubitavelmente é possível e se faz necessário, já que a mesma, quando feita em um contexto de comunhão e participação plena de seus integrantes, abre passagem à possibilidade para uma reeducação – mudanças de subjetividades – que colaborarão para uma prática docente mais humanizada e inclusiva. As ações que os Projetos de Extensão nos possibilitam, nos colocando de frente para sociedade que por sua vez é intrinsecamente ligada às diferenças e a diversidade, tem o poder de transformar mentes e formar indivíduos para inclusão.

Nessa perspectiva, são muitos os aprendizados adquiridos, tendo a certeza que virão muitos desafios. Mediante, a esse processo, em que a acessibilidade e a inclusão

colocam-se, colocamo-nos como atores na luta contra as barreiras atitudinais³, que perpassam a sociedade hodierna e historicamente.

REFERÊNCIAS

FREIRE, PAULO. *Educação como prática de liberdade*. ed 20. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

FREIRE, PAULO. *Pedagogia do Oprimido*. ed 5. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

JESUS, Sônia Cupertino de. *Inclusão escolar e a educação especial*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – CES/JF, Juiz de Fora, 2005.

LOPES, Edvania Portilho; COSTA, Wanderleya Nara Gonçalves. Contribuições da Extensão Universitária à formação docente. In: *Encontro Nacional de Educação Matemática*. São Paulo. 13-16 de Julho, 2016.

SANTOS, Mônica Pereira dos; SANTIAGO, Mylene Cristina. Ciclo de formação de professores sobre inclusão em educação: em direção a uma perspectiva omnilética In: *Anais da 36ª ANPED*, Goiânia, 2013.

³ Barreiras atitudinais são atitudes e/ou comportamentos preconceituosos e de discriminação, perpetuados ao longo da história e que se colocam como uma barreira ao acesso e ao convívio com as diferenças.

Projeto Avance: interligação entre demanda social e universidade

Roberta Cavalcanti Pereira Nunes¹

Mariana Aid Ramos Costa²

Larissa Silveira Berberick³

Isabella Ferreira dos Reis⁴

¹Faculdade de Engenharia de Produção da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).
Coordenadora da ação de extensão. E-mail: roberta.nunes@engenharia.ufjf.br.

²Graduanda de Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).
Bolsista da ação de extensão. E-mail: mariana.aid@engenharia.ufjf.br.

³Graduanda de Engenharia de Produção da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).
Voluntária da ação de extensão. E-mail: larissa.berberick@engenharia.ufjf.br.

⁴Graduanda de Engenharia de Produção da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).
Voluntária da ação de extensão. E-mail: isabella.ferreira@engenharia.ufjf.br.

Projeto Avance: interligação entre demanda social e Universidade

1 INTRODUÇÃO

Mediante a esse cenário de pandemia pelo COVID-19, enfrenta-se uma série de desafios, dado o combate à doença e adaptação às precauções recomendadas. Nesse contexto, torna-se necessário debates acerca de metodologias a serem aplicadas, a fim de conciliar as medidas de proteção e iniciativas de extensão.

Um dos grandes desafios fortemente relacionados ao âmbito extensionista é o reconhecimento da comunidade, que se estabelece ao redor das Universidades, sobretudo da parcela mais carente da sociedade, a fim de identificar as suas necessidades, as quais possivelmente poderiam ser contempladas por projetos e programas de extensão.

Segundo Barbosa (2020), a extensão tem tido um papel importante na relação entre Universidade e Sociedade durante o período de crise sanitária, por meio de iniciativas assertivas baseadas no alinhamento entre demanda da sociedade e a produção científica, tecnológica e cultural incitada pelos centros universitários.

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre a Universidade e outros setores da sociedade. (FORPROEX, 2015, p. 28)

Frente a caracterização da extensão universitária, Barbosa (2020) discute os desafios entre a visão acadêmica e integração com as comunidades. Tais desafios intrínsecos à interação entre as partes vem ganhando foco sob o aspecto remoto, tendo em vista a Portaria nº 544 publicada pelo MEC em 2020.

Art. 1º Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em cursos regularmente autorizados, por atividades letivas, que utilizem recursos educacionais digitais, tecnologias de informação e comunicação ou outros meios convencionais, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017. (MEC, 2021)

Assim, nessa conjuntura, o Boletim IG/DPCT COVID-19 (2021) pontua que diversas universidades tiveram a necessidade de fechar ou reduzir o fluxo de utilização das instalações físicas, como hospitais e laboratórios. Além de traçar estratégias para realização de atividades didáticas e de pesquisa frente à crise de forma remota.

Algumas estratégias criativas e inovadoras para aproximar Universidade e sociedade, no que tange a difusão de conhecimentos, foram realizadas por meio de ferramentas de comunicação virtual e, também, pela difusão nas mídias sociais.

O Boletim IG/DPCT COVID-19 (2021) cita algumas dessas ações inovadoras, realizadas por projetos de extensão pautadas, principalmente, em tornar a

comunicação mais fluida e clara. Como, por exemplo, o projeto de extensão Compartilhando Leituras, realizado na UFRJ, pelo qual se promoveu um concurso literário voltado para o isolamento com seleção dos cinco melhores, além de dois projetos da Universidade Federal do ABC (UFABC), que buscaram traduzir em histórias em quadrinhos (HQs), divulgadas em mídias como Blog, Facebook e Instagram, informações com base científica sobre o vírus.

Além das ações citadas e de encontro realizados pelas redes sociais, o Boletim IG/DPCT COVID-19 (2021) apresenta o projeto Engenheiros na Infância, o qual utiliza o Instagram para ensinar às crianças brincadeiras, atividades, além de construção de brinquedos.

Dado tais iniciativas, pode-se observar que houve, também por parte da UFJF (2021d), iniciativas desenvolvidas no *campus* de Juiz de Fora, como o projeto do Departamento de Química da UFJF Produção de Sabonete Líquido e Sabão em Barra, voltado para comunidades carentes de Juiz de Fora. Essa ação foi um exemplo de aproximação dos projetos de extensão da realidade social, reconhecendo as dificuldades das comunidades envolvidas. O projeto em questão torna-se ainda mais relevante e crucial durante o período pandêmico, em que estamos inseridos.

Em relação ao desafio de integração tem-se, também, oportunidades de melhoria frente à interligação dos projetos de extensão provenientes de diferentes universidades, sendo importante a ampliação do número de pessoas impactadas positivamente.

Frente a isso, a UFJF (2021c) cita o projeto de extensão *Calma Nessa Hora*, o qual envolve docentes e discentes da UFJF e de outras universidades brasileiras e do mundo, objetivando o amparo psicológico daqueles que se sentem afetados durante o confinamento. São realizados atendimentos via chat através da plataforma criada, de mesmo nome do projeto, em diversos idiomas. A expectativa é atender mais de 60 mil pessoas.

Outro ponto a se elencar em face à crise sanitária é a dificuldade existente na comunicação, ou seja, na troca de informações entre os projetos de extensão e a comunidade. Esse distanciamento entre o ambiente acadêmico e a sociedade é devido, sobretudo, pelos canais utilizados pelas Universidades para a divulgação de resultados de estudos e informações e pela formatação majoritariamente acadêmica, das publicações.

Um projeto de extensão da UFJF, que busca facilitar a divulgação de informações para a sociedade em geral, segundo UFJF (2021b), é o Papo Reto: educação, comunicação e informação em saúde, idealizado em conjunto pelo departamento de Enfermagem, Fisioterapia e Psicologia. O projeto tem como objetivo divulgar conhecimento, mediante a criação de conteúdos cientificamente embasados, nas redes sociais. Durante a pandemia, foram desenvolvidos conteúdos variados, como vídeos, fotos e até mesmo podcasts, que divulgavam informações sobre prevenção da COVID-19, desmistificando ideias equivocadas.

Em concordância com a busca de uma comunicação mais fluida com a comunidade, o Projeto Avance também realizou modificações, no que concerne à disseminação de conhecimento via virtual. Para tanto, foi disponibilizado, via Blog, o artigo publicado com indicação de ferramentas a serem aplicadas no primeiro e terceiro setor, além de posts regulares no Instagram, com a intenção de sistematizar

as áreas atuantes do projeto (Engenharia de qualidade, Gestão de Projetos, Plano de Marketing e Planejamento Estratégico).

A busca pelo contato direto por mídias sociais com instituições foi incentivada, também, pelo informativo da Agência do Bem (2021), intitulado Impacto do Coronavírus no Terceiro Setor. Esse informativo demonstrou que das 231 organizações não-governamentais consultadas somente 1% delas conseguiu continuar a executar normalmente as suas atividades após o início da pandemia, enquanto 72% paralisaram completamente as suas atividades.

Por esse quadro, observa-se que o relato de experiência teve como objetivo apresentar metodologias e adaptações relacionadas aos projetos e atividades desenvolvidas pelo projeto Avance frente à sociedade.

2 METODOLOGIA

A forma de estruturação do Relato de Experiência deu-se por meio da análise dos procedimentos adotados pelo projeto de extensão Avance durante o período de 2019 a 2020, com adequação das atividades de forma remota no último ano.

Para construção dos dados descritos foi realizado um levantamento das percepções dos alunos envolvidos e professores participantes do curso de Engenharia de Produção a partir da análise da execução de duas atividades principais: projeto de consultoria realizado pelos alunos em um centro cultural e orientação dos alunos aos calouros participantes do Trote Solidário em cinco instituições sem fins lucrativos distintas.

A fim de embasar a análise das metodologias e dificuldades encontradas, durante o período, foi utilizado o procedimento de pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2020), baseia-se em materiais elaborados como livros e artigos científicos.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

Uma das dificuldades enfrentadas pelo Avance, ao longo da realização dos seus projetos, foi a falta de afinidade dos responsáveis pelo funcionamento das instituições abordadas, com termos e ferramentas da área da gestão, o que poderia dificultar a compreensão de certas etapas dos projetos executados.

A falta de afinidade dos responsáveis pelo funcionamento das instituições abordadas pelo projeto Avance, com termos e ferramentas da área da gestão, foi superada por intermédio da criação de relatórios para cada entrega, com a utilização de uma linguagem mais adequada e com alto detalhamento. Além disso, as informações contidas nesses relatórios foram novamente abordadas em reuniões, remotas, marcadas com esses responsáveis.

A partir da suspensão das atividades presenciais, pela Resolução nº 33.2020 de 14 de agosto de 2020, disponível no site institucional da UFJF (2021a), o Avance adaptou suas atividades de forma a serem realizadas, exclusivamente à distância.

Devido a essa adaptação, surgiram novos formatos para acolhimento e abordagem inicial às instituições, para a execução dos projetos de consultoria, assim como a seleção de novos bolsistas. Inicialmente, foi necessário adequar o cronograma para execução dos projetos com um tempo maior, devido à necessidade da realização de um número maior de reuniões por meio de videoconferência. Essas reuniões têm

como objetivo a coleta minuciosa de informações, uma vez que as visitas técnicas foram suspensas.

Como projeto de capacitação dos bolsistas, houve a estruturação interna do projeto Avance e, assim, equipes foram destinadas para a realização de projetos internos, como a gestão de processos internos, planejamento estratégico com direcionamento de objetivos estratégicos e indicadores bem definidos e o desenvolvimento de artigos acadêmicos.

Para facilitar a abordagem de possíveis instituições, foi desenvolvido também um projeto interno de marketing voltado para o desenvolvimento de postagens nas redes sociais e pela criação de um site. Na Figura 1 a seguir identifica-se o Instagram desenvolvido pela equipe Avance.

Figura 1 - Instagram desenvolvido pela equipe avance

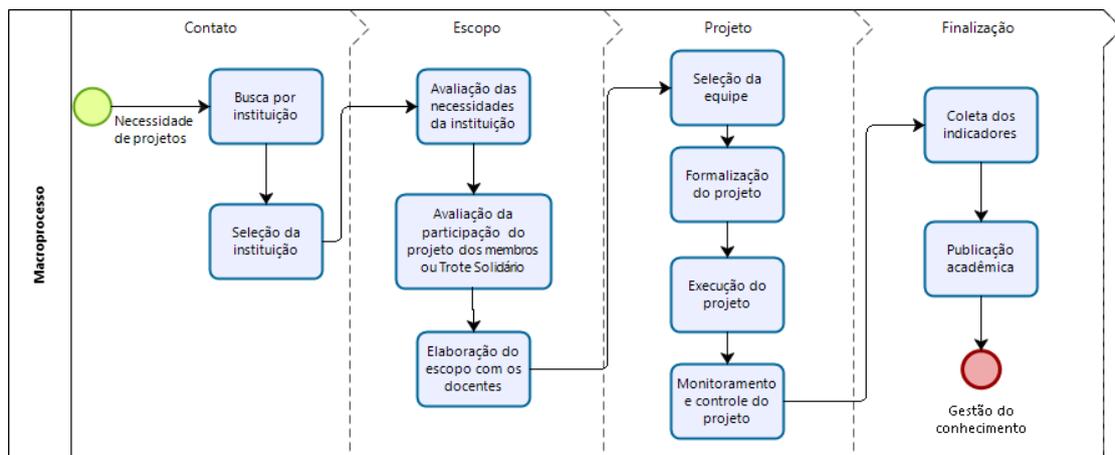


Fonte: equipe Avance.

O projeto Avance foi criado por meio da missão de compartilhar e aperfeiçoar os conhecimentos de engenharia de produção, realizando projetos voluntários capazes de gerar valor humanitário e fomentar a pesquisa científica.

O macro processo padrão, utilizado pelo projeto, tem como objetivo aplicar os conhecimentos adquiridos no curso de Engenharia de Produção, buscando otimizar os processos e estratégias de instituições públicas, sem fins lucrativos. Na Figura 2, a seguir, descreve-se a sequência das etapas envolvidas no projeto.

Figura 2 - Macroprocesso do funcionamento do projeto de extensão Avance



Fonte: equipe Avance.

De acordo com a metodologia descrita para o projeto foram realizadas adaptações para a forma remota e para comunicação ativa com a sociedade. Mediante ao macro processo, nota-se que o início das atividades corrobora com a justificativa do projeto, uma vez que tem como entrada as necessidades do público-alvo, instituições públicas e sem fins lucrativos.

Para iniciar as atividades do processo, iniciou-se o contato com a instituição por meio da:

I) Busca por instituição: A etapa envolve a prospecção ativa por meio do contato dos discentes e passiva com recebimento de demandas. Em função da pandemia, foram utilizados recursos como mídias sociais e e-mail.

II) Seleção da instituição: Envolve a avaliação das necessidades e dos critérios de realização do projeto. Para realizar a seleção da instituição, de forma remota, o contato foi feito pelo Google Meets.

Após o contato inicial com as organizações, foi realizado a análise das necessidades da organização e o perfil da instituição:

III) Avaliação das necessidades da instituição: Realizada por meio do portfólio do projeto, com perguntas pré-estabelecidas. Mediante a análise da necessidade da organização, foi realizada uma nova filtragem para avaliar a possibilidade do projeto ser desenvolvido por meio do Trote Solidário ou pela equipe Avance.

IV) Avaliação da participação do projeto dos membros ou Trote Solidário: Ocorreu por meio da avaliação da necessidade, verificando o grau de complexidade do projeto.

V) Elaboração do escopo com os docentes: A elaboração ocorre juntamente com os docentes por meio da caracterização da complexidade e demanda identificada. Para adaptar-se a pandemia foi adaptado ferramentas, com suporte teórico dos membros para com a instituições, permitindo que as atividades sejam feitas remotamente.

Após avaliar o projeto que se encaixaria junto ao nosso, as ações posteriores envolveram:

V) Seleção da equipe: A seleção da equipe Avance para auxiliar nos projetos ocorreu por meio de editais frente a necessidade das ações previstas.

VI) Formalização do projeto: A formalização do projeto envolveu o aceite da organização em participar do projeto.

VII) Execução do projeto: A execução do projeto ocorre por meio do cronograma pré-estabelecido no escopo, apoiados pela gestão de projetos.

VIII) Monitoramento e controle do projeto: Para monitoramento do projeto, foi utilizado o Trello e Google Drive, com o intuito de acompanhamento geral do projeto com a possibilidade de visualização do andamento por todos os membros.

IX) Coleta dos indicadores: A coleta dos indicadores foi feita por meio de formulários *online* para preenchimento da instituição, com perguntas pré-estabelecidas.

X) Publicação acadêmica: A publicação acadêmica não foi realizada durante o período de pandemia. Entretanto, um artigo foi publicado no ano de 2019 durante o XV Encontro Mineiro de Engenharia de Produção, denominado Melhorias no processo de atendimento com equipe multidisciplinar no setor de saúde.

A metodologia do projeto buscou criar uma sólida gestão de conhecimento por meio de ajustes com intuito de desenvolver publicações sobre ferramentas para a sociedade em geral por meios sociais. Além de divulgar artigos e resultados obtidos no projeto, para que possam auxiliar na estruturação das organizações. Outro aspecto ajustado ao longo do tempo foi o período de treinamento dos discentes participantes com disponibilização de materiais voltados ao tema do projeto com encontros para discutir artigos e livros relacionados. Além disso, foram realizadas discussões de artigos e realização de cursos de escrita científica.

Apesar das melhorias na execução do projeto, podem-se observar dificuldades referentes à compatibilidade de horários para realizar reuniões complementares, com a finalidade de sanar dúvidas pontuais. Entretanto, tais dificuldades são passíveis de acontecer em projetos realizados em situações normais, mas foi agravado pela impossibilidade do contato físico, que gera mais confiança e conforto a todos os envolvidos.

Para solucionar ou amenizar os desafios encontrados foi utilizado o Whatsapp e E-mail do responsável pela instituição para envio de dúvidas, para que se otimizasse o tempo de resposta. Além disso, foi identificado os personagens centrais de posse das informações.

Mediante a tal relato, os principais aprendizados obtidos foram com relação à comunicação, desenvolvimento em termos de capacidade de resolução de problemas e flexibilização de horários. Além disso, a equipe Avance desenvolveu a empatia e entendimento sobre aspectos da instituição como parte essencial para o engajamento e fluidez do projeto de forma remota.

O projeto surgiu pelo relato de Professores do curso de Engenharia de Produção da UFJF, os quais ratificaram o crescimento, nos últimos anos, da demanda social por projetos inseridos na área de atuação da engenharia de produção. Esse crescimento acentuou-se ao longo do primeiro semestre de 2020 devido ao impacto causado pela pandemia, que afetou fortemente as instituições públicas e sem fins lucrativos.

Até o momento, o projeto Avance obteve uma boa resposta, por parte das instituições do primeiro e do terceiro setor da sociedade, quanto ao interesse de se realizar um projeto de consultoria, impactando cerca de 1.010 pessoas até o momento. O número de pessoas impactadas reflete o comprometimento entre o grupo de colaboradores e o de atendidos pela instituição. Todos puderam usufruir, direta ou indiretamente, dos planos realizados pelo Avance.

Assim, por meio dos dois projetos concluídos: um realizado em uma clínica de saúde sem fins lucrativos, voltada para atendimento a preços populares, que envolve cerca 975 pessoas e o outro em uma escola de música sem fins lucrativos, a qual oferece cursos para fomentar a cultura de instrumentalização a preços acessíveis. Essa ação abrange em torno de 35 pessoas. Percebe-se a interligação proporcionada entre extensão e sociedade em várias escalas institucionais, de colaboradores a atendidos com a realização dessas atividades.

Por conseguinte, fez-se possível a finalização de dois projetos de consultoria, sendo o primeiro referente ao mapeamento de processos de uma clínica de saúde sem fins lucrativos com otimização do tempo de atendimento e o segundo referente ao planejamento estratégico de uma escola de música, que definiu estratégias e planos de ação frente às expectativas da instituição, também sem fins lucrativos. Além desse há também um terceiro projeto de consultoria em desenvolvimento na área de engenharia de qualidade.

Concomitantemente aos projetos de consultoria, foram realizadas orientações junto aos calouros do curso de Engenharia de Produção, em cerca de seis instituições sem fins lucrativos aplicando, junto a esses alunos do primeiro período, conceitos de qualidade, de projetos e estratégicos, resultando em processos sistematizados, agilidade em termos de layout e direcionamento de planos de ações. Dessa forma, direcionando desde o início do curso a interligação e entendimento das demandas sociais.

Portanto, as ações desenvolvidas no Trote Solidário, ao longo do período, pelo grupo de, aproximadamente, 20 discentes participantes do projeto, tiveram impacto em torno de 60 alunos do primeiro período e mais de 1.500 colaboradores e atendidos de instituições voltadas para o enfrentamento da pobreza, atendimento policlínico, preservação ambiental, apoio a pessoas surdocegas e com múltiplas deficiências. Além disso, houve o desenvolvimento de programas de ajuda solidária mediante a formação integral.

A Figura 3 a seguir demonstra a adaptação da equipe frente ao desenvolvimento das ações por meio remoto em uma das instituições participantes do Trote Solidário.

Figura 3 - Reunião para desenvolvimento do projeto do Trote Solidário pelo Google Meets



Fonte: Equipe Avance.

Logo, até o momento, o projeto Avance foi responsável por um impacto positivo não somente para as instituições abordadas, mas como também para as pessoas atendidas por elas, além do fomento à publicação acadêmica.

Ademais, foi observado, de uma maneira inicial, a necessidade de melhoria para um melhor alcance da difusão do conhecimento acadêmico. Para tanto, iniciou-se a divulgação de ferramentas, áreas e artigos em mídias sociais para um maior alcance na sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de extensão Avance busca interligar o aprendizado de discentes e docentes com as demandas sociais. Desta forma, por meio do relato de experiência e levantamento de aspectos envolvidos nas ações realizadas, visualiza-se um crescimento individual e conjuntural expressivo, inserindo participantes do projeto e alunos iniciantes no curso a realidade diferentes.

Por meio das atividades executadas, de consultoria e do Trote Solidário, teve-se como resultados melhorias significativas relacionadas às áreas de atuação de planejamento estratégico, qualidade e projetos.

Durante o período de execução do projeto de extensão ajustes e aprendizados foram sendo adquiridos por parte dos discentes e docentes participantes, tais como a necessidade de comunicação fluída e manutenção de uma gestão de conhecimento, para que se concretizasse o aprendizado.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DO BEM. *Resultado da pesquisa sobre o impacto do coronavírus no terceiro setor*. Disponível em: <http://www.agenciadobem.org.br/resultado-da-pesquisa-impacto-do-coronavirus-no-terceiro-setor/#:~:text=Isso%20precisa%20ser%20visto.%E2%80%9D%20%E2%80%93,%2C%20enquanto%2072%25%20paralisaram%20c> ompletamente. Acesso em: 20 jan. 2021

BARBOSA, D.S. Saberes e práticas da extensão universitária na resposta ao enfrentamento da COVID-19 no Brasil. *Revista Práticas em Extensão São Luís*, v. 04, n. 01, p. 50-51, 2020.

BOLETIM IG/DPCT COVID-19. *Universidades brasileiras e COVID-19: fortalecendo os laços com a sociedade*. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/coronavirus/universidades-brasileiras-e-covid-19-fortalecendo-os-lacos-com-sociedade>. Acesso em: 20 jan. 2021.

FORPROEX – Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. *Política nacional de extensão universitária*. Manaus, 2012. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/documentos/politica-nacional-de-extensao-universitaria-pneu/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MEC, Ministério da Educação. *Portaria nº 544, de 16 de Junho de 2020*. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>. Acesso em: 20 jan. 2021.

UFJF, Universidade Federal de Juiz de Fora. *Resolução nº 33.2020, de 14 de agosto de 2020*. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/graduacaoestagiogv/2020/09/11/resolucao-no-33-2020/>. Acesso em: 21 jan. 2021a.

UFJF. *Papo Reto divulga conteúdos sobre saúde nas redes sociais*. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2020/05/14/papo-reto-divulga-conteudos-sobre-saude-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 21 jan. 2021b.

UFJF. *Plataforma online ampara a saúde mental do cidadão na quarentena*. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2020/05/05/plataforma-calma-nessa-hora-ampara-a-saude-mental-do-cidadao-na-quarentena/>. Acesso em: 21 jan. 2021c.

UFJF. *UFJF recebe óleo vegetal usado para fabricação de sabão*. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2021/01/05/ufjf-recebe-oleo-vegetal-usado-para-fabricacao-de-sabao/>. Acesso em: 21 jan. 2021d.

USP – Universidade de São Paulo. *Curso de Escrita Científica – Produção de Artigos de alto impacto*. Disponível em: <http://eaulas.usp.br/portal/search.action>. Acesso em: 21 jan. 2021.

Química, fotografia e arte para todos – divulgação de conhecimento durante a pandemia¹

Bárbara Lúcia de Almeida²
Arthur Girardi Carpanezi³
Flávia Santos Freitas Rosa⁴

¹Química, fotografia e arte para todos: divulgação de conhecimento. Projeto de Extensão.

²Professora Adjunta do Departamento de Química da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: barbara.almeida@ufjf.edu.br.

³Técnico em Química do Departamento de Bioquímica da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: arthurcarpanezi@gmail.com.

⁴Aluna de graduação do curso de Artes do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: flaviasf2010@hotmail.com.

Química, fotografia e arte para todos – divulgação de conhecimento durante a pandemia

1 INTRODUÇÃO

A associação de química e arte, muitas vezes, remete a processos complexos, de difícil compreensão, como por exemplo, a identificação de falsificações ou o restauro de pinturas e afrescos. Entretanto, o campo das artes visuais apresenta inúmeras possibilidades de atividades com o potencial para atrair a atenção em geral e favorecer o ensino de química. Dentre os diversos eixos em potencial, pode-se destacar a fotografia (Kemsley, 2003; Sattar, 2017).

Além de a fotografia, por si só, já ser um atrativo, com o desenvolvimento da fotografia digital ocorreu benefício e facilitação do estudo e produção dos processos fotográficos históricos e alternativos, que são processos químicos de impressão artesanal, desenvolvidos em sua maioria no século XIX. Dentre esses, a cianotipia é um dos mais antigos, datada de 1842.

A técnica da cianotipia consiste em revestir o papel com uma mistura de ferricianeto de potássio e citrato férrico amoniacal. Esse revestimento fotossensível, ao ser exposto a uma fonte de radiação ultravioleta promove a precipitação do pigmento Azul da Prússia. Destarte, essa técnica pode ser empregada como um excelente método para o ensino de diversos conceitos em química como: termodinâmica, fotoquímica, química de coordenação, equilíbrio, história da química e sua influência nas artes. (Fiorito; Polo, 2015; Ware, 2008).

O projeto Química, Fotografia e Arte, desenvolvido no Departamento de Química da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), tem como objetivo a divulgação do conhecimento sobre os processos fotográficos do ponto de vista da química, para disciplinas desde a física até a arte, usando como ferramenta, a fotografia e suas diversas ramificações. Por intermédio de tais processos, professores têm a possibilidade de ensinar de maneira dinâmica e didática, para que artistas consigam expandir seus conhecimentos para além do conceito, colocando em prática as novas técnicas e conhecimentos adquiridos.

No que diz respeito a arte, os processos alternativos da fotografia, como cianotipia, possibilitam que o artista possa experimentar e ir além de técnicas mais difundidas, como seria o caso da pintura ou escultura. Com acesso ao conhecimento é possível que o indivíduo experimente novos recursos, construindo, assim, conhecimentos interdisciplinares.

A fotografia possui diversos papéis, seja documental, como nos jornais ou em registro pessoal, como na arte. Originalmente, a fotografia é resultado de uma motivação de que a natureza fosse representada por ela mesma, sem a interferência do homem, mas ao longo de sua história, vemos cada vez mais isso mudando, principalmente nos dias de hoje. Desde a perspectiva pura do renascimento, até as fotos no Instagram, a técnica mudou muito.

É nesse contexto de transformação e ressignificação, tão crucial na atualidade, que diversos artistas utilizam a fotografia, assim como os processos alternativos, não só para fazer imagens, mas para criá-las, atuando em todas as fases de seu processo de

produção. Logo, o projeto busca aprofundar esses conhecimentos e levá-lo de forma acessível, para diferentes públicos, por meio da divulgação científica.

2 METODOLOGIA

É importante ressaltar que a proposta inicial do projeto era atender demandas apresentadas à equipe de forma presencial, por meio de minicursos, oficinas, palestras e atividades experimentais. Com a necessidade do isolamento social desde março de 2020, causada pela pandemia do COVID-19, as ações do projeto sofreram modificações. Com a readequação das atividades, o foco foi realizar divulgação científica *online* e preparar a equipe para o novo cenário de desenvolvimento do projeto. Como divulgar informações sobre os processos fotográficos e simultaneamente cumprir com as ações propostas? Para isso foram necessárias adaptações, e o novo percurso metodológico foi dividido nas seguintes etapas:

1ª etapa: preparo de equipe – Realização do curso *online* de 30 horas, oferecido na modalidade EaD pela FIOCRUZ Introdução à Divulgação Científica.

2ª etapa: escolha da plataforma de divulgação – Os meios digitais que podem ser usados, requerem conhecimento dos recursos necessários para operar a plataforma, além da linguagem escrita, oral e visual adequada àquele ambiente específico. Optou-se pela rede social Instagram, devido à familiaridade dos membros com a rede social, à possibilidade do alcance e de acompanhamento dos resultados.

3ª etapa: definição de temas a serem estudados e divulgados e formação do grupo de estudos para a produção de material a ser postado.

4ª etapa: criação dos canais digitais, do calendário de atividades de postagens e divisão de trabalho da equipe.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

O projeto teve sua primeira atividade de 2020 realizada em fevereiro, antes mesmo do início da vigência do projeto pela PROEX, atendendo à solicitação da realização de uma oficina no Museu de Artes Murilo Mendes.

Após a implementação, o projeto já havia recebido vários convites e um início de agenda já estava consolidado. Estavam programadas três oficinas, sendo uma no Museu de Artes Murilo Mendes e duas oficinas, bem como um capítulo de livro da publicação do evento, como atividades integrantes da 8ª Jornada de Divulgação Científica. Diante da pandemia, todas as oficinas foram canceladas. Entretanto, a publicação do livro sobre as ações do projeto foi mantida. Do ponto de vista cronológico, essa contextualização é importante para compreensão dos passos que direcionaram as ações do projeto.

Com as atividades presenciais suspensas e o convite para a publicação sobre o tema da oficina, a equipe do projeto iniciou o trabalho, formando um grupo de estudos sobre o processo fotográfico cianotipia, realizando uma revisão bibliográfica e produzindo o texto para o capítulo do livro a ser publicado. Dessa forma, iniciou-se o preparo da equipe do ponto de vista dos conhecimentos sobre os processos fotográficos, que são parte fundamental da temática deste projeto de extensão.

Concomitante à produção do capítulo, houve a realização do curso a distância sobre divulgação científica, pelos membros da equipe. Para trabalhar com divulgação científica é necessário conhecimento técnico acerca de uma temática, além de conhecer o público e as necessidades desse público que se pretende atingir. (Porto e Moraes, 2009, p. 99)

Portanto, é preciso esclarecer que a cultura científica visa contribuir de forma dual. Primeiro, para um melhor conhecimento não só dos conteúdos como também das condições históricas, sociais e culturais da produção do conhecimento científico. E, também, dá ênfase à integração do conhecimento científico e tecnológico e das competências a eles associados nos repertórios de recursos cognitivos e críticos necessários à participação na sociedade e ao exercício ativo da cidadania.

Após a submissão do capítulo do livro, deu-se início à discussão da melhor plataforma para sua divulgação. A opção pelo Instagram baseou-se no fato de que esta mídia social tem sido amplamente divulgada e utilizada para os mais diversos fins, sejam eles profissionais ou de entretenimento. Essa rede social tornou-se popular em razão de sua diversidade de recursos, tal como de divulgação textual e imagético, tanto na forma de fotos ou de vídeos, além de interações ao vivo, na forma de aulas. Ressalta-se também que esta é a quinta rede social com o maior número de usuários do mundo.

Todas essas possibilidades disponibilizadas por essa ferramenta, tornam-se também muito atraentes para a divulgação científica, pois as ações poderiam ser realizadas ao vivo, interagindo com o público. Uma outra facilidade é a informação, a qual fica disponibilizada na rede para ser compartilhada e acessada a qualquer momento. Ainda um outro aspecto interessante do Instagram é a possibilidade de interação entre os internautas e os autores de materiais de divulgação científica publicados na rede. A escolha de plataformas que permitam ao leitor fazer comentários tornou-se indispensável para compreender quais as demandas de interesse dos interlocutores, bem como sua opinião, abrindo portas para debates com outros interessados no conteúdo.

Segundo McMillen (2013), materiais de divulgação científica publicados em plataformas *online*, que incluem comentários interativos, conferindo ao internauta a oportunidade de ter papel ativo na produção de conteúdo e na mídia, possibilitam que os comentários também sirvam como espaço de interação social entre os internautas, os quais compartilham suas opiniões e discutem concordâncias ou discordâncias, expandindo a comunicação sobre o tema abordado no conteúdo divulgado.

Após as escolhas dos temas e da criação da rede social com o nome do projeto Química fotografia e arte, criou-se um calendário de postagens, sempre em linguagem acessível, e um calendário de divisão de tarefas. A frequência inicial de postagens foi de três vezes por semana, mas sem definição específica dos dias da semana e horários da publicação, uma vez que ainda não havia um público formado. Os temas escolhidos foram:

Dicionário fotográfico – a descrição e explicação de termos da fotografia digital, analógica e dos processos fotográficos químicos, com textos e imagens didáticos. O objetivo desses posts foi de atingir professores de química, mas também a população em geral, que ouve os termos e não estão familiarizados com seu significado.

Aspectos químicos e históricos-científicos dos processos – o conteúdo dos posts, traz informações que mostram os processos fotográficos indo muito além da arte, sendo científicos. Sempre apresentando novas informações aos artistas e possibilidades aos professores de química e de ciências.

Posts de Resultados de estudos – no presente projeto foram desenvolvidas metodologias para o uso dos processos fotográficos, como ferramentas de ensino e com uso de materiais alternativos.

Lives – realizadas uma vez por mês, com temática que o próprio público envia como dúvidas. Houve participação em uma das lives de um professor convidado para abordar o tema de meio ambiente e o descarte de reagentes dos processos.

Desde que o Instagram do projeto foi criado, em agosto de 2020, foram realizados mais de 50 posts, somando mais de 800 seguidores em apenas 4 meses. Além da produção de três vídeos curtos: um mini tutorial sobre como fazer cianotipia, um mini tutorial sobre como fazer negativos digitais, e um vídeo curto sobre a importância de ter conhecimentos de química para entender o processo de cianotipia. Outro produto do projeto foi a participação na 1ª Semana virtual do IFRJ, a SACEPI – Semana de Artes, Cultura, Extensão Pesquisa e Inovação, com a submissão de um minicurso *online* de quatro horas, intitulado Cianotipia, um projeto de Química fotografia e Arte, ministrado pela equipe do projeto. As vagas disponibilizadas foram esgotadas, tivemos 40 participantes e um feedback positivo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante destacar a importância da elaboração e realização do minicurso *online*, uma vez que o projeto foi idealizado para ser realizado de forma presencial, sendo um projeto de cunho teórico-prático. O desenvolvimento da alternativa *online* de um minicurso de cunho teórico com alta aceitação, foi importante para a percepção de outros caminhos a serem explorados.

Iniciar o projeto utilizando apenas uma rede social também foi um importante aprendizado. A presença de divulgação científica nas redes sociais, com a possibilidade de interação por meio de comentários, mostra-se importante não apenas para divulgar o conhecimento, mas como uma ferramenta educativa, que professores e alunos passam utilizar a ferramenta não apenas como consumo de conteúdo, mas como atores de seu próprio aprendizado.

Além disso, a divulgação científica na forma de projeto de extensão, com a presença de bolsistas de graduação, atua na formação desses futuros profissionais, possibilitando a aproximação entre a linguagem e as ferramentas de divulgação científica dos discentes universitários, que atuarão como pontes entre o conhecimento produzido nas universidades e a sociedade. Para finalizar, as perspectivas do projeto são: dar continuidade à produção de materiais *online*, criando um site, um blog, além de oferecer o minicurso *online* na forma de curso de extensão. Quando as atividades presenciais da UFJF retornarem, as atividades práticas também serão novamente ofertadas.

REFERÊNCIAS

FIORITO, P.A.; POLO, A.S. A New Approach toward Cyanotype Photography Using Tris-(oxalato)ferrate(III): An Integrated Experiment. *Journal of Chemical Education*. Trad. Andrea Eichenberger. v. 92, n. 10, p. 1721–1724, 13 out. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1021/ed500809n>. jan./jun. 2015. Acesso em: 10 nov. 2020.

KEMSLEY, Jyllian. Chemistry as Art. *Chemical & Engineering News Archive*, v. 81, n. 32, p. 22–23, 11 ago. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1021/cen-v081n032.p022>. Acesso em: 10 nov. 2020.

MCMILLEN, S. *Threads of Deliberation: a textual analysis of online news comments*. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Universidade de Ohio, Ohio, 2013. Disponível em: https://etd.ohiolink.edu/!etd.send_file?accession=ohiou1368025601&disposition=inline. Acesso em: 10 nov. 2020.

PORTO, C.M.; MORAES, D.A. Divulgação científica independente na internet como fomentadora de uma cultura científica no Brasil: estudo em alguns blogs que tratam de ciência. In: PORTO, C. M. (org). *Difusão e cultura científica: alguns recortes [online]*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 93-112. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 10 nov. 2020.

ROCHA, M.; MASSARANI, L. Divulgação Científica na Internet: um estudo de caso de comentários feitos por leitores em textos da ciência hoje das crianças [online]. *Revista de Educação em Ciência e Tecnologia*, v. 9, n. 1, p. 207-233, maio 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1982-5153.2016v9n1p207>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SATTAR, Simeen. The chemistry of photography: still a terrific laboratory course for nonscience majors. *Journal of Chemical Education*, v. 94, n. 2, p. 183–189, 14 fev. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1021/acs.jchemed.6b00400>. Acesso em: 10 nov. 2020.

WARE, Mike. Prussian Blue: artists' pigment and chemists' sponge. *Journal of Chemical Education*, v. 85, n. 5, p. 612, 1 mai. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1021/ed085p612>. Acesso em: 10 nov. 2020.

Revista “Nós da escola”: possibilidade de construção e fortalecimento de vínculos¹

Mariana Dominato Abrahão Cury²

Ana Rosa Costa Picanço Moreira³

Camila Israel Gomes Joviano⁴

Eliza Kelly Grosman Amorim⁵

Maria Tereza Aguiar Parreira⁶

Marina Salomé Campos⁷

Pedro Hugo Vilanova Fernandes Nogueira⁸

Sarah Elen Souza Oliveira⁹

¹Ações interdisciplinares na escola: reestruturação pedagógica dos ambientes. Projeto de Extensão.

²Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenadora do projeto. E-mail: mariana.cury@arquitetura.ufjf.br.

³Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Vice-coordenadora do projeto. E-mail: anarosamaio6@gmail.com.

⁴Graduação em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista da ação de extensão. E-mail: camila.joviano@estudante.ufjf.br.

⁵Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária da ação de extensão. E-mail: elizakellyga@gmail.com.

⁶Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária da ação de extensão. E-mail: maria.aguiar@arquitetura.ufjf.br.

⁷Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista da ação de extensão. E-mail: marinascampos18@hotmail.com.

⁸Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária da ação de extensão. E-mail: pedrohugo6@gmail.com.

⁹Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntária da ação de extensão. E-mail: sarah.oliveira@arquitetura.ufjf.br.

Revista “Nós da Escola”: possibilidade de construção e fortalecimento de vínculos

1 INTRODUÇÃO

O projeto de extensão Ações interdisciplinares na escola: reestruturação pedagógica dos ambientes nasceu do diálogo entre as Faculdades de Educação e de Arquitetura e Urbanismo acerca da importância da concepção de ambientes educadores que possam, a partir de seus arranjos e de suas organizações, apresentar uma estrutura espacial que favoreça o processo de aprendizagem.

Inicialmente, o projeto apresentou-se como um dispositivo para o desenvolvimento de ações interdisciplinares em espaço físico escolar, a fim de melhor adequar o arranjo e ampliar a capacidade pedagógica das edificações escolares. Partiu-se do entendimento de que as escolas são ambientes histórica e culturalmente organizados, onde a vida de crianças e adultos acontece por meio de relações de significação com objetos e pessoas presentes nas práticas pedagógicas. Diversos estudos têm apontado para a relação entre os aspectos físicos do ambiente e a aprendizagem (Frago e Escolano, 2001; Leucz, 2001). Infelizmente, quase sempre os ambientes de educação coletiva reproduzem uma lógica estrutural padronizada, menosprezando as especificidades de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Muitas vezes, os ambientes de educação coletiva são desenhados a partir de padrões, que desconsideram a diversidade humana e, sobretudo, os períodos do desenvolvimento infantil, os quais apresentam características distintas, alterando-se significativamente em um curto espaço de tempo.

O projeto traz, portanto, a proposta de pensarmos a reestruturação espacial de ambientes escolares e justifica-se, assim, pela possibilidade de responder a demandas mais gerais da relação entre qualidade do espaço e qualidade do aprendizado, atribuindo aos espaços reformados qualidades pedagógicas, que poderão contribuir para práticas educadoras mais interessantes, seguindo a estruturação metodológica da escola, prevista no seu Projeto Político Pedagógico. Reforça-se, assim, a reverberação do projeto de extensão na construção de um espaço, que participa diretamente dos processos educacionais.

A partir disso, considerou-se a importância de se estabelecer um diálogo entre Universidade e Escola, para que as ações se constituíssem de forma participativa e colaborativa, assegurando as relações de pertencimento e de identidade com o lugar (Cavalcanti e Elali, 2011).

Esse diálogo deveria considerar a participação ativa da direção, da coordenação, dos professores e das professoras, da equipe técnica, dos alunos e das alunas e de seus familiares na discussão e na construção das propostas. Para tanto, reuniões, oficinas teórico-práticas e mutirões foram previstos no cronograma do projeto.

A parceria estabelecer-se-ia com a Secretaria Estadual de Educação e com a Escola Estadual Dr. Clemente Mariani. Essa escola encontra-se situada no bairro Carlos Chagas, em Juiz de Fora/MG, está localizada no final da Rua Eunice Weaver, uma via sem saída e periférica em relação ao contexto geral do bairro. Essas condições de

localização contribuem para certo isolamento da instituição, que possui pouca articulação com o bairro e, conseqüentemente, com a comunidade local.

No início do projeto, instaurou-se o cenário de pandemia, que provocou o fechamento das escolas, inclusive da Escola Estadual Dr. Clemente Mariani. Em um primeiro momento, a equipe do projeto de extensão, composta por professoras e estudantes das Faculdades de Educação e de Arquitetura e Urbanismo, estruturou-se a partir de reuniões e discussões sobre conteúdos, os quais pudessem ampliar os olhares e criar o envolvimento necessário da equipe nos universos, que tangenciam o projeto, utilizando-se de plataformas virtuais e de ambiente de ensino remoto.

Na escola Dr. Clemente Mariani, o ambiente educacional também deixou de ocupar os espaços físicos da edificação escolar para ocupar espaços virtuais e remotos, demandando de grande sensibilidade e adaptação de toda a comunidade envolvida com a escola.

Diante da impossibilidade de acessarmos o espaço físico da escola e de realizarmos as propostas com equipe escolar, famílias e crianças de forma presencial, passou-se a uma nova formulação de cronograma e de atividades, que pudessem permitir a continuidade do projeto de extensão em ambiente remoto sem comprometimento de algumas premissas fundamentais, como participação efetiva da comunidade escolar e o valor do meio nos processos de ensino-aprendizagem.

2 METODOLOGIA

As mudanças provocadas pelo contexto de pandemia exigiram da equipe do projeto extensionista um novo pensar metodológico, o qual pudesse manter a premissa essencial de que as ações desenvolvidas tivessem viés interdisciplinar, dialético e dialógico.

As primeiras reuniões aconteceram apenas com a participação da equipe do projeto, e foram pautadas no estudo teórico acerca do tema da arquitetura escolar e na leitura de autores, que abordavam as relações pessoa-ambiente, especialmente nas áreas de Psicologia Ambiental e Arquitetura. Definiu-se um cronograma de reuniões semanais, em ambiente virtual, para discussão de conteúdos teóricos e também para o planejamento e organização de ações possíveis. Nesse momento, a escola parceira encontrava-se também em processo de adaptação de sua equipe interna à nova realidade posta.

Assim, iniciaram-se as reuniões remotas da equipe do projeto com a equipe da escola, em que foi possível apresentar o projeto original e discutir as principais ideias, demandas e dificuldades da escola, que foram reveladas com a paralisação das aulas presenciais, bem como a construção coletiva de possíveis ações a serem implementadas pela escola, junto às crianças e famílias. As primeiras ideias levantaram a possibilidade de ações investigativas baseadas em métodos qualitativos de análise de pós-ocupação (Rheingantz *et al.*, 2009), as quais pudessem ser adaptadas ao formato virtual. Percebeu-se, no entanto, a partir dos relatos da equipe escolar, que qualquer ação investigativa ficaria comprometida, pois havia baixa participação das famílias e das crianças nas atividades propostas pela escola. Sendo assim, optou-se pelo desenvolvimento de algum material personalizado, que tivesse como principal objetivo reforçar o vínculo escola-comunidade diante do contexto de isolamento e distanciamento social. A efetiva participação da escola no processo possibilitou

incorporar a esse material conteúdos que comunicassem diretamente com a vivência das crianças na escola e que pudessem fazer emergir uma memória afetiva. E também possibilitou a coleta de informações e depoimentos das próprias famílias, reforçando a ideia da construção colaborativa de um material exclusivo e personalizado.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

A partir das leituras, discussões e reuniões realizadas com a escola parceira, foi possível a readequação do projeto extensionista ao atual contexto, atendendo às demandas apresentadas pela escola diante da ocupação deste novo espaço de trocas: o espaço remoto.

O produto desenvolvido no âmbito do projeto foi uma revista interativa, a qual denominamos Nós da Escola. Esse título foi baseado na ideia de a revista ser um recurso para manter e estreitar vínculos entre a escola e as famílias das crianças, visto que a baixa adesão das crianças nas atividades e a pouca interação com as famílias foram as queixas mais frequentes relatadas pela equipe escolar nas reuniões.

A revista precisava oferecer conteúdos informativos e reflexivos de caráter afetivo e lúdico, os quais contemplassem tanto o contexto de pandemia quanto a identidade da escola. Esse recurso iria na contramão das apostilas com conteúdos apresentados de forma padronizada enviadas pela escola às famílias com o objetivo de cumprir com os conteúdos escolares.

Desse modo, o material foi estruturado a partir da combinação de textos e brincadeiras relacionadas aos conteúdos abordados. Dentre as brincadeiras propostas, o jogo da memória no centro da revista traz desenhos de crianças (simbolizando as amigadas), de ambientes da escola, e também de alguns funcionários, pretendendo valorizar as memórias afetivas construídas por meio das experiências vivenciadas na escola. Algo que também teve grande valor, foram os depoimentos dados por alguns familiares, e que foram incorporados aos conteúdos. Nas falas, as famílias puderam comentar sobre a pandemia e sobre a escola, dando ainda mais significado ao material.

A revista contou com uma personagem importante, a Eunice, que foi responsável por apresentar todo o seu conteúdo, atuando como interlocutora e reforçando o caráter afetivo e lúdico da proposta. A personagem homenageia a ativista Eunice Weaver, que dá nome à rua, onde a escola está localizada. Eunice Weaver foi também fundadora do Educandário Carlos Chagas, importante instituição, que presta assistência a pessoas com deficiência em situação de vulnerabilidade social, sendo referência para o bairro e para a comunidade. Eunice aparece na revista em ilustrações autorais, elaboradas por um dos discentes participantes da equipe extensionista. As ilustrações narram passagens da história real de Eunice e complementam as atividades propostas na revista.

Ainda na direção de inserir elementos significativos e personalizados, foi criada por outra discente do projeto a imagem de uma corda formando um círculo com três nós os quais representam os vínculos entre escola, estudantes e famílias, que ilustrou junto ao desenho da escola a capa da revista.

Antes da finalização da revista, todo conteúdo foi apreciado pela equipe escolar e passou por diversas revisões.

Para que a revista chegasse a todas as crianças e famílias, era preciso fazer a sua impressão. Assim, foi feita a rifa de um produto doado ao projeto para financiar a impressão de 150 exemplares. E antes de sua efetiva distribuição, foi encaminhado às famílias um pequeno vídeo explicando a iniciativa da revista.

As revistas foram distribuídas às famílias e crianças pela equipe escolar no dia 18 de novembro de 2020. A entrega foi organizada pela diretora da escola.

Acredita-se que a revista favoreceu o estreitamento do vínculo escola-crianças-famílias, visto que valorizou aspectos contextuais e significativos presentes na realidade desses sujeitos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Ações interdisciplinares na escola: reestruturação pedagógica dos ambientes proporcionou discutir e estudar o ambiente escolar e as suas possibilidades de conformação, mas resultou também na ressignificação dos conhecimentos teóricos a partir de contextos reais, atendendo demandas existentes na cidade de Juiz de Fora e podendo assim contribuir com a aproximação da comunidade com a universidade e com o que ela pode oferecer.

Foi possível, mesmo em contexto excepcional, construir, de forma compartilhada entre docentes, discentes e comunidade, conhecimentos e estratégias de enfrentamento da pandemia por meio de ações extensionistas.

Espera-se que essa experiência possa contribuir para o repensar e o reinventar da extensão universitária de modo a continuar presente no cotidiano da comunidade.

REFERÊNCIAS

BUFFA, E.; PINTO, G.. *Arquitetura e educação: Organização dos Grupos Escolares Paulistas, 1893 – 1971*. São Carlos, Brasília: EduFScar, INEP, 2002.

CAVALCANTI, Sylvia; ELALI, Gleice (orgs.). *Temas básicos em Psicologia Ambiental*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

FRAGO, A.V.; ESCOLANO, A. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. ed. 2. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso *et al.* *Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-graduação em Arquitetura, 2009.

Transformando Poupadores em Investidores: alternativas vantajosas, boa rentabilidade e riscos controláveis

Keven de Oliveira Ornelas¹

Lucas Fernandes de Souza Costa²

Luis Paulo Santos Camargo³

Adriano Freitas de Azevedo⁴

¹ Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista do projeto de extensão. E-mail: kevendm@hotmail.com.

² Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntário do projeto de extensão. E-mail: lucascosta960718@bol.com.br.

³ Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Voluntário do projeto de extensão. E-mail: luisuffj2019@gmail.com.

⁴ Departamento de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenador do projeto de extensão. E-mail: adriano.freitas@ufff.br.

Transformando Poupadores em Investidores: alternativas vantajosas, boa rentabilidade e risco controláveis

1 INTRODUÇÃO

Em 1990, o banco Bamerindus promoveu uma propaganda musical de sua caderneta de poupança com o ator Toni Lopes que dizia: “O tempo passa, o tempo voa e a ‘Poupança Bamerindus’ continua numa boa... é a ‘Poupança Bamerindus’!”. De correto nessa frase, tem-se apenas que o tempo passa e passa muito rápido, já o banco Bamerindus não existe mais e a poupança, independente da instituição financeira, não continua numa boa, aliás, é considerada pelos analistas de mercado como o pior investimento.

O rendimento da poupança é indexado à taxa de juros Selic, que finalizou o ano de 2020 a 2% a.a., menor valor desde o início da série histórica em 1996 (UOL, 2021). Portanto, a poupança rende nos dias atuais 1,4% ao ano (70% da taxa Selic). Por outro lado, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo – 15 (IPCA-15), que mede a prévia da inflação oficial, fechou o ano estimado em 4,23% (IBGE, 2021). Baseado nesses valores, pode-se afirmar que a caderneta de poupança apresenta ganho real negativo, ou seja, perda de poder de compra da população. Mas, de acordo com o Banco Central (2021), os investidores depositaram R\$166,31 bilhões a mais do que retiraram da aplicação. Esse resultado é o maior já registrado em um ano, desde o início da série histórica, em 1995.

Pesquisa, realizada pelo Anbima (Associação Nacional das Instituições do Mercado Financeiro, 2017), revelou que para o investidor brasileiro, a segurança é o principal motivo, o qual o leva a investir. Ele não enxerga os produtos financeiros como uma forma de maximizar o patrimônio ou auferir ganho, mas como uma maneira de guardar o que economizou em um lugar seguro.

Em outra pesquisa realizada pelo SPC Brasil (2019), dos 74% de poupadores que aplicam em alguma modalidade de investimento, a caderneta de poupança é o principal destino, citada por 60%. O tesouro direto desponta como o segundo tipo de investimento mais popular do país, mencionado por 11%. Depois aparecem os fundos de investimentos (8%), previdência privada (6%) e CDBs (6%). Apenas 3% dos poupadores investem em ações, que ficam à frente das LCI e LCAs (2%) e das criptomoedas (2%). Entre os que poupam habitualmente, proteger-se contra imprevistos é a principal razão (52%). Em seguida, aparece a intenção de garantir um futuro melhor para a família (37%) e a intenção de abrir um negócio próprio (17%). Já a aposentadoria, que deve ser prioridade como um planejamento de longo prazo, foi lembrada por apenas 17% desses poupadores.

Diante desta realidade, o projeto de extensão *Transformando Poupadores em Investidores* surgiu para auxiliar a população economicamente ativa, do município de Governador Valadares e região, como funcionários de organizações públicas e privadas, profissionais liberais, lojistas e comerciantes, estudantes e pessoas poupadoras de recursos financeiros, que necessitam de suporte e apoio na tomada de decisão em investimentos financeiros.

O projeto de extensão justifica-se, pois promove a geração de conhecimento e capacita o cidadão tornando-o mais qualificado e preparado para escolher entre as diversas opções de aplicações financeiras aquela que melhor se identifica com o seu perfil e seus objetivos, promovendo uma melhor qualidade de vida e financeira, e também mais estruturada.

Apesar das informações estarem acessíveis de forma rápida por meio da internet, os usuários muitas das vezes veem-se confusos, diante da quantidade de dados/textos publicados na web, além da dificuldade de identificar a qualidade e veracidade dessas informações, aliado a falta de tempo e pressa dos dias atuais, desestimulando-o a buscar esses recursos, como forma de obter mais conhecimento sobre assuntos de interesse. Dentro desse contexto, o projeto tem por objetivos disseminar conhecimento sobre aplicações financeiras e capacitar o indivíduo para tomada de decisão em investimentos, de modo mais assertivo, por meio de um ambiente de aprendizado mais leve e com uma linguagem simples e focada na necessidade do cidadão, motivando-o e despertando seu interesse no assunto.

2 METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos, inicialmente, planejou-se a realização de atividades presenciais com os beneficiários do projeto para discutir sobre investimentos financeiros, como palestras, rodas de conversas, cursos de capacitação etc. Em razão da pandemia, as ações metodológicas foram readaptadas e as atividades foram realizadas de maneira remota, sendo feitas as reuniões, com os coordenadores e alunos do projeto, para discussão e acompanhamento das tarefas, via Google Meet e os materiais desenvolvidos e disponibilizados nas redes sociais: Instagram e Facebook.

O projeto iniciou em agosto de 2020. Primeiramente os alunos fizeram uma revisão da literatura e pesquisa bibliográfica sobre diferentes modalidades de investimentos financeiros, que apresentam rentabilidades superiores à caderneta de poupança e riscos similares, tais como, títulos públicos, Certificado de Depósito Bancário (CDB), Letras de Crédito Imobiliário (LCI), Letras de Crédito do Agronegócio (LCA) e debêntures. Foram utilizados como fontes de consultas livros, artigos científicos, e-books e bancos de dados disponíveis nos sites de instituições financeiras, por exemplo, Tesouro Direto (TD) (2020), Bolsa de Valores - B3 (2020), Comissão de Valores Imobiliários (CVM) (2020), Banco Central (Bacen) (2020) etc. Posteriormente, os alunos participaram de cursos de capacitação *online*, disponíveis no site da Anbima (2020) para aperfeiçoar ainda mais seus conhecimentos sobre os assuntos abordados dentro da área temática de finanças.

Em seguida, diversos materiais educativos foram confeccionados para os leitores, com objetivo de orientar e proporcionar conhecimentos básicos sobre finanças, além de informações sobre investimentos e das diferentes opções de investimentos em renda fixa, todos elaborados pelos alunos, como títulos públicos, CDB, LCI, LCA e debêntures. Esses materiais apresentaram basicamente informações sobre: definição, rentabilidade, risco, taxas e tributos, vantagens e desvantagens e uma simulação gráfica comparativa com a caderneta de poupança. Todos os materiais foram divulgados nas redes sociais do projeto: Instagram e Facebook. Esses materiais visam compartilhar informações e conhecimento com a população sobre diferentes aplicações financeiras, alternativas à caderneta de poupança.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

Conforme mencionado anteriormente, as ações metodológicas do projeto precisaram ser readaptadas devido à pandemia. O isolamento social forçou os alunos a desenvolverem todas as tarefas do projeto em sua residência. As reuniões para discussões, levantamento de demandas e acompanhamento, bem como dúvidas e aprendizados foram realizadas via Google Meet. As reuniões ocorriam em intervalos periódicos a cada dez dias, mais ou menos. Também, criou-se um grupo via Whatsapp do projeto para suporte, realizar agendamento de reuniões, esclarecimentos de dúvidas, envio de materiais e feedbacks. Embora, na maioria das vezes as reuniões fossem bem sucedidas, era comum alguns problemas, por exemplo, os integrantes terem dificuldades para ouvir ou falar, em função dos meios tecnológicos utilizados, devido a conexão lenta, microfone e câmera não funcionando adequadamente, a “saída” inesperada da reunião porque a conexão de algum integrante do projeto caiu e seu retorno posterior, necessidade de repetir a fala etc.

Em relação em como capacitar os alunos e aumentar seu nível de conhecimento sobre investimentos financeiros, a ação a ser adotada praticamente não foi alterada, visto que eles deveriam acessar sites e bancos de dados de instituições financeiras, além de sites de periódicos e artigos científicos para fazer a revisão da literatura. Outra atividade necessária foi à realização de cursos de capacitação que também deveriam ser feitos de forma online. Logo, estas tarefas foram cumpridas praticamente conforme planejadas no início do projeto, não sendo apenas dado o treinamento presencial pelos professores coordenadores do projeto. Esta parte foi realizada pelo Google Meet.

Quanto aos objetivos propostos, apesar das mudanças estabelecidas nas ações tentou-se alcançar todos. Assim, as atividades presenciais, que previam debates, ministração de palestras e reflexões em rodas de conversas foram substituídas por ações de produção de vídeos e slides com conteúdo de investimentos financeiros, os quais foram publicados nas redes sociais e estão disponíveis para o público em geral. Cabe ressaltar, que com a pandemia e devido ao isolamento social, os cursos de capacitação em investimentos financeiros para os beneficiários do projeto não puderam ser realizados. Espera-se, em um momento oportuno desenvolver cursos de capacitação *online* ou com o fim da pandemia, ofertar os cursos presenciais (demandas futuras).

Um dos maiores desafios encontrados nesse período de pandemia foi a utilização dos recursos tecnológicos, como a edição de vídeo, visto que o grupo não possuía habilidade para a realização dessa tarefa, mas, no decorrer do tempo foi sanada, por meio de dedicação e pesquisa de vídeos na internet, os quais orientaram como operar ferramentas de edição de vídeo.

Apesar das dificuldades relatadas devido ao momento de distanciamento social, as atividades propostas até o momento foram cumpridas, diversos materiais educativos sobre investimentos financeiros em renda fixa foram disponibilizados e atualmente 147 seguidores, somando as contas do facebook e Instagram, já acessaram esses conteúdos. Pretende-se ainda, desenvolver e publicar materiais educativos sobre renda variável, gerando mais conhecimento e ampliando as opções de investimentos para os beneficiários do projeto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto iniciou com propostas (objetivos) e metas a serem cumpridas. No entanto, uma crise de saúde sem precedentes alterou o andamento das ações do projeto. Com o intuito de atingir os objetivos propostos, foram estabelecidas novas metas e com elas a necessidade de novos aprendizados. A interação e motivação do grupo, em aprender, em fazer e ver os resultados não foram minimizados em função da pandemia. Desde o seu início, em agosto, as tarefas vêm sendo desenvolvidas com sucesso. Outras tarefas ainda serão realizadas até o término do projeto.

Por fim, pode-se afirmar que a pandemia e o isolamento social imposto à sociedade contribuíram para potencializar o conhecimento da equipe do projeto, já que as ferramentas tecnológicas necessárias para o desenvolvimento das tarefas, só foram apreendidas devido à situação atual em que se encontram os alunos e professores. Cabe ressaltar ainda, que essa mesma situação nos fez perceber que somos capazes de nos adaptar, continuar evoluindo e buscar meios e soluções de dar sequência às atividades cotidianas.

REFERÊNCIAS

ANBIMA. *Cursos online sobre Mercado Financeiro, Investimentos – Gestão*. Disponível em: <https://cursos.anbima.com.br/home.asp?sslloop=1>. Acesso em: 10 dez. 2020.

ANBIMA. *O raio X do investidor*. 2017. Disponível em: https://www.anbima.com.br/pt_br/especial/raio-x-do-investidor-2018.htm. Acesso em: 08 jan. 2021.

B3. *Bolsa de Valores – Educação*. Disponível em: http://www.b3.com.br/pt_br/b3/educacao/. Acesso em: 10 dez. 2020.

BANCO CENTRAL. *Relatório de poupança*. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estatisticas/relatoriopoupanca>. Acesso em: 08 jan. 2021.

BANCO CENTRAL. *Publicações e pesquisas*. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/publicacoes>. Acesso em: 10 dez. 2020.

CVM. *Biblioteca CVM*. Disponível em: http://biblioteca.cvm.gov.br/scripts/bnportal/bnportal.exe/index#acao=busca_per&alias=geral&xsl=vbiblper0&exp=bolsa%20de%20valores&invert=1. Acesso em: 10 dez. 2020.

IBGE. *Painel de indicadores*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/indicadores>. Acesso em: 08 jan. 2021.

SPC BRASIL. *Apenas 16% dos poupadores diversificam seus investimentos, mostra indicador CNDL/SPC Brasil*. 2019. Disponível em: <http://site.cdlluazeirodonorte.org.br/apenas-16-dos-poupadores-diversificam-seus-investimentos-mostra-indicador-cndlspc-brasil/>. Acesso em: 08 jan.2021.

TESOURO DIRETO. *Aprenda a investir*. Disponível em: <https://www.tesourodireto.com.br/como-investir/aprenda-a-investir.htm>. Acesso em: 10 dez. 2020.

UOL. *BC reduz juros pela 9ª vez, a 2% ao ano, o menor nível da história*. Disponível em: [https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/08/05/bc-copom-juros-selic-5-agosto.htm?cmpid=copiaecolahttps://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/08/05/bc-copom-juros-selic-5-agosto.htm#:~:text=Juros-,BC%20reduz%20juros%20pela%209%C2%AA%20vez%2C%20a%202%25%20ao%20ano,o%20menor%20n%C3%ADvel%20da%20hist%C3%B3ria&text=O%20Copom%20\(Comit%C3%AA%20de%20Pol%C3%ADtica,da%20s%C3%A9rie%20hist%C3%B3rica%2C%20em%201996>](https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/08/05/bc-copom-juros-selic-5-agosto.htm?cmpid=copiaecolahttps://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/08/05/bc-copom-juros-selic-5-agosto.htm#:~:text=Juros-,BC%20reduz%20juros%20pela%209%C2%AA%20vez%2C%20a%202%25%20ao%20ano,o%20menor%20n%C3%ADvel%20da%20hist%C3%B3ria&text=O%20Copom%20(Comit%C3%AA%20de%20Pol%C3%ADtica,da%20s%C3%A9rie%20hist%C3%B3rica%2C%20em%201996>). Acesso em: 09 jan. 2021.

Utilização de recursos virtuais no ensino de conteúdos para a tutoria Enem no contexto do COVID-19¹

Arthur Soares Mesquita²
Laura Maria Rezende Ribeiro³
Lucas dos Santos Silva⁴
Matheus Lucas de Souza Costa⁵
Rosilene de Oliveira Pereira⁶

¹ Tutoria ENEM. Projeto de Extensão.

² Graduando Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: arthur.mesquita@engenharia.ufjf.br.

³ Graduanda em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: laura.rezende@engenharia.ufjf.br.

⁴ Mestrando em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: lucas009911@gmail.com.

⁵ Graduando Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: matheus.lucas@engenharia.ufjf.br.

⁶ Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenadora. E-mail: profa.rosilene1966@gmail.com.

Utilização de recursos virtuais no ensino de conteúdos para a tutoria Enem no contexto do COVID-19

1 INTRODUÇÃO

Trata-se de um relato de experiência acadêmica na utilização de recursos virtuais para o ensino de conteúdos abordados no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), visto que a estruturação, administração e execução desse ensino, durante a pandemia COVID-19, deram-se apenas por meios remotos.

É importante evidenciar que o público alvo foram os cotistas, sendo alunos do 3º ano do Ensino Médio; alunos já formados nesse nível de escolaridade e, ainda, trabalhadores da comunidade, não só de Juiz de Fora, mas também de Matias Barbosa, Santos Dumont, Bicas e outros estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Tal projeto teve como metas orientar e preparar alunos de contextos socioeconômicos menos favorecidos, objetivando terem o melhor aproveitamento possível na prova do ENEM 2020, além de contribuir na formação de nossos graduandos das diversas áreas e cursos da UFJF, principalmente, cursos de licenciatura e, também, pós-graduandos, que permanecem na sua formação continuada.

Mais do que um projeto desenvolvido durante a pandemia COVID-19, o Tutoria Enem foi concebido como uma tentativa de resposta às transformações instauradas pelo contexto pandêmico, não só nas relações de ensino aprendizagem, como também no quadro mais amplo da educação pública brasileira. Com o estabelecimento da necessidade de implementação de medidas de isolamento social, a pandemia acabou por colocar em suspensão aspectos fundamentais e cotidianos da escola, tensionando as mais diversas formas de conceber e atuar no espaço escolar. Ao interromper o contato presencial na sala de aula, o contexto da pandemia impôs – de modo urgente – a demanda pela reformulação das metodologias de ensino e das formas de mediação e didatização do conhecimento, fazendo com que questionássemos como definir as novas práticas, as quais se apresentavam como alternativas ao ensino presencial.

Em função da dificuldade de coordenação e implementação de formas remotas e emergenciais de ensino na educação básica, a educação de milhões de alunos dependentes da rede pública foi parcial ou integralmente interrompida. Em pouco tempo, e de modo ainda mais acentuado no contexto pandêmico, as desigualdades socioeconômicas reforçaram clivagens já profundas nas condições de acesso à educação, comprometendo – além de seu processo formativo – as chances de ingresso na universidade daqueles jovens, que dependem do ensino público. Afinal, segundo Gadotti (2011) é necessário uma escola pública para todos, adequada à realidade, em que está inserida, para que seja de qualidade. É esse o contexto fundamental para a compreensão tanto do surgimento do Tutoria ENEM quanto de diversas mudanças ao longo de seu desenvolvimento.

2 METODOLOGIA

O trabalho iniciou-se em abril de 2020, quando ocorreram as primeiras conversas com alguns estudantes cotistas, os quais prestariam o ENEM, nesse contexto

pandêmico. Posteriormente, foi criado um grupo com alunos de graduação vindos, principalmente, das áreas de exatas, que estavam dispostos a seguir com a ideia de auxiliar jovens e adultos vestibulandos. Nesse momento, iniciou-se uma busca por mais estudantes de outras áreas do conhecimento (humanas e saúde), os quais poderiam contribuir no projeto, não só com aulas, mas também em elaborar cronogramas e pensar os conteúdos a serem abordados nas aulas, para que a partir disso as equipes responsáveis por cada disciplina se organizassem e as providências para início do curso fossem tomadas. Graduandos não só da UFJF, mas de outras universidades como UFSJ, UFMG e outras tiveram interesse em participar do projeto.

Definida a equipe completa, o próximo passo foi encontrar um representante para cada disciplina. Esse coordenaria a equipe e deveria definir, organizar e disponibilizar os conteúdos e fariam reuniões semanais para tomada de decisões, referentes ao funcionamento do curso. Após esse processo, iniciou-se, via rede social, a divulgação de vagas, buscando atrair pessoas que se interessassem em ser alunas do projeto.

Finalmente, em julho de 2020, iniciaram-se as aulas. Foram criados vários grupos no WhatsApp, para que cada um deles representasse uma “sala de reuniões” destinada a um assunto específico. O projeto deu-se pelas plataformas do Google, como o Google Classroom, para comunicação com os alunos, o Google Drive, para armazenamento e compartilhamento de aulas gravadas e materiais e o Google Meet, para reuniões da equipe e aulas ao vivo.

Definiu-se, inicialmente, que atuaríamos disponibilizando materiais de estudo, tirando dúvidas e, apenas, ocasionalmente, realizando aulas *online*, ao vivo. Porém, constatou-se que o contato síncrono com os estudantes seria parte fundamental de seu processo formativo e preparatório, já que muito mais do que um conjunto de conteúdos os alunos ingressantes no projeto buscavam a possibilidade de estabelecer uma rotina de estudo menos individual e solitária. Assim, o formato de aulas semanais ao vivo em todas disciplinas mostrou-se importante na criação de uma dinâmica de estudos mais consistente e foi incorporado ao projeto. É importante destacar que para Imbernón (2011), as enormes mudanças dos meios de comunicação e da tecnologia foram acompanhadas por transformações significativas na vida institucional, modificando a transmissão do conhecimento.

Evidencia-se, a partir da opção pelas aulas síncronas, que o Tutoria ENEM foi, desde sua origem, uma constante quanto a abertura para reelaboração do projeto, em função de seu caráter recente e, principalmente, quanto às instabilidades e transformações, decorrentes da pandemia COVID-19.

Foram mais de 50 alunos da graduação e pós-graduação envolvidos. Todos buscando auxiliar jovens e adultos no sonho de ingressarem em uma faculdade. Os materiais, que serviram de base para as aulas, estavam respaldados em diversos autores e fontes, priorizando os de maior relevância e confiança, tudo dentro da matriz de conteúdos, os quais são abordados na prova do ENEM. Tentou-se buscar uma parceria com os próprios alunos para, juntos, encontrarmos a melhor metodologia, que se aplicaria ao perfil dos discentes, como por exemplo, o melhor horário para as aulas (havia alunos com filhos, ou que trabalhavam, ou que possuíam responsabilidades no ambiente domiciliar); a disponibilização das aulas gravadas para aqueles, que não pudessem assistir ao vivo; a aplicação de listas de exercícios e simulados, objetivando adequar à realidade dos alunos. Aqui é mister evidenciar que

“não há docência sem discência, as duas explicam-se e seus sujeitos, apesar das diferenças, as quais os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro” (Freire, 1996, p.,25).

Afinal, a parceria entre professor e aluno precisa acontecer no processo ensino aprendizagem, naquilo que chamamos de educação, já que o ato humano de educar dá-se no compartilhamento de vivências e experiências do professor e do aluno.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

Atuar em questões de aprendizagem, principalmente, na proposta do projeto, que era, justamente, auxiliar jovens e adultos a atingirem com êxito a prova do ENEM, a partir de uma condução responsável por parte do professor, no sentido de encaminhar sua disciplina a fim de criar uma boa estrutura, para que os alunos, de fato, aprendessem o conteúdo trabalhado, foi um dos desafios enfrentados pelos graduandos.

Assim, na dinâmica de experimentação e contínua revisão, o diálogo entre os participantes do projeto foi importante. Estabeleceu-se que semanalmente seriam realizadas reuniões virtuais internas com os professores voluntários de cada disciplina. Nessas discutiam-se propostas de reformulação do projeto; práticas, que foram efetivas e aquelas a serem modificadas. Foi a partir do diálogo, nessas reuniões, que se decidiu criar formas de divulgação para ampliar a seleção de voluntários e de alunos cotistas. Além disso, percebeu-se que o projeto poderia se desenvolver de modo mais efetivo, se fosse possível estabelecer uma vinculação institucional com a UFJF/PROEX, o que nos permitiria estabelecer contato com possíveis novos voluntários, viabilizar a gravação das aulas e, sobretudo, dialogar, aprender e trocar experiências com professores atuantes no campo da educação, os quais também enfrentavam a necessidade de implementação do Ensino Remoto Emergencial (ERE).

Um outro desafio encontrado pelo projeto foi garantir que os alunos tivessem acesso à internet, o qual lhes permitisse assistir vídeos. Com esforços de todos foi possível oferecer um plano de internet a quem precisava. De acordo com Rios (2010), para elaborar um projeto é necessário considerar os limites e as possibilidades do contexto de trabalho, definindo os princípios norteadores da ação, determinando o que queremos conseguir com o trabalho proposto, avaliando o desenvolvimento do processo. E isso foi realizado paulatinamente.

Constatou-se ainda necessidade de estabelecer formas de assistência aos alunos para além das aulas, sobretudo através do oferecimento de atendimento psicológico e de um acompanhamento mais individualizado para a construção de uma rotina e de hábitos de estudos, bem como a definição de uma listagem unificada de exercícios, contendo todas as disciplinas e divulgada semanalmente. Também essas revisões no projeto foram decisões tomadas coletivamente a partir das demandas dos estudantes do curso.

É importante salientar, ainda, a dificuldade proporcionada pelo distanciamento social, já que a falta de contato presencial com os alunos era uma situação nova e gerava estranheza na maioria das pessoas. Essa dificuldade no contato tornou-se um desafio para todos, pois interferia, inclusive, no planejamento dos conteúdos e nas trocas de informações entre os voluntários. Mas diante de todos esses desafios, ideias foram surgindo e aos poucos algumas soluções foram sendo implementadas, como o

uso das tecnologias (citadas anteriormente), que foram beneficiando o desenvolvimento do projeto, ampliando a interação entre todos e permitindo, dessa forma, que o conteúdo das doze disciplinas (História, Geografia, Sociologia, Filosofia, Português, Redação, Matemática, Química, Física, Biologia, Espanhol e Inglês), fosse trabalhado da melhor forma possível.

Para Delors (2003), os tempos modernos perturbaram os espaços educativos tradicionais. As necessidades educativas estão sofrendo e precisam sofrer alterações a partir dos progressos da ciência e da tecnologia, estabelecendo consequências sobre o trabalho e o meio em que vivem as pessoas. E o ensino é primordial nesse processo. Estamos vivenciando o momento de um início de transformações, no que tange ao processo educativo.

Em que pese as dificuldades decorrentes da comunicação não presencial, procurou-se estreitar a relação professor-aluno para abarcar as demandas dos alunos. Desse modo, criou-se as oficinas para abordar conteúdos do Ensino Fundamental para, em um segundo momento, viabilizar o estudo dos temas explorados, exclusivamente, no ENEM. Essas oficinas de debates reuniam os conteúdos das diversas áreas para dialogarem com os alunos sobre assuntos da atualidade, pensando em temas para a Redação, o que teve resultado bastante satisfatório junto aos estudantes.

Enfim, a partir dos desafios encontrados, soluções surgiram, à medida que a partilha das vivências e experiências de cada voluntário eram compartilhadas, bem como a escuta aos alunos. Os encontros entre graduandos e com os estudantes aconteciam com o objetivo de sanar dúvidas, levantar questões, sugerir demandas de ambas as partes, partilhar expectativas, ou seja, realizar um diálogo constante sobre a construção do conhecimento, do ensino, da aprendizagem, objetivando diagnósticos mais claros e precisos no processo de educação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, foi possível perceber que o diálogo entre os voluntários (graduandos) e destes com os alunos foi responsável pelo estabelecimento das iniciativas mais duradouras e com maior adesão ao projeto. E que, mais do que isso, o diálogo tornou-se central, para que se compartilhasse as diversas formas de compreender a educação e optasse, coletivamente e conscientemente, por uma concepção menos utilitária, competitiva, hierarquizante e impessoal do processo de preparação dos estudantes.

Definir, claramente, qual seria nossa forma de enxergar esse percurso preparatório para o vestibular, permitiu estabelecer como prioridade a construção de um processo formativo mais abrangente, não só para os estudantes, mas também para os graduandos das diversas áreas e cursos da universidade.

Foi muito gratificante ver alunos que, mesmo em situações de vida muito adversas, mantiveram seus esforços ativos para se prepararem para a prova do ENEM. E isso foi, sem dúvida nenhuma, um aprendizado para todos os voluntários do projeto.

Os sentimentos são mistos, na medida em que foi possível construir amizades, confiança e solidariedade. Um caminho percorrido de extrema importância para os alunos, mas, principalmente, para os licenciandos, os quais puderam colocar em prática os conhecimentos adquiridos nos seus cursos de graduação, de formação de professor.

Todavia, é preciso dizer que o maior aprendizado veio com os alunos. Foi possível perceber que ao passar por situações difíceis e desafiadoras na vida, pode-se enfrentar e seguir adiante, buscando realizar seus desejos, objetivos e sonhos. Esses alunos fizeram isso ao se dirigirem ao professor, dizendo: “muito obrigado pela aula, você me ajudou muito”. Isso é o resultado de um trabalho sério, de responsabilidade, de comprometimento e dedicação de todos os alunos graduandos voluntários deste projeto TutoriaENEM.

Neste relato, buscou-se apresentar o trajeto do projeto TutoriaENEM, no contexto do COVID-19. O ano de 2020 foi completamente atípico, mas rendeu um aprendizado gigantesco para todos.

O projeto tende a ser renovado para 2021, ampliando, na medida do possível, a participação de parceiros nas áreas da psicologia, contabilidade, assistência social, entre outros, tornando-se mais eficaz e aumentando o atendimento aos alunos cotistas.

De tudo isso, o grande aprendizado foi para os voluntários, os quais, em contato com uma situação, que não fazia parte do cotidiano da maioria dos graduandos, puderam ser levados a pensar e a conhecer uma outra realidade, mais árdua e perversa, em que um número significativo de pessoas da nossa sociedade estão inseridos.

Acredita-se que conceber esse projeto de extensão como um dever, que não se encerra ou se cristaliza em sua construção, foi relevante, para que ele sobrevivesse nesse contexto tão instável.

Ao invés de tornar o projeto estável em todos seus procedimentos, acredita-se que a abertura para a mudança e para a constante reformulação, baseada no diálogo, foi condição necessária para que ele sobrevivesse.

E, por fim, ressalta-se as dificuldades de natureza técnica e, também, socioeconômica, as quais foram identificadas a partir das narrativas dos estudantes. O TutoriaENEM foi, indubitavelmente, um ambiente, no qual se tentou aprender a ensinar e ensinar aprendendo, em uma conjuntura marcada pela incerteza.

REFERÊNCIAS

DELORS, Jacques. *Educação – um tesouro a descobrir*. ed. 8. São Paulo: Cortez; Brasília (DF): MEC/UNESCO, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. Educação de Jovens e adultos: correntes e tendências. In: GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio (org.). *Educação de jovens e adultos – teoria, prática e proposta*. ed. 12. São Paulo: Cortez, 2011, p. 35-47.

IMBERNÓN, Francisco. *Formação docente e profissional – formar-se para a mudança e a incerteza*. Tradução: Silvana Cobucci Leite. ed. 9. São Paulo: Cortez, 2011.

RIOS, Terezinha Azerêdo. *Ética e competência*. ed. 19. São Paulo: Cortez, 2010.